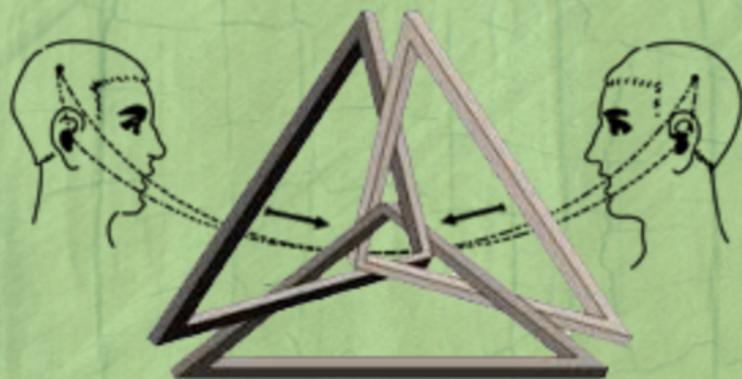


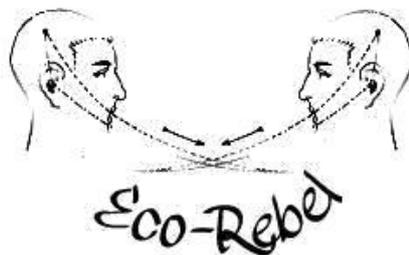
# **Ecolingüística**

**Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem  
(ECO-REBEL)**

**Volume 8, número 1, 2022**



**Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Departamento de Linguística  
Instituto de Letras  
Universidade de Brasília**



## **Editorial**

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

O primeiro artigo deste número de *ECO-REBEL*, “Climate change and new life conditions imply transformation of our cultural orders - A Dialectical Eco-linguistic contribution to an eco-civilized development”, é assinado por um dos criadores da chamada Escola Ecolinguística de Odense (Dinamarca), Jørgen Chr. Bang, juntamente com dois outros membros da escola, Jeppe Bundsgaard e Anna Vibeke Lindø. A propósito, Bang assina também o obituário de seu colega de pesquisa Jørgen Døør, como se verá mais abaixo.

O segundo texto, “Eugenio Coseriu: precursor da ecolinguística”, de Márcio M. G. Silva é uma detalhada investigação filológica com o fito de mostrar que ao longo de toda sua carreira este linguista romeno defendeu a tese de que a língua é basicamente interação e o que se chama gramática ou estrutura é um construto forjado pelo linguista ao observar as pessoas interagindo comunicativamente.

O texto número três, de Ubirajara Moreira Fernandes, intitulado “Tatiana Slama-Cazacu: linguista ecossistêmica *avant la lettre*”, vai na mesma direção do de Márcio Silva. Ele mostra que a psicolinguista romena Slama-Cazacu não só defende a mesma tese que Coseriu (língua como interação). Ela foi muito além, de modo que suas teses são inteiramente compatíveis com as da linguística ecossistêmica. Entre suas ideias incluem-se a visão holística da linguagem e a multimodalidade dos atos de interação comunicativa.

O quarto ensaio, “A (de)colonialidade em personagens de *O sertanejo*: Representações alencarinas à luz da Ecocrítica”, de Elisângela C. D. Sarmiento & Geraldo J. B. de Moura, discute as representações do sertanejo em *O sertanejo* de José de Alencar, partindo da análise do discurso e da ecocrítica. Nas palavras dos autores, nota-se a “predominância da colonialidade, embora se perceba, de forma incipiente, o despontar de uma visão contra-hegemônica, que busca a emancipação dos indivíduos”. No contexto da inter-/transdisciplinaridade, a discussão tem por pano de fundo “as relações do homem com o ambiente natural e sociocultural.”

Em quinto lugar vem “Ecolinguística e antropologia do imaginário”, de Elza Kioko N. N. do Couto. Como o título já deixa entrever, o artigo retoma as afinidades que existem entre a antropologia do imaginário de Gilbert Durand e a linguística ecossistêmica.

## ECO-REBEL

O texto número seis é “Sintropia Comunicativa: a Eco-Semiose em Agro-ecossistemas Sintrópicos e Autopoiéticos”, de Marcelo M. Santos. Ele discute interação interespecies, aí inclusa a humana, como se vê na agricultura sintrópica de Ernst Götsch, “articulando as teorias sistêmicas desenvolvidas por Humberto Maturana, Edgar Morin, Ilya Prigogine e Jorge Albuquerque Vieira em conjunto com a Semiótica de Charles Sanders Peirce”. É um ensaio em “eco-comunicação” como “matriz para o desenvolvimento de agro-ecossistemas sinérgicos e autopoiéticos”.

O sétimo e último artigo, de “Hildo Honório do Couto”, porta o título aparentemente estranho, “A língua não é uma coisa, é motraive”. Ele discute a questão da dificuldade que uma ciência humana como a linguística e, mais especificamente, a linguística ecossistêmica, tem para fazer o leitor entender que os conceitos que ela usa não têm o mesmo valor que têm na linguagem comum. Como nessas ciências é muito difícil uma formalização matemática como na física e na química, o ensaio sugere o uso de acrônimos, no caso, “motraive”, como uma fórmula para “língua é o modo tradicional de os membros de uma comunidade interagir verbalmente”.

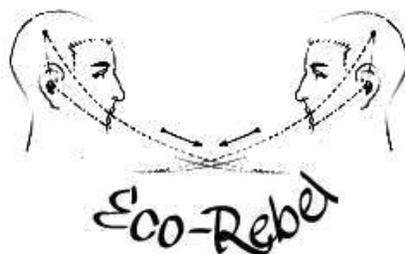
A seguir vem uma minirresenha do livro *Framing Discourse on the Environment: A Critical Discourse Approach*, de Richard Alexander, por Ubirajara Moreira Fernandes. A despeito do fato de o livro ser de 2009, vale a pena ser trazido ao conhecimento dos leitores de *ECO-REBEL*, pois, como já salientado em números anteriores, o objetivo é trazer aos leitores o máximo de informação possível.

A seguir deveria vir uma entrevista com o Richard Alexander, mas, como ele parou de responder a nossas mensagens, inclusive a que já continha as perguntas, não foi possível concluí-la. Por isso, resolvemos apresentar um *link* para duas entrevistas de Louis-Jean Calvet, que, a despeito de se considerar mais sociolinguista do que ecolinguista, toda sua obra se enquadra nos parâmetros da ecolinguística, sobretudo a ecologia das línguas.

Por fim, temos o obituário do ecolinguista dinamarquês Jørgen Døør, assinado por seu parceiro de pesquisa de longa data Jørgen Christian Bang, ambos do que já foi chamado de Escola Ecolinguística de Odense (Dinamarca).

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 8, n. 1, 2022.



## CLIMATE CHANGE AND NEW LIFE CONDITIONS IMPLY TRANSFORMATION OF OUR CULTURAL ORDERS - A DIALECTICAL ECO-LINGUISTIC CONTRIBUTION TO AN ECO-CIVILIZED DEVELOPMENT<sup>12</sup>

Jørgen Chr. Bang (University of Southern Denmark & University of Aarhus, Denmark)

Jeppe Bundsgaard (University of Southern Denmark & University of Aarhus, Denmark)

Anna Vibeke Lindø (University of Southern Denmark & University of Aarhus, Denmark)

**Abstract:** How can Eco-linguistics contribute to an elaboration and realization of UN's global goals for sustainable development? The paper outlines a few principles for the communication both inside and across the communities and eco-zones, dealing with the interdependency of the three parameters of the biological, social, and ideological conditions. Climate change is today an obvious example of dramatical change of human life conditions forcing the need of sharing territories and goods in more solidarity ways. The situation calls for new ways of trans-cultural communication and life-forms with deep respect for the wild and civilised ecology of all species.

---

<sup>1</sup> *In honour of Jørgen Døør 1933-2021. This summer Jørgen Døør died 88 years old. He was a constitutional part of the ELI-tradition and one of the convenors of the first international conferences in Ecolinguistics in the 1990's.*

<sup>2</sup> *This paper is a revised and updated edition of a paper presented by Bang and Bundsgaard in the conference ICE-4, at SDU, Odense, Denmark, August 14<sup>th</sup>, 2019. We are happy to publish this edition together with our colleague Anna Vibeke Lindø. We have cooperated since 1990 as members of the ELI-Research Group for Ecology, Language, and Ideology, together with Jørgen Døør, Sune Vork Steffensen and others. For further details on our tradition "Dialectical Linguistics & Communication" established in 1972, please see "Interview with Jørgen Christian Bang & Jørgen Døør" in ECO-REBEL, January 2020.*

## ECO-REBEL

The paper refers theoretically to the Eco-linguistics tradition from 1987 until today, especially The Danish Dialectical Theory of Language and Eco-linguistics (BANG; DØØR; NASH; STEFFENSEN, 2007), and focuses on elaborations and analyses of all kinds of language & languaging (communication, interactivity, discourses, dialogues, and texts) in the context of reorganising the local and global human life forms into more socially equal and sustainable eco-civilizations.

**Key-words:** Climate Change and the Core Contradictions; UN Sustainable Development Goals; Dialectical Ecolinguistics; The Dialectics of the Culture-Nature Relation; Trans-Cultural communication; Ecological Democratic Dialogue.

**Resumo:** Como a eco-linguística pode contribuir para a elaboração e realização dos objetivos globais da ONU para o desenvolvimento sustentável? O artigo descreve alguns princípios para a comunicação dentro e entre as comunidades e ecozonas, levando em conta a interdependência dos três parâmetros das condições biológicas, sociais e ideológicas. A mudança climática é hoje um exemplo óbvio de mudança dramática das condições de vida humana. Ela impõe a necessidade de compartilhar territórios e bens de maneira mais solidária. A situação exige novas formas de comunicação transcultural e formas de vida com profundo respeito pela ecologia selvagem e civilizada, de todas as espécies. O artigo se refere teoricamente à tradição ecolinguística de 1987 até hoje, especialmente a Teoria Dialética Dinamarquesa de Linguagem e Ecolinguística (BANG; DØØR; NASH; STEFFENSEN, 2007) focalizando nas investigações e análises de todos os tipos de linguagem e languagear (comunicação, interatividade, discursos, diálogos e textos) no contexto da reorganização das formas de vida humana locais e globais em eco-civilizações mais socialmente iguais e sustentáveis.

**Palavras-Chave:** Mudança climática e as contradições nucleares; Os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU; Linguística dialética; Dialética das relações cultura-natureza; Comunicação transcultural; Diálogo ecológico democrático.

### 1. The situation today - two years after ICE-4

In the summer 2019 our focus was on the Climate Crises. Today also the Corona pandemics is an obvious global crisis that reveals the unbalanced relationship between human species and the rest of the life on our planet, the Earth. Both crises challenge the human life forms and cultures, especially the degree of industrialization over the last three centuries.

## ECO-REBEL

As Greta Thunberg formulated the urgent problem in her famous speech in Davos in January 2019: “Our house is on fire”, she asked the leaders to act immediately. The metaphor “our house” is a brilliant expression consistent with the Greek word ‘Oikos’, meaning ‘house’ and ‘home’. Oikos is the root of both Economy and Ecology, and thus Greta Thunberg implies a reference to the state of both our *economical*, and our *ecological* systems as burning. Even though both UN and many countries have formulated goals for a 100% reduction before 2050 of the human footprint and production of CO<sub>2</sub>, it was ironically the Corona crises that in a few months in the beginning of 2020 almost stopped aeroplanes and international travelling and caused dramatical changes in the everyday life of most people all over the world. Furthermore, the economic dispositions of the governments clearly became a matter of political decisions and not only a result of market dynamics or national economics. After more than one and a half year with Corona restrictions it has been a serious question for many people whether we have to come “back to normal life” as before the corona. That means that it has been more obvious that our way of life up till now is catastrophic in many aspects, not at least in relation to other species and wild nature.

Broadly speaking the corona crisis has brought us closer to *revisit our culture-nature relation* in order to recognise ourselves as parts of nature, and the other species as important parts of our common nature, being environment for each other in a vital symbiosis. Human beings do not have to control and restrict all other inhabitants of the Earth; however, we should live together in respect for each other’s values and needs.

In that way we must recognize organic, dialectical, bio-dynamical, and ecological principles for all aspects of our future social, natural, and mental lives and logics.

In this paper we present parts of our Dialectical Ecolinguistics in order to contribute to a theoretically based dialogue on how we turn ourselves and our capitalistic - and greedy - culture into a sustainable way of co-existent living. So, by means of a theoretical consideration we will raise our awareness on the implications and systematic devastating effect of our life forms on both our environment and our own wellbeing as human beings. We have to come to terms with the systematic barricades and shortcomings of our thinking, empathy, consciousness, and willingness in relation to our social and natural praxis and logics.

Paradoxically, it looks like a systemic blockage for the necessary changes of human life forms, that the most rich and privileged parts of the people and nations all over the world are against

## ECO-REBEL

changes that can threaten the privileged positions; even though everybody could be part of lifeforms with better internal and external balances by sharing the goods and spaces with respect for the needs of each other. Simply formulated, we have to exchange our competitive capitalistic economy and praxis with a sustainable ecological economy based on the principle of sharing – both sharing among human beings and sharing among all the living creatures of the Earth.

It is necessary to realize that the dominant cultures of human beings even cause the problems we have to solve from now on, and during the next thirty years. The problems are of both local, and global nature, and call for developing sustainability, both locally, and for the entire Earth. The concept of globalization ought to be reconsidered in a way that on the one hand understands the Earth as a unity, and on the other hand understands the divine diversity of individuals, both plants, microorganisms, animals, and humans, as being parts of local biotopes and eco-zones.

We will examine the implications of some vital oppositions with reference to our Model of core contradictions (Figure 2). Then we will discuss how we can contribute to the democratic dialogue both inside and across cultures, both inside and across language societies. Here we present our concepts of intra-, inter-, and trans-cultural communication (Figure 3) and use some principles of a democratic dialogue (Figure 4). Finally a list of challenges and a postscript are formulated.

### **2. Theoretical comments on some core contradictions.**

It is relevant to recall the *2030 Agenda for Sustainable Development* adopted by all the United Nations Member states in 2015.



**Figure 1: UN Sustainable Development Goals**

“The Sustainable Development Goals are the blueprint to achieve a better and more sustainable future for all. They address the global challenges we face, including those related to poverty, inequality, climate, environmental degradation, prosperity, and peace and justice. The Goals interconnect and in order to leave no one behind, it is important that we achieve each Goal and target by 2030.” (<http://www.globalgoals.org>.)

From a dialectical point of view, there also is a close interdependency of all the political agendas for human beings, i.e., both security, migration, ways of production-distribution-consumption, economy-ecology, human life and life of plants and animals etc. – the earth is a unity of different species and eco-zones. Diversity and unity.

Here we will focus on *the culture-nature dialectics*. Culture is understood as the human way to live together with other humans and the environment, including all the animals, plants, microorganisms, and the elements soil, water, atmosphere, minerals etc. Culture implies all our activities – interactivities – developed to live and survive during generations. Culture implies all aspects ‘from need to nice’, both in *the natural bio-physical dimension and the social and mental ones*. That is, both what we are doing in the physical sense, and in the social sense, and what we

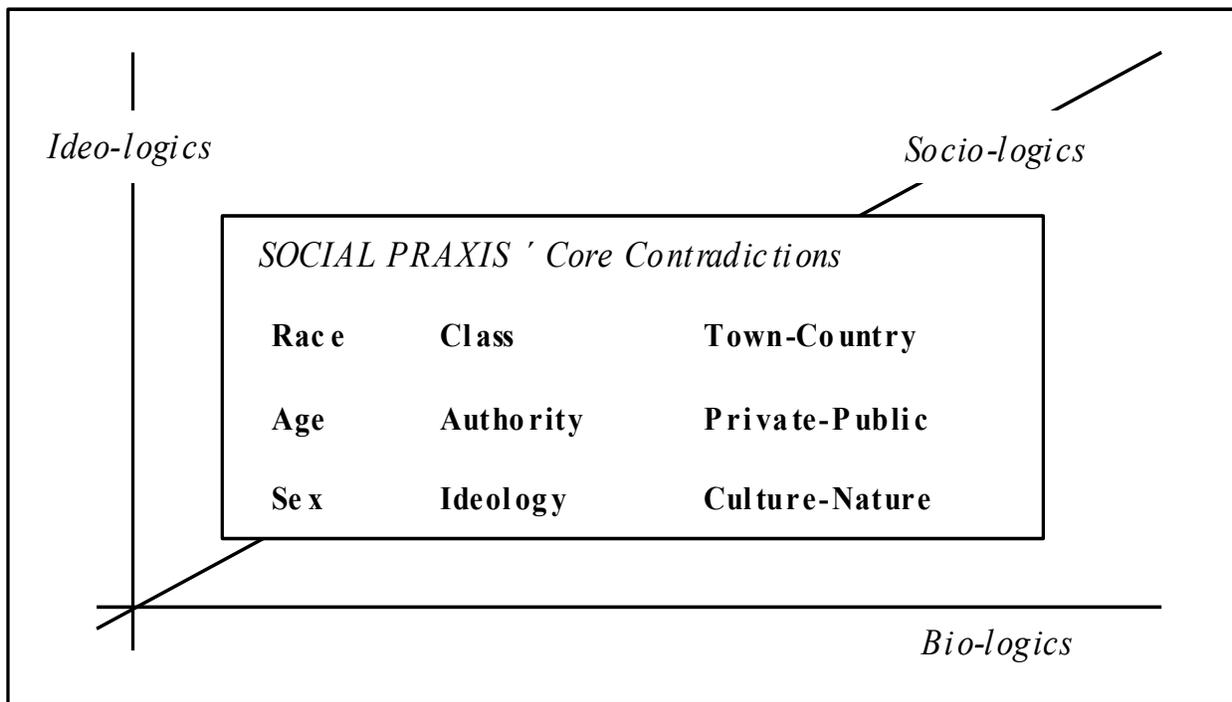
## ECO-REBEL

think, say, write, and feel about ourselves and our environment and the interactivity; and what we DO NOT do, think, say, write, and feel.

### Who are 'WE'?

We have to realize that very often our common 'WE' implies only the most privileged part of humans with a deep-rooted ideology assuming that we are and have to be the owner and master of the rational thinking and behaviour 'on behalf of god and nature'. Therefore, a point is that we must criticize and transcend our own CULTURAL BLINDNESS – OUR BLINDNESS OF PRIVILEGES. We have to develop the semantics and pragmatics of 'Our Culture' into meanings and praxis in harmony with the Earth and Nature.

Let us relate the problematics to our matrix of core contradictions.



**Figure 2: A Matrix of Core Contradictions (BANG; DØØR; STEFFENSEN; NASH, 2007)**

A few words about the model. The model is developed in order to come to terms with some general constitutive conditions implying some historically specific contradictions and conflicts for any social praxis today. The heuristic model reminds us to be aware of the *three dimensions* of any problem,

## ECO-REBEL

- (a) **the bio-logical and physical** dimension implying all the ‘natural’ relations of our world – the rules of nature;
- (b) **the socio-logical** dimension implying all the social laws, economy, power, and conventions for the inter-action and inter-relating of human beings – both the institutionalized organisations, nations, and the tacitly accepted social norms and conventions;
- (c) **the ideo-logical** dimension implying all the knowledge, believing, thinking, values, attitudes, ethics, truth, religion –both our explicit, and implicit worldview.

The three dimensions are dialectically interrelated and cannot be reduced to being parts of a monological system. Of course, you can deduce, or infer, a lot of e.g., human thinking from both the natural and social conditions; however, thinking also has its own indispensable modes of existence and logic. On the one hand, every dimension has its own logics, and on the other hand, the other dimensions constitute the conditions for the effect of the dimension in question.

In relation to the climate, we will examine both the natural causes for the state and changes of the climate, and the social and mental causes. This is a dialectical point; we understand or explain the existence and experience as rooted in many causes and not as a result of only one cause. However, each phenomenon might meet its turning point when the constitutive conditions of one dimension comes to a critical boundary.

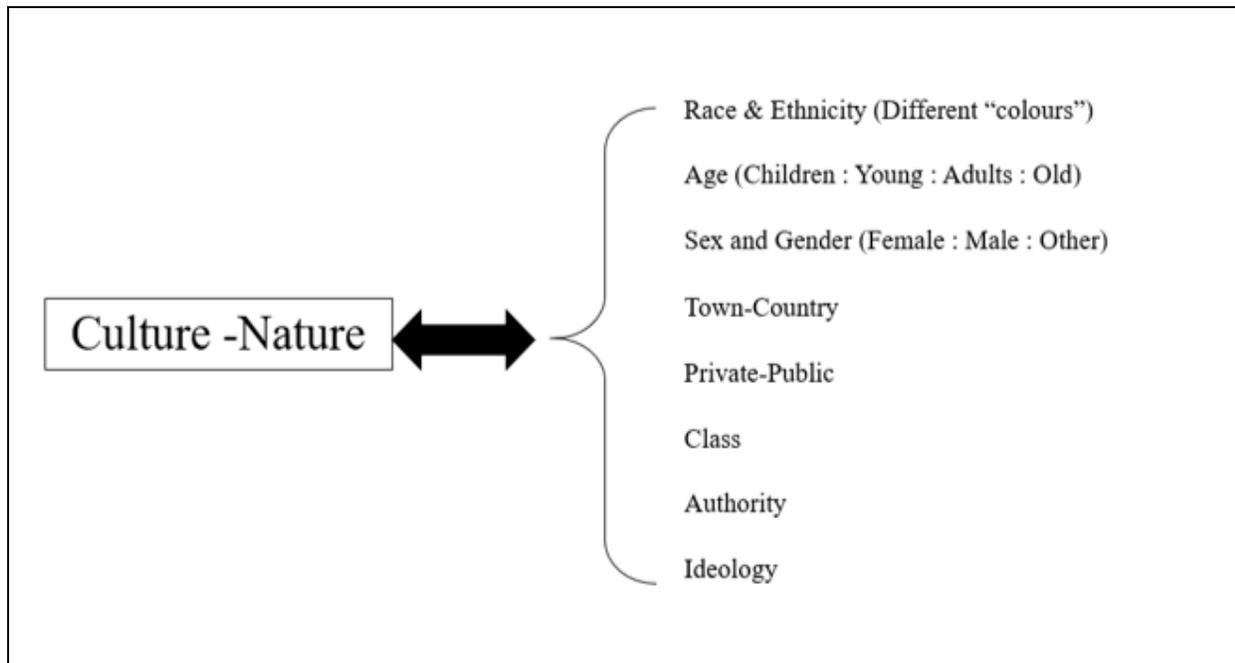
Like the dialectics of the three dimensions, our model implies the dialectics of some core contradictions of the social praxis. Let us explain: Any human being is dialectically related to and with other human beings, both genetically and constitutively. The relations among human beings constitute a vital part of the individual identity and characteristics; a complex dialectical relationship implying similarities and differences between all people in the world. By birth we are already placed in specific relations of different age, child-adults, sex and gender relations, race, ethnicity, class position, property, natural environment, available food, drinking, and air, technical equipment, authorities, languages, values of everybody and everything, behaviour, etc. We become members of families, groups, institutions, nations, with and without belongings. Some people have many friends and belongings, and a valued identity, some have too few and live as fugitives, excluded from appropriate land, water, shelter, and goods, being without nationality and human rights.

## ECO-REBEL

Thus, we are from birth – and before that – very differently positioned in all aspects of human life, both naturally, socially, and mentally. We are opposed to each other in many dimensions, and in that way, we cannot talk about a human being as a common unity of the human species. However, we will talk about human rights for every person of the world.

Our list of core contradictions illustrates some of the common conditions for human identity today. We underline that people all over the world are very differently situated, both within a local area, within a nation, within an eco-region, and within the global society. What YOU have to do, what WE have to do, what YOU can, what WE can, and ought to do, all those are questions interwoven in the social dialectics.

Therefore, we cannot discuss the problem of the culture-nature relation without analysing and criticising the social formations we are parts of.



**Figure 2a: A Matrix of Core contradictions with focus on the dialectics of culture-nature in relation to other dialectically constituted relationships.**

The contradiction of Culture and Nature is dialectically related to the other core contradictions in all the three dimensions of logics: Bio-, Socio-, and Ideologic.

## ECO-REBEL

Each of the core contradictions is constituted by a dialectical relation between at least two dialectically related positions of the persons. Let's briefly exemplify:

**Race & Ethnicity:** You are socially pre-positioned by your race characteristics – and one race or ethnic group dominates the other groups and the individuals of the group. The specific dominance form is historical, i.e., it is changing over time, but until now 'black and brown' people are suppressed by 'white' people, and by the institutions in most western countries, including directly or indirectly colonized areas. Sometimes the suppression is more or less tacitly reproduced; sometimes the suppressed people protest locally, and perhaps broadly in a country and even over greater parts of the world. The point is that the suppression works in all fields of society, even though it may be reinforced or weakened by your membership of the other core contradictions. "Black lives matter" is a relevant protest against racism, and our challenge is of course to change that racist core contradiction all over the world, as equity is a necessary condition for sustainable, fruitful, and peaceful human relations.

In a similar way we can recognize the systematic asymmetry of **Sex & gender** between 'male' and 'female' human beings, both in relation to general social power and privileges and in relation to our right to our own body and sexuality. Here we can see the Me-too-movement, and the LGBT+ movements as relevant protests against the dominant sexist – and binary - culture.

Equal rights for the different **Age**-groups including the protest of the youth against the older generations' climate destructive lifeforms can be mentioned here, with Greta Thunberg as a prominent example.

The exportation of dangerous waste and outsourcing of unhealthy production from rich towns and countries to poor people and areas are examples of the **Town-Country** relationship at a global scale.

The relationship of **Private-Public** is deeply related with individual capitalistic ownership, private property, and the governmental institutions and deserves very much rethinking and democratic, ecological, and sustainable development.

**Class-contradictions** imply all systematic un-equally distributed relations to production, distribution, and consumption, like **Authority** implies the distribution of personal power, whereas **Ideology** implies the hegemony of belief and worldview, e.g., the opposition between the different religions of the world or within a community. Ideology also implies the contradictions of the different, competing scientific paradigms, some of which dominate in certain times and areas. In

## ECO-REBEL

his famous book, *The Structure of Scientific Revolutions* (1962), Thomas KUHN introduced the concept of paradigm shifts. Perhaps, we can hope that we now will see a general shift of scientific paradigms into a more ecological and organic way of doing and use science theoretically and practically.

As you see, the culture-nature-relation relates dialectically to all other core contradictions and cannot be separated from these. This means that changes in one imply changes in all the other.

Hereby the goals meet a lot of **challenges**, e.g., directly, and indirectly resistance from the parties (people and companies) that are used to dominate the relation in question and thus profit on the recent state of affairs: “white, male persons of middle age, owners of property, authority, western ideology, living in comfortable zones”.

In a narrower sense, **science is itself a part** of the dangerous state of the climate and environmental crises whether we deal with disciplines in the fields of the humanities, social sciences, natural sciences, health sciences, engineering, or agricultures. As mentioned above we are looking forward to a shift in the scientific paradigms. The sciences should change **the de-contextualizing and de-personalizing** ways of exploring and interacting with the nature; we have to realize the interdependency of nature and our behaviour as mentioned in *UN's Sixth climate assessment report* (IPPC 2021).

Our language about nature is often objectifying the nature, placing human beings as the benefiting, thinking, understanding, defining subject and agent of the processes and products.

It seems obvious that the preorganized international society cannot solve the problems, as pointed out by e.g., Greta Thunberg. It is obvious that the nations tend to maintain their own national interests; the branches of production and the market have their own logics for the desirable development and monopoly; the military and industrial strong parts of the world seem engaged in power fight. Even the rich Denmark tends to exclude fugitives and Muslims from access to national and human rights. We are far away from equity and fair sharing of property and goods.

### **3. Two ideas for the ecological democratic dialogue in a heterogenous world.**

Traditional communication theory meets the dualism between symmetrical models and the real diversity among all individuals. On the one hand, the communication is considered to be

## ECO-REBEL

symmetrical, on the other hand the involved persons are different individuals with different experiences, languages, backgrounds, in short: different positions in the totality of dialectical oppositions. It is not only a matter of different national languages as e.g., English, Danish and Portuguese, it is also a difference in the basic individual meanings and deep semantics because of the different life conditions and contexts.

Therefore, our suggestion complements the general concepts of translation between different languages as a well-known method for international communication. We relate to the useful concept of ‘*linguaging*’, implying that we are developing language when we are deeply involved in communication with partners of different cultures than our own. Cultures are developed by groups of people who are sharing life circumstances. For example, people in a village or region, people sharing a common language, people with common jobs, people of the same age or gender, people of the same religion, people from the same social class. Thus, we are all part of more cultures. In cultures, people develop ideas and values that are consistent with their circumstances and place in the biological and social world, and they develop shared deep semantics. They develop common ways of doing and tools, common traditions, common ways of understanding and communicating, and they develop procedures for inter-action.

In Bundsgaard; Lindø; Bang (2012) we explored the aims and objectives of language learning in a connected and interdependent world. We identified three contexts in which we meet as humans:

- 1) *Intra-cultural* situations, where participants come from the same culture, and therefore share understandings, values, ideas, procedures and so on.
- 2) *Inter-cultural* situations where the participants are from different cultures, but over time and practice have developed ways of inter-acting across differences, often through developing institutions: schools, state, parliaments, the market etc.
- 3) *Trans-cultural* situations where the participants come from different cultures, with different values, ways of interacting, traditions and so on, and therefore need to find ways to interact with attention to the differences in identification, values, metaphors, traditions and so on.

**Figure 3: Intra-, Inter-, and Trans-cultural communication.**

## ECO-REBEL

As you may have experienced, we often understand some underlying human sense of humour or grief beyond the language or words available. In a way you can feel and understand some common communication without the common words, and sometimes without no earlier common experience.

Thus, we suggest exploring the idea of **Trans-Cultural Communication**. That could be a way to go behind our own convenient cultural assumptions, both in relation to far away foreigners, and in relation to our everyday communication.

It could be an experimental way to share and develop our knowledge and projects across the different cultures. Perhaps it could improve our willingness to share our life activities in a deeper democratic, ecological way.

A similar experimental model is our ethical model for the Democratic Dialogue. Again, we have to realize that we are different individuals constituted by both common, and different characteristics and meanings, beliefs, interests, capacities, etc. The democratic communication doesn't have the purpose to win or convict the other person, but to establish a common friendly relationship. That means, that we together in a joint dialogue explore and negotiate our terms for the handling of problem X in four steps,

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>(a) <b>Principle of similarity and sharing:</b> What do we already share?</li><li>(b) <b>Principle of different identities:</b> What are the differences that we cannot suspend and therefore have to respect? And what are the differences that we can modify without losing our identity and dignity?</li><li>(c) <b>Principle of experiment:</b> How do we formulate the solving of the problem X by means of our common and different capacities, in a way that fulfils our common and different identities?</li><li>(d) <b>Principle of evaluation and revision:</b> How do we establish the social and biological conditions for our experimental agreement, and how do we secure a revision procedure?</li></ul> |
|---|

**Figure 4: A model for the democratic dialogue.**

Of course, this is only a sketch, however it should illustrate an alternative way for the ideas of 'the free and equal communication' in a democratic way, and on a basis of different power distribution.

## ECO-REBEL

That kind of dialogue is seen in many countries that have established *Citizen Councils*, representing people from a wide range of social positions, cf. the following quotation from OECD (2021),

Around the world, public authorities from all levels of government increasingly turn to Citizens' Assemblies, Juries, Panels and other representative deliberative processes to tackle complex policy problems. They convene groups of people representing a wide cross-section of society for at least one full day — and often much longer — to learn, deliberate, and develop collective recommendations that consider the complexities and compromises required for solving multifaceted public issues.

### 4. A list of challenges.

Let us suggest a list of 17 challenges for the western world, and Ecolinguistics, and ourselves.

It is a challenge for humanity to transform our cultural forms, including all our institutions in a way that respect the sustainability of the life of the Earth. The recent life forms of human beings destroy the life conditions for future generations.

Our common house IS on fire – our house is the planet Earth and there is no time and nowhere to escape.

Our rationality of production, distribution, communication, and consumption is dominated by capitalistic Economy and power relations that are ethnocentric and ignore the balances of culture and nature and all the core contradictions of race, ethnicity, sex, age, class, ideology, authority, town-country, public-private.

Our aesthetics and prejudices are formed by our cultural history, esp. farming, fishing, manufacturing, imperialism, industrialism, technologies, educational institutions, churches, universities, medico-media-military-complex.

Today we must recognize that we as human beings mutually have to share across all the core contradictions, and in sustainable balance with all the living plants and creatures of the world.

It is a challenge for Eco-linguists to contribute to the transformation in democratic and peaceful ways, including sharing of all knowledge, transforming the monopoly of patents and ownership of vital knowledge and resources.

We must contribute to a global solidarity by developing and sharing the alternative suggestions and technologies.

We must develop transcultural communication that allows a global democratic dialogue on the implied contradictions, cf. Bundsgaard, Lindø; BANG, 2012.

We must contribute to *Ecological Imagination and Empathy*.

## **ECO-REBEL**

We must contribute to an ecologically and democratically based Economy, both locally, regionally, and worldwide.

We must contribute to new standards for ecological, biological, organic growing and production, that explicitly reflect all relevant footprints and indicators for sustainability and diversity in relation to biological, social, and mental constituents of human life.

Human beings do not have to behave as the owners of the earth, or the privileged race created in the picture of a god but be good neighbours for all species of the earth.

We have to produce, to like, to prefer, and to feel well in future of sustainable life forms, e.g., ecological economy, equality, naturally based culture, friendship, natural colours, food by organically grown vegetables, organic clothes, houses, transport.

We have to find solutions of the problem of privilege blindness that means that many people have privileges by the dominant social forms and feel an interest in prolonging that way of life.

Ecolinguistics must criticise and analyse discourses on the necessary transformation in order to contribute to public transparency of the involved interests.

However, we have to realize that constituting social institutions to a high degree rest upon power and knowhow controlled by multinational monopolistic consorts.

We have to support and develop democratic councils of the different generations and of the diverse social categories.

### **Postscript**

In our presentation two years ago, we referred to Greta Thunberg's important activities with the following umbrella:

Greta Thunberg creates a brilliant discourse and dialogue very similar to our theoretical framework and the critical traditions since the 1960's, implying both feeling, thinking and action.

Thunberg has attracted a lot of attention from across the world, and kids are following her example by striking and protesting. In their arguments, catchphrases and explanations, Thunberg's words and arguments are echoed and expanded upon.

We hope that all of you, all of us, will support the younger generation and people all over the world by doing our best - both professionally and private – to transform the fatal social, biological, and mental cultural order into sustainable ways of living – that is to make our sciences to life sciences.

## ECO-REBEL

### References

BANG, J. C. & BUNDSGAARD, J. Climate change and new life conditions imply transformation of our cultural orders - A Dialectical Eco-linguistics contribution to an eco-civilized development. Contribution to ICE-4, SDU, Odense, Denmark, August 14<sup>th</sup>.2019.

BANG, J.C., DØØR, J., NASH, J. & STEFFENSEN, S. V. *Language, Ecology and Society. A dialectical approach*. Bloomsbury Academic. 2007.

BUNDSGAARD, J., LINDØ, A.V., BANG, J.C.. Communicative competence and language learning in an ecological perspective. The triple context of participation and language learning from childhood to adulthood. *Critical Literacy* 6(1) 46-57. 2012.

BANG & DØØR. *Interview in Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 06, n. 01, p. 163-172, 202. 2020.

IPPC. *Sixth climate assessment report*. Loc. 15.9.2021 on <https://www.ipcc.ch/assessment-report/ar6/> . 2021

KUHN, T. *The Structure of Scientific Revolutions*. University of Chicago Press. 1962.

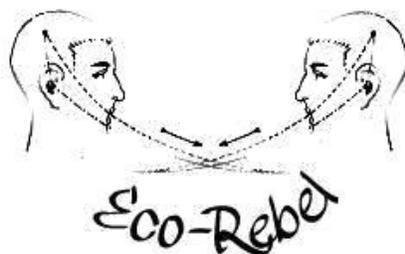
OECD: *Citizen councils: An international perspective* Loc.20.9..2021 on <https://www.oecd.org/gov/open-government/deliberative-democracy-processes-event-citizen-councils-an-international-perspective.htm>

THUNBERG, G.. “Our house is on fire!: Greta Thunberg, 16, urges leaders to act on climate”. Loc .8.9.2021 on <https://www.theguardian.com/environment/2019/jan/25/our-house-is-on-fire-greta-thunberg16-urges-leaders-to-act-on-climate> .2019.

*UN’s 17 goals for a better world by 2030* (2015). Loc. 8.9. 2021 on <https://www.globalgoals.org>

Aceito em 20/12/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.



## **EUGENIO COSERIU: PRECURSOR DA ECOLINGUÍSTICA**

Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é mostrar que o linguista romeno Eugenio Coseriu pode ser considerado um dos precursores da ecolinguística em geral e da linguística ecossistêmica em especial. Contrariamente ao clima estruturalista em que atuou, ele sempre defendeu a ideia de que a língua é basicamente comunicação e que o sistema é um construto forjado pelos linguistas ao observarem os atos de interação comunicativa concretos. Via também a língua como um fenômeno dinâmico, sempre se adaptando às necessidades comunicativas de seus usuários. Para ele a língua deve ser encarada em sua totalidade, não reducionista, embora cada investigador específico deva fazer um recorte a fim de estudá-lo microscopicamente. Porém, ao fazê-lo não esquece que o que delimitou é parte de um todo que não deve ser ignorado.

**Palavras-chave:** Eugenio Coseriu; Ecolinguística; Linguística ecossistêmica; Língua como interação; Língua sempre em evolução.

**Abstract:** The objective of this article is to show that the Romanian linguist Eugenio Coseriu can be considered one of the forerunners of ecolinguistics in general and of ecosystem linguistics in particular. Contrary to the structuralist climate in which he worked, he always defended the idea that language is basically communication and that the system is a construct forged by linguists when they observe concrete acts of communicative interaction. He also saw language as a dynamic phenomenon, always adapting to the communicative needs of the speakers. For him, language must be seen in its entirety, not reductionistically, although each specific investigator must make a cut in order to study it microscopically. However, in doing so, he does not forget that what he delimited is part of a whole that should not be ignored.

**Key-words:** Eugenio Coseriu; Ecolinguistics; Ecosystemic linguistics; Language as interaction; Language as dynamica phenomenon.

## 1. Introdução

Eugenio Coseriu (*Eugen Coșeriu*, em romeno) é um linguista formado na tradição estruturalista filiada a Saussure, para a qual a língua é um instrumento de comunicação, um sistema que é realizado na fala (diálogo). Isso significa que a fala seria subordinada a esse sistema. No entanto, desde seus primeiros trabalhos em Montevidéu a partir de 1951, Coseriu tem mostrado que é justamente o contrário que acontece, é a língua como sistema que se forma com base na fala (diálogo, interlocução, atos de **interação comunicativa**), é o sistema que é subordinado à interação comunicativa (fala, *habla*). Por esses e outros motivos, o objetivo deste ensaio é mostrar que não só esse fato, mas praticamente tudo que Coseriu defendeu é aceitável pela linguística ecossistêmica (LE), a tal ponto que ele pode ser considerado um precursor dela. Para dar início à discussão, vejamos o resumo biográfico da carreira do autor encontrável no *site* alemão dedicado a ele, cujo endereço é <http://www.coseriu.de/>.

O linguista Eugenio Coseriu nasceu em 1921 em Mihăileni, Romênia, pequena cidade que hoje faz parte da República da Moldávia. Depois de estudar na Romênia e na Itália, tornou-se Professor de Linguística Geral e Indo-Europeia na Universidade de Montevidéu (Uruguai) em 1951. Na década de 1950, ele desenvolveu os fundamentos centrais de sua teoria da linguagem, que inicialmente consistia em expandir e complementar a linguística estrutural. As obras centrais deste período lidaram criticamente acima de tudo com Ferdinand de Saussure e modificaram ou complementaram sua concepção de linguagem referindo-se, por exemplo, a Wilhelm von Humboldt, Hegel e Aristóteles. Algumas obras da década de 1950 inauguram áreas de pesquisa que vão além da visão estrutural da linguagem. Em “Determinación y entorno” (1955-56)<sup>1</sup>, delinea-se pela primeira vez uma linguística do texto. Em 1961, Coseriu foi para a Alemanha, primeiro para Bonn e em seguida para Frankfurt/Main. A partir de 1963 atua como professor de linguística românica na Universidade de Tübingen. Na década de 1970, os ensinamentos de Coseriu em Tübingen deram lugar à escola linguística de estudos românicos mais influente, influência essa que foi muito além dos estudos românicos, especialmente a área da linguística geral e da filosofia da linguagem, mas também em outras filologias individuais. Eugenio Coseriu morreu em 7 de setembro de 2002 em Tübingen.

A obra de Coseriu é, além de densa, bastante extensa. Apenas o que produziu depois que se mudou para a Alemanha em 1961 perfaz várias centenas de trabalhos, entre livros, artigos, capítulos de livros etc. Apesar disso, vou me ater a três livros escritos em sua fase inicial em Montevidéu (1951-1961)<sup>2</sup>. Aí, com cerca de 30 anos de idade, ele começou a fazer uma reinterpretação da obra de Saussure, como a distinção entre *langue* e *parole*, que ele cindiu em “Sistema, norma e fala (*habla*)”, publicado inicialmente em *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias* em 1952, mas conhecida internacionalmente como primeiro capítulo de Coseriu (1967/1961). Na obra desse período o autor já revelava um grande conhecimento de filosofia, além da linguística. Ele cita textos no original grego (Aristóteles e Platão, p. ex.) e em latim (Plotino, Santo Agostinho etc.). Dos filósofos posteriores, além dos já mencionados Humboldt e Hegel, Coseriu cita nas línguas originais Benedetto Croce, Kant, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Bergson, Wittgenstein, Carnap, Russell, John Stuart Mill e outros menos conhecidos. Cita ainda psicólogos (Köhler, Steinthal), sociólogos (Comte, Durkheim), além de ter incursionado pelo campo da teoria literária produzindo ensaios como “Información y literatura” e “Tesis sobre el tema Lenguaje y poesía” (In: *El hombre y su lenguaje*, Madrid, Gredos, 1977). Coseriu tinha um conhecimento pelo menos para leitura de praticamente todas as línguas mais representativas da Europa.

## 2. Coseriu e a ecologia linguística

De acordo com Coseriu “*comunidades linguísticas*, que realizam concretamente em seu falar as entidades ideais chamadas ‘línguas’, se apresentam com extensão e limites no espaço terrestre e, portanto, podem ser registradas em mapas e constituir objeto da geografia” (GL, 33)<sup>3</sup>. Aqui se

veem vislumbres de argumentação sobre **ecologia das línguas**; também quando o autor diz que “o estudo da distribuição das ‘línguas’ (comunidades linguísticas) sobre a terra e das fronteiras entre elas cabe dentro da geografia política” (GL, 33).

Coseriu tinha uma visão ecológica da linguagem, mesmo quando falava em geografia linguística. Em Coseriu (1956), ele fala da ecologia das línguas, sob o rótulo de “geografia das línguas” (GL, 33, 314). Fala também em “**ecologia linguística**” (GL, 30) e “**ecologia da articulação**” (GL, 32). Vale dizer, o conceito de ecologia nos estudos linguísticos já estava pairando no ar, já em meados da década de 50 do século passado, antes mesmo dos trabalhos pioneiros de Voegelin & Voegelin (1964) e Haugen (1972), que Coseriu não menciona.

Coseriu vê a linguagem de uma perspectiva holística (**holismo**), sob o nome de “linguística integral” como se pode ver em Munteanu (2005), Tărcăoanu (2012, p. 147) e Santos (2014). Segundo Tărcăoanu, “o linguista de origem romena introduziu no plano internacional o paradigma da linguística integral – tendo como subdomínios a linguística do falar em geral, a linguística das línguas e a linguística do texto/ou discurso com o objetivo de estudar a linguagem como fenômeno multiforme”. Porém, é em Munteanu (2005) que temos um aprofundamento da tese da linguística integral. Por tudo que se pode ler no presente artigo, Coseriu vê a língua de uma perspectiva realmente holística, como a LE, assunto que será explorado em pormenores na seção seguinte. Em Santos (2014) temos mais comentários sobre a filosofia linguística de Eugenio Coseriu, em português.

Em *La geografia linguística*, o autor antecipa a ecologia das línguas ao ver “a terra como ‘*habitat*’ do homem”, que é “a vida social y cultural do homem e seu ambiente natural” (30). Mais adiante ele fala do “problema das relações entre ambiente físico e linguagem – que, mais do que da ‘geografia’, seria o de uma ‘ecologia’ linguística” (GL, 32). Fala também de “ecologia da articulação [...] que deve ser posto e resolvido pela biologia” (GL, 32).

Coseriu “fala também do fato de que a língua pode ser vista hoje não como organismo autônomo com ‘vida’ independente dos falantes, mas como ‘sistema de isoglossas’ que se estrutura sobre a base do falar concreto e, historicamente, como unidade e continuidade de uma tradição linguística em uma comunidade” (GL, 67), enfatizando a ideia de que a língua só existe se há pessoas que a falem (GL, 68). Aí se vislumbra o conceito de **comunidade de fala**, mais visível ainda na asserção de que “a língua concreta [...] [é] “um *modo de falar* peculiar a uma comunidade, que se comprova na atividade linguística como seu aspecto essencial” (SDH, 43). Assim, “existe a fala porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem ‘línguas’ como entidades históricas, e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, mas também comunicação, finalidade instrumental, expressão para o outro, cultura objetivada historicamente e que transcende o indivíduo” (GL, 68-69). Por isso, “a origem das inovações deve ser procurada na atividade linguística concreta dos indivíduos falantes” (GL, 38).

Enfim, Coseriu fez na linguística o que Marx e Engels fizeram com a filosofia idealista alemã como vista em Hegel. Em vez de partir da *langue* (língua) e considerar a *parole* (fala) uma realização dela, subordinada a ela, ele inverte a direção. O essencial é a fala (*habla*), a comunicação, a interação comunicativa. O sistema é um construto forjado pelos linguistas partindo da fala (interação comunicativa). A linguística estava de cabeça para baixo; era necessário pô-la sobre os próprios pés, que são a interação comunicativa, para continuar usando a metáfora de Marx & Engels. Porém, Coseriu reconhece que sistema e falar, no nosso caso, regras sistêmicas e regras interacionais (interação comunicativa), são duas facetas de uma mesma realidade. Um não existe sem a outra e vice-versa.

### 3. Coseriu e a linguística ecossistêmica

Acabamos de ver que, para Coseriu, as relações entre ambiente físico e linguagem é um problema para a **ecologia linguística**. Portanto, o que acaba de ser dito sobre a antecipação de ideias ecolinguísticas na obra de Coseriu é válido para a ecolinguística como um todo. A fim de aquilatar a importância desse autor como precursor especificamente da linguística ecossistêmica vou expor algumas categorias e alguns dos princípios dessa vertente da ecolinguística, comparando-os com trechos da obra coseriana, além do que já foi adiantado na seção anterior.

Começemos pelo **ecossistema linguístico**. Coseriu não usa esse termo, mas fala do conceito contido nele. O que ele chamou de “ecologia da articulação” não é nada mais nada menos do que ecossistema da articulação, ou **ecossistema articulatório**, como discutido em Couto (2018b). Além disso, a própria expressão “ecologia linguística” é um nome alternativo para linguística ecossistêmica. Os componentes do ecossistema linguístico – povo (P), território (T) e linguagem/língua (L) – também transparecem na obra do autor quando ele diz, por exemplo, que a língua é parasita (termo biológico) da população que, por seu turno, tem seu *habitat*. Em suas palavras, “a língua não tem existência autônoma e existe apenas no falar e na mente dos falantes” (SDH, 33, 73). Nessas palavras aparece outra faceta da linguística ecossistêmica, o lado mental da língua. Enfim, ele reconhece a existência dos três ecossistemas linguísticos, o **natural**, o **mental** e o **social**. Coseriu não era reducionista como os estruturalismos de todos os matizes.

Todo o primeiro capítulo de Coseriu (1967) – “Sistema, norma y habla” –, fala, direta ou indiretamente, do que linguístico-ecossistemicamente é chamado de **comunidade de língua e comunidade de fala**, à vezes referindo-se a uma, às vezes à outra. A primeira é o domínio do seu sistema, ao passo que a segunda se equipara pelo menos em parte a sua norma. É na comunidade de fala (norma) que se dão os encontros entre pessoas que provocam **atos de interação comunicativa**, o *hablar* de Coseriu. Porém, a contribuição mais conspícua do autor para a linguística ecossistêmica é sua concepção de **língua como interação**, evocando Humboldt. Para ele, “a linguagem existe só e exclusivamente como falar, como atividade linguística concreta” (SNH, 41). Coseriu continua dizendo que “não é o caso de se explicar o falar da perspectiva da língua, mas o contrário. Isso porque a linguagem é concretamente falar, atividade, e porque o falar é mais amplo do que a língua: enquanto a língua se acha toda contida no falar, o falar não se encontra todo na língua” (SNH, 287). Em outro lugar ele diz que “a língua se realiza no falar, ao passo que o falar não se realiza na língua” (SDH, 33, Nota). Alhures o autor diz ainda que “a língua se constitui sobre a base dos atos concretos de fala” (SNH, 13) e que “a língua não existe senão no falar dos indivíduos, e o falar é sempre falar uma língua” (SDH, 33). Por isso, “a língua não tem existência autônoma e existe apenas no falar e na mente dos falantes” (SNH, 73).

Para a linguística ecossistêmica, o núcleo de língua é a **interação comunicativa**, também conhecida como diálogo ou interlocução. Pois bem, em consonância com o que dissera Humboldt, e contrariamente ao ambiente estruturalista em que Coseriu se formou e atuou – que via a língua como uma estrutura –, Coseriu sempre defendeu a tese de que “a essência da linguagem ocorre no diálogo” (SDH, 65), “a linguagem existe só e exclusivamente como *falar* como atividade linguística” (SNH, 41). Por isso, “não se deve explicar o falar do ponto de vista da língua, mas ao contrário. Isso porque a linguagem é concretamente falar, atividade, e porque o falar é mais amplo do que a língua: enquanto a língua se encontra toda contida no falar, o falar não se encontra todo contido na língua” (SNH, 287).

Se a língua é fala (*habla*), falar – interação, interação comunicativa, diálogo, interlocução –, é preciso investigar a **ecologia da interação comunicativa** e seus componentes: interlocutores (falante, ouvinte, circunstante), troca de turnos, contexto etc. Tudo isso fica implícito na obra de

Eugenio Coseriu. No já mencionado texto “Determinación y entorno” (SNH, 310) Coseriu fala detalhadamente da ecologia da interação comunicativa (EIC), sob diversas designações. Por exemplo, no que chama de “situação”, entram os **interlocutores** sob a forma de “pronomes” pessoais (*eu, tu, ele*) e seus derivados possessivos. Aí inclui também os **dêiticos**, o tempo e o espaço em que a EIC acontece. No próprio título desse texto “entorno” já aponta para uma certa ênfase no espaço. Sob o rótulo não muito apropriado de “região” ele destrinça a EIC nos seus mínimos detalhes. Como se vê no pequeno texto sobre sua vida acima, em “Determinación y entorno” ele delineou uma teoria até mesmo do resultado dos atos de interação comunicativa, o **texto**.

Acima já foi feita alusão à **visão holística** que Coseriu tinha da linguagem. Para ele, “o objeto da linguística é a linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e infinitamente variável e em suas múltiplas relações” (SNH, 130), a começar da distinção entre sistema (regras sistêmicas) e uso/fala (regras interacionais). Em toda sua obra fica implícito que as primeiras regras são parte das segundas. Essa asserção é reafirmada em diversas passagens de toda sua obra.

Por defender a tese geral de que a língua existe concretamente na “fala” (**ecologia da interação comunicativa**, com as **regras interacionais**), Coseriu aceita a ideia de que o “sistema” (**regras sistêmicas**) é um construto que o linguista forma observando os atos concretos de interação comunicativa. Vale dizer, as regras sistêmicas são parte das regras interacionais, o que significa que também elas existem para a eficácia dos **atos de interação comunicativa**. Isso é exatamente o que diz a linguística ecossistêmica: as regras sistêmicas são parte das regras interacionais e o núcleo da língua é a interação comunicativa.

Em nenhum lugar Coseriu tocou em pormenores em algo como uma “harmonia”, ou **comunhão**, que teria que existir para que o ato de interação comunicativa seja eficaz. No entanto, o conceito fica implícito em asserções como a de que há uma “solidariedade para com o ouvinte, porque não há falar que não seja comunicação” (SDH, 70), ou seja, o falante procura se expressar como acha que o ouvinte vai entender. Indiretamente, isso implica que o falante procura entrar em comunhão com seu ouvinte.

Coseriu fala extensamente sobre a **diversidade** de pontos de vista (teorias) para se olhar para a linguagem (COSERIU, 1967, p. 36-43). Discute também as diversas formas de as várias línguas expressarem o mesmo conceito, exemplificando com espanhol, italiano, alemão, romeno e latim (SHN, 84). A ideia de diversidade linguística da Europa como um todo e da diversidade dialetal no domínio de uma língua dada transparece também em toda sua obra.

No que tange à **evolução e adaptação** da língua, todo o livro *Sincronia, diacronia e história* (COSERIU, 1979) foi escrito para mostrar que a realidade da linguagem é dinâmica, está sempre evoluindo para se adaptar às necessidades comunicativas de seus usuários. Para ele “a ‘língua’, [é um] *falar como os outros*, isto é, *como já se falou*, de acordo com a tradição” (SDH, 65, 132). “Para cada falante, a língua é um *saber falar*, saber *como se fala* numa determinada comunidade” (SDH, 52). Tanto que em outra passagem ele diz que “a língua se adapta às necessidades expressivas dos falantes” (SDH, 100). Ressalta que “o falante está sempre ‘sincronizado’ com a sua língua e não a percebe ‘em movimento’, visto que a continuidade da língua coincide com a sua própria continuidade como sujeito histórico” (SDH, 208).

Sobre a **porosidade** ou **abertura**, Coseriu diz em várias passagens de sua extensa obra que as línguas têm muito em comum, o que significa que o que há em comum entre elas subverte a ideia de fronteiras entre línguas e dialetos. Por exemplo, “nas línguas românicas, as próprias formas perifrásticas – aglutinadas ou não, mas de qualquer maneira, já ‘temporalizadas’ – costumam com frequência ser ‘substituídas’ pelas formas de presente ou por novas perífrases modais...” (143). Cita como exemplo, *he de hacer, voy a ir* para o espanhol, *j’ai à faire, je vais faire* (francês) e o

sueco *jag komme att göra*. Vale dizer, partindo de uma visão genealógica, mostra que línguas latinas e outras famílias compartilham traços – no caso, perífrases verbais – e que não há fronteiras para a maioria dos traços, para as isoglossas. Coseriu diz explicitamente que “não existem limites entre os dialetos”, deixando implícito que tampouco entre as línguas eles existem. Há muitas interinfluências nos dois sentidos (GL, 53). Diversos traços ultrapassam as “fronteiras” não apenas entre os dialetos, mas também entre as línguas. O português e o espanhol, por exemplo, compartilham a maior parte de suas características, mas não a nasalidade vocálica e as fricativas palatais [š] e [ž], entre outras peculiaridades, que pulam a Espanha e ocorrem no francês. No romeno, mesmo rodeado de línguas eslavas, [š] e [ž] ocorrem também, mas não a nasalidade vocálica. Enfim, são inúmeras as características que não obedecem às “fronteiras” linguísticas. Na genética, muitos genes podem se interpenetrar entre populações. Do mesmo modo, entidades linguísticas como fonemas, palavras etc. podem ser compartilhadas por várias línguas (GL, 34). Como nos ecossistemas biológicos, os ecossistemas linguísticos enviam e recebem matéria (falantes), energia (palavras) e informação (conceitos).

Indiretamente, Coseriu reconhece que se deveria falar em **organização** em vez de “estrutura”, tomando o termo “organização” não como um organismo à la Schleicher, mas como princípio organizador da linguagem. Assim, “o que se ‘define’ não é, em realidade, *a vogal, a consoante, a sílaba* em geral, mas a posição desses elementos em certos sistemas” (SNH, 182). Com isso, o fonema, seria um nó, um ponto na rede de interações, como o vê a linguística neurocognitiva (LAMB, 1999) desde meados da década de 60 do século passado.

Sobre as **formas possíveis**, vemos que “um grande número de significantes ‘possíveis’ que não existem efetivamente na língua”, ou seja, não são usados, tais como *\*cuerta, \*duerta, \*nuerta* (SDH, 109). No entanto, “o que é possível em turco é turco” (SDH, 121), o que significa que mesmo não sendo usadas na “norma” (as diversas comunidades de fala) elas são formadas pelas regras sistêmicas (sistema) do espanhol. Tanto que “um falante espanhol reconhece como não espanholas formas como *\*mögöröp* ou *\*stramd*, e com isso manifesta seu conhecimento do *sistema* da língua que fala, enquanto em face de formas como *\*nurro* ou *\*llambada* diria simplesmente que não as conhece. Os inventores de palavras inventam sempre palavras ‘possíveis’” (SDH, 53);

Indiretamente Coseriu toca até mesmo na questão da **reciclagem** na língua. Isso fica visível quando ele diz que “a mudança na língua não é ‘alteração’ ou ‘deterioração’ [...], mas reconstrução, renovação do sistema, e assegura sua continuidade e o seu funcionamento” (SDH, 237).

#### 4. Ideias metacientíficas

Além de praticar uma ciência (a linguística), Coseriu faz diversas reflexões de cunho epistemológico, metacientífico, falando do que é ciência. Para começar, toda ciência tem seu objeto (C—O). Mas, “seria um ato inane *criar* um objeto apenas para constituir uma ciência para estudá-lo” (SNH, 203). De alguma forma, o objeto deve preexistir ao modelo científico. No entanto, “toda a ciência trabalha necessariamente com generalizações, que são abstrações, ‘formalizações’” (SNH, 32), ela não é uma projeção biunívoca dele. Mais, não se deve confundir o modelo científico com seu objeto, como Coseriu adverte logo no início de SNH e SDH, por exemplo. No entanto, isso ocorre com muita frequência. Alguns autores trocam “ecologia” por “ecossistema” e vice-versa. Na linguística, é muito comum o estudioso dizer “a sincronia estuda .....”. Ora, a sincronia é objeto de estudo, ela (O) não estuda (C) nada. Pelo contrário, ela é estudada pela linguística sincrônica. De qualquer forma, “não pode haver estudo de fatos sem uma teoria

prévia, explícita ou implícita” (SDH, 164). Se a mera presença de dados fosse suficiente para se ter ciência, qualquer um de nós seria botânico ao chegar à floresta amazônica. Antes de ir para lá, é preciso termos algum conhecimento da ciência da botânica.

Para o autor, “é falsa e contraditória, por exemplo, a crença de que, para estabelecer *o que é* o substantivo, seria preciso juntar muitos substantivos (o que, certamente, deve ser feito para estabelecer *como são* os substantivos), pois, para cumprir essa operação – e para não incluir no mesmo conjunto os verbos, adjetivos e outros objetos heterogêneos – é necessário, precisamente, saber antes o que são substantivos. A ideia de juntar fatos para resolver os problemas teóricos é uma ideia reacionária que implica deter a investigação, e não fundamentá-la mais solidamente” (SDH, 165).

Coseriu tem uma visão dialética das inter-relações metodológicas entre modelo científico e seu objeto. Para ele, “o método [...] da linguística deveria basear-se em um movimento de ‘ida e volta’: do falar (com o conhecimento prévio da ‘língua’) ao ‘sistema’”, ao modelo científico (SNH, 234). No caso específico da linguística, “mais que outras ciências, pela própria natureza de seu objeto, ela deve mover-se constantemente entre os dois polos opostos do concreto e do abstrato: subir da comprovação empírica dos fenômenos concretos à abstração de formas ideais e sistemáticas, e logo voltar aos fenômenos concretos, enriquecida dos conhecimentos gerais adquiridos na operação de abstração” (SNH, 16). É justamente por isso que propugna a linguística ecossistêmica, como se pode ver em Couto (2018a).

Deve ser ressaltado que “o conhecimento prévio não coincide com o conhecimento científico e não poderia substituí-lo. Este último poderá corrigir os dados recebidos, modificá-los e até negá-los, mas em todo caso o conhecimento prévio terá constituído o ponto de partida da observação e a condição ineludível para o próprio deslinde do objeto” (SNH, 171). Ao se falar cientificamente de determinado objeto, “a validade de uma asserção deve ser considerada em relação à realidade dos fatos, e não simplesmente em relação à suas premissas, que podem ser errôneas ou absurdas” (SDH, 167, Nota). Tanto que “o grau de desenvolvimento de uma ciência é medido pela sua adequação ao objeto estudado e pelo número de verdades que descobriu” (SDH, 199).

Ainda no que tange à relação entre ciência e seu objeto, Coseriu é de opinião de que “uma ciência não se define por seu objeto material, mas pelo ponto de vista que adota e por sua finalidade” (SNH, 168). Assim, “o objeto da linguística é a linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e infinitamente variável e em suas múltiplas relações” (SNH, 130). Por isso, ela deve ser multidisciplinar e multimetodológica, pois, teorias reducionistas e fechadas como o estruturalismo ou a gramática gerativa não dão conta desses diversos aspectos. Como já foi dito acima, Coseriu propugnava por uma “linguística integral”, que abranja a língua em sua totalidade, objetivo que só pode ser atingido se combinar a teoria com a multimetodologia em um contexto de multidisciplinaridade.

Tanto que ele reconhece que há uma interação dialética entre “expressão” (e sistema) e “conteúdo” (e fala/interação comunicativa). Retomando uma ideia já apresentada acima, para Coseriu a linguística “deve basear-se em um movimento de ‘ida’ e ‘volta’: do falar (com o conhecimento prévio da ‘língua’) ao ‘sistema’ (e eventualmente ao ‘esquema’ [de Hjelmslev-mmgs], e do conhecimento científico da ‘língua’ à explicação da atividade linguística concreta”, como já dito (SNH, 234).

O autor vai mais longe em suas reflexões metateóricas. Para ele, “a ciência não deve ser pura descrição de fatos empiricamente conhecidos, mas também interpretação e valoração dos fatos de uma perspectiva unitária” (SNH, 137). Isso está em sintonia com a visão holística do topo da montanha combinada com o método da focalização discutidos em Couto (2018a)

Frequentemente vemos uma “confusão entre ciências do homem e ciências da natureza” (SDH, 59). Há “deficiências terminológicas gerais das ciências do homem, que com bastante frequência adotam o vocabulário e as expressões próprias das ciências da natureza” (SDH, 99). No entanto, mesmo nas ciências humanas “as explicações científicas são aquelas que correspondem à natureza e à realidade do objeto estudado, pelo que as explicações materiais dos fatos naturais não são científicas, mas místicas” (SDH, 163).

Para Coseriu, “a oposição entre essência e existência é uma distinção intelectual e não uma separação real: a essência *não se atribui* aos entes a partir de fora, mas se reconhece *neles*” (SNH, 295). De alguma maneira, Coseriu antecipa a concepção da teoria dos sistemas complexos, dos rizomas de Deleuze & Guattari (2000) etc. Tanto que ao falar de “entidades” linguísticas ele afirma que “o que se ‘define’ não é, em realidade, *a vogal, a consoante, a sílaba* em geral, mas a posição desses elementos em certos sistemas” (SNH, 182), como já visto. Ou seja, eles seriam nós em que diversas relações que se encontram e sobrepõem. A língua não é um organismo como queria Schleicher, mas uma entidade orgânica: ela é organizada, apresenta uma **organização**, de preferência a estrutura.

De uma perspectiva mais epistemológica, Coseriu afirma que “o futuro como tal não é matéria de conhecimento e a previsão não é problema de ciência” (SDH, 196), embora se fale muito em “previsão” na ciência ocidental. Vê-se, mais uma vez, que Coseriu já tinha uma concepção de ciência muito próxima da da **visão ecológica de mundo** (VEM), que tem suas bases filosóficas fincadas na ecologia. Quanto à “filosofia, [...] é a própria ciência dos princípios” (SDH, 185, Nota). A linguística tem relações com outras ciências, como geografia, etnografia, etnopsicologia, antropologia e “outras ciências” (GL, 33). Cada uma delas olha para a língua de uma perspectiva diferente, mas complementar, vale dizer, a linguística é transdisciplinar e sua prática deve ser multimetodológica, a começar pela distinção entre linguística “interna” e “externa”, que lembram a **endocologia** e a **exoecologia** da linguística ecossistêmica (GL, 34).

“Os esquemas são expedientes úteis enquanto não se identificam com a realidade estudada: não se deve confundir o rigor próprio dos esquemas enquanto esquemas (que é um rigor instrumental) com o rigor da sua relação com a realidade, à qual os esquemas renunciam de antemão, pelo simples fato de que se constituem como esquemas” (SDH, 41). Entretanto, “o grau de desenvolvimento de uma ciência é medido pela sua adequação ao objeto estudado e pelo número de verdades que descobriu” (SDH, 199). É importante ter em mente que “os aparentes conflitos entre a razão e a realidade são sempre conflitos da razão consigo mesma, pois não é a realidade que se deve adequar ao intelecto, mas vice-versa” (SDH, 19). “Toda ciência é lógica por ser *ciência*, não por ser ciência de um *objeto lógico*” (SNH, 253).

### 5. Observações finais

É importante repetir que Coseriu viveu praticamente toda sua vida acadêmica no clima do estruturalismo e seus derivados. Não é de estranhar que de vez em quando ele incorra no equívoco de dizer que a “fala é realização da língua” (SNH, 14 *et passim*). Isso devido ao *Zeitgeist* (o clima intelectual, científico) em que ele viveu. Se ele estivesse a pleno vapor na pesquisa nos dias de hoje, muito provavelmente seria um seguidor da visão ecológica de mundo (VEM), como defendida por Frifjof Capra em toda sua obra.

Temos que levar em conta que, como já apontado acima, ele se formou e atuou grande parte da vida acadêmica no clima do estruturalismo da linha de Saussure na Europa e do estruturalismo behaviorista de Bloomfield nos Estados Unidos, se bem que este último partia da ideia de estímulo e resposta que, ao fim e ao cabo, é interacionista. Tanto que o psicolinguista behaviorista Salzinger

## ECO-REBEL

(1979) propôs, pioneiramente, uma “ecolinguística” partindo justamente dessa interação (I), que pressupõe interagentes (P) e o lugar (T) em que a interação se dá, como requer o conceito original de ecossistema na ecologia e como lembra Couto (2018b).

Diante de tudo que acaba de ser visto, Eugenio Coseriu pode perfeitamente ser considerado um precursor da linguística ecossistêmica, em especial, e da ecolinguística, em geral, embora nenhum ecolinguista tenha reconhecido sua importância no surgimento do clima em que sua disciplina emergiu. A linguística americana em geral o ignora solenemente. Nem o recém-mencionado Kurt Salzinger sabia de sua existência. No entanto, Coseriu revelou ter um conhecimento bastante abrangente, e crítico, do que se fazia nos Estados Unidos e no mundo em geral.

### Notas

1. Reproduzido em Coseriu (1967, p. 282-323).
2. Para uma visão de conjunto de sua vasta produção, pode-se consultar, entre várias fontes, o site mencionado acima: <http://www.coseriu.de/>.
3. Ao inserir excertos dos textos de Coseriu, usarei as seguintes siglas:  
-GL = *La geografía lingüística* (COSERIU, 1956).  
-SNH = Sistema, norma y habla (COSERIU, 1967, p. 11-113);  
-SDH = *Sincronia, diacronia e história* (COSERIU, 1979).

### Referências

COSERIU, Eugenio. *La geografía lingüística*. Montevideu: Fac. Humanidades/ Universidad de la República, 1956.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madri: Gredos, 1967, 2ª ed. (original de 1961).

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979 (original de 1958).

COȘERIU, Eugenio. Latinitatea orientală. *Limba Romană*, v. 3, n. 15, 1994, p. 10-25.

COUTO, Hildo Honório do. 2018a. A metodologia na Linguística Ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, p. 18-33. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

COUTO, Hildo Honório do. Fonologia: argumentos em prol de uma fonética-fonologia ecossistêmica. *Revista de letras* v. 2, n. 37, p. 42-57, 2018b.

<http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/42024/99255>

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. I. São Paulo: Editora 34, 2000, 1ed., 2ª reimpressão.

LAMB, Sydney M. *Pathways of the Brain: The Neurocognitive Basis of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

## ECO-REBEL

MUNTEANU, Eugen. Fundamente filosofice ale unei “linguistici integrale”. *Hermeneia* Numar special/2005 – Ideea europeană, p. 126-135.

<http://hermeneia.ro/archive/numar-special2005-ideea-europeana/>

HAUGEN, Einar. 1972. The ecology of language. *The ecology of language: Essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press, p. 325-338 (original de 1970).

SALZINGER, Kurt. 1979. Ecolinguistics: A radical behavior theory approach to language behavior. In: Aaronson, D., Reiber R. W. (eds.). *Psycholinguistics research*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1979, p. 109-130.

SANTOS, Hélio Santana dos. Eugenio Coseriu: uma mudança radical na perspectiva linguística. *Linguagem em (Re)vista*, ano 9, n. 17-18, 2014, p. 62-74. Disponível em:

[http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/17\\_18/004.pdf](http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/17_18/004.pdf)

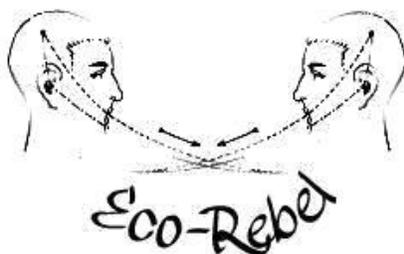
TĂRCĂOANU, Mihaela-Cătălina. Paradigma filozofiei limbajului – în viziune coșeriană. *Interferențe universitare – integrare prin cercetare și inovare*, organizată de Universitatea de Stat din Moldova, Chișinău, 25, 26 septembrie 2012, p. 279-281.

[http://www.philippide.ro/traditie-inovatie\\_2012/20TARCAOANU%20Catalina%20final.pdf](http://www.philippide.ro/traditie-inovatie_2012/20TARCAOANU%20Catalina%20final.pdf)

VOEGELIN, C. F.; F. M., VOEGELIN. Languages of the world: Native America fascicle one – Contemporary language situation in the New World. *Anthropological linguistics* 6(6), 1964, p. 1-151.

Aceito em 05/12/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.



### **TATIANA SLAMA-CAZACU: LINGUISTA ECOSSISTÊMICA AVANT LA LETTRE**

Ubirajara Moreira Fernandes (Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista)

Le langage a commencé, au cours de ce siècle, à être considéré de plus en plus comme un phénomène très complexe, à l'étude duquel doivent collaborer différentes disciplines (SLAMA-CAZACU, 1965, p. 309).

**Resumo:** O objetivo deste artigo é expor algumas das principais ideias da psicolinguista romena Tatiana Slama-Cazacu a fim de mostrar que ela pode ser considerada uma precursora da versão da linguística ecossistêmica. Vê-se que desde o início de sua carreira ela via a língua como interação, certamente influenciada pelas ideias marxistas que eram impositivas em seu país até 1989, não pelas de Humboldt, o que é mais comum de acontecer. Mas, suas ideias antecipam muitos outros conceitos ecolinguísticos. É o caso da multidisciplinaridade, valorização do contexto e o fato de na interação comunicativa entrarem também ingredientes não linguísticos. Por fim, ela trabalhou muito a “estrutura do diálogo”, que preferimos chamar de organização do diálogo.

**Palavras-chave:** Tatiana Slama-Cazacu; Psicolinguística; Língua como interação; Contexto; Multidisciplinaridade.

**Abstract:** The objective of this article is to present some of the main ideas of the Romanian psycholinguist Tatiana Slama-Cazacu in order to show that she can be considered a precursor of ecosystemic linguistics. One can see that since the beginning of her career, she saw language as interaction, certainly influenced by Marxist ideas that were obligatory in her country until 1989, not by Humboldt, what is more usual. But, her ideas anticipate many other ecolinguistic concepts. This is the case with multidisciplinarity, valuing the context, and the fact that non-linguistic ingredients also enter into communicative interaction. Finally, she worked a lot on “dialogue structure”, which we prefer to call dialogue organization.

**Key-words:** Tatiana Slama-Cazacu; Psycholinguistics; Language as interaction; Context; Multidisciplinarity.

### 1.Introdução

Gostaria de começar este artigo reproduzindo o que foi dito em Couto (1999) sobre o livro de Tatiana Slama-Cazacu *Limbaș și context* (linguagem e contexto), de 1959, época em que a própria ecolinguística ainda não havia decolado: “Devo salientar que Haugen e Mackey foram pioneiros na abordagem ecológica da língua de um ponto de vista explícito. Eles foram os primeiros a usar o termo ecologia explicitamente no âmbito dos estudos linguísticos. No entanto, implicitamente há outros precursores, ou seja, autores que na prática fizeram aproximadamente o que requer uma abordagem ecológica, embora não tenham usado a palavra ecologia. Um exemplo é Slama-Cazacu (1961). Apesar do fato de considerar seu trabalho como pertencente ao âmbito da psicolinguística, na verdade o que ela fez foi ecologia linguística. Com efeito, ela abordou a língua não apenas em sua autoecologia mas também em sua sinecologia. E o que é mais, ela foi estreitando o âmbito da análise, chegando a ecossistemas (subsistemas) menores, sempre levando em conta tanto sua autoecologia quanto sua sinecologia. Ela chega a formular uma lei, que chama de “lei da determinação pelo conjunto”. Essa lei é complementada pelo “princípio de adaptação ao contexto”, ao qual Slama-Cazacu (1956) é inteiramente dedicado. O capítulo 5 (p. 101-102) do livro *Limbaș și Context* é inteiramente dedicado às ideias de Slama-Cazacu sobre a importância do contexto para o entendimento da linguagem. Infelizmente, ao que tudo indica, seu trabalho não teve seguidores” (cf. COUTO, 2017, p. 12).

É importante de ressaltar também que este artigo sobre as ideias linguísticas da romena Tatiana Slama-Cazacu tem muito a ver com o de meu amigo Márcio M. G. Silva sobre o também romeno Eugenio Coseriu, também neste número de *ECO-REBEL*, embora Slama-Cazacu seja uma psicolinguista formada no contexto do marxismo e Coseriu seja um estruturalista que começou sua carreira interpretando ideias de Ferdinand de Saussure. Os dois autores defenderam ideias que atualmente são parte do arcabouço teórico da ecolinguística. Embora ambos sejam romenos de nascimento, cada um deles tomou um rumo bem diferente do outro: a carreira acadêmica de Slama-Cazacu decorreu toda na própria Romênia, mas Coseriu desenvolveu toda sua pesquisa fora de seu país natal.

Tatiana Slama-Cazacu nasceu em 25 de janeiro de 1920, em Bucareste, e faleceu em 4 de abril de 2011, na mesma cidade. Fez o ensino médio no liceu Domnița Elena e os estudos superiores na

## ECO-REBEL

Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Bucareste, tendo se licenciado em Letras, Filosofia, Psicologia e Filologia Moderna.

O regime comunista em que Slama-Cazacu viveu grande parte de sua vida lhe criou muitas dificuldades, inclusive na defesa de sua tese de doutorado em psicologia com o título de *Limbar și context*, em 1949, cuja banca não foi “aprovada” e a defesa teve que ser adiada. Mais tarde ela saiu como livro com o mesmo título, como já dito acima. Finalmente ela obteve o título de doutora em psicologia em 1966. Em 1969 obteve o título de doutora em ciências perante uma banca de que fazia parte o conhecido filólogo Iorgu Iordan. Nesse período, exerceu diversas atividades. Foi aprovada no exame de tradutora de e para francês e italiano. No período de 1968 a 1980 foi readmitida na universidade, após ser elogiada por especialistas soviéticos. Teve várias atividades podadas pelo regime comunista, mas em 1980 Slama-Cazacu foi nomeada professora da Universidade de Paris Sorbonne, embora tenha tido permissão para sair da Romênia por apenas quatro meses. Essa visibilidade no exterior parece ter levado as autoridades locais a reconhecerem seu valor.

### **2. Início da carreira de psicolinguista**

Slama-Cazacu não é muito conhecida pelos linguistas americanos e praticamente ignorada pela geração atual de linguistas, até mesmo pelos psicolinguistas. No entanto, ela teve uma atuação bastante intensa desde o nascimento da psicolinguística que, em suas palavras, era uma espécie de interdisciplina entre psicologia e linguística, a ponto de ela, inicialmente, defender a interdisciplinaridade, mais tarde abandonada em prol da multidisciplinaridade, como sugerido na epígrafe deste artigo. Neste artigo pretendo mostrar que praticamente todas as ideias defendidas por Slama-Cazacu são compatíveis com as da linguística ecossistêmica, mesmo que ela certamente não tenha tomado conhecimento sequer da ecolinguística em geral.

Provavelmente devido ao ambiente comunista em que se formou e atuou durante muito tempo, Slama-Cazacu tenha sido influenciada pelas ideias do marxismo. Ela cita Marx pelo menos em Slama-Cazacu (1956). Em Slama-Cazacu (1962) associa língua e trabalho, como os marxistas gostavam de fazer. Isso significa que sua concepção de língua como interação com certeza não foi influenciada diretamente pela filosofia de Humboldt, como sói acontecer e como aconteceu com seu grande contemporâneo Eugenio Coseriu.

## ECO-REBEL

Do início da carreira por volta de 1943 até 1968 Slama-Cazacu publicou basicamente em romeno, mas em 1961 seu livro de 1959 foi publicado em francês (*Langage et contexte*. Haia: Mouton, 1961), talvez porque durante o regime comunista o francês tinha mais presença na Romênia do que o inglês e o russo. Em 1968 publicou o livro *Introducere în Psiholingvistică (Introdução à psicolinguística*, Buc. Ed. Științifică, 1968), traduzido para o inglês e o italiano em 1973. Ela publicou diversos outros livros em romeno e em outras línguas, como autora e como coautora, além de cerca de 200 artigos e muitos capítulos de livros. A bibliografia sobre a obra de Slama-Cazacu é bastante extensa. Ela escreveu também alguns contos, romances policiais e peças teatrais. Alguns desses textos foram censurados.

Como já apontado acima, Slama-Cazacu nasceu e viveu grande parte de sua vida acadêmica sob o tacão do ditatorial, brutal e corrupto regime comunista de Nicolae Ceaușescu, que foi fuzilado por um pelotão do exército que passou para o lado do povo insurgente em 1989, por ocasião da queda da cortina de ferro dos países comunistas do leste europeu. Muitas ideias da autora têm como pano de fundo o marxismo, mesmo quando ela o tenha feito inconscientemente, pois ele era a ideologia impositivamente oficial em seu país até 1989. Na época, a visão ecológica de mundo não era comum, sobretudo nos países comunistas. Ela atuou não apenas em psicolinguística, mas também em linguística aplicada, linguística geral e até em fonética de laboratório. O *site* oficial da autora está em romeno e é muito antigo. O URL é <http://www.tatianaslamacazacu.ro/>.

Entre 1954 e 1968 Slama-Cazacu trabalhou em pesquisa científica no Instituto de Psicologia da Academia Romena. Ela era chefe do Laboratório de Psicologia da Linguagem e depois chefe do Departamento de Psicologia Geral. A partir de 1968 transferiu-se para a Faculdade de Letras da Universidade de Bucareste, onde, como professora universitária, ministrou pela primeira vez cursos de psicolinguística e linguística aplicada, criando, ao mesmo tempo, o primeiro laboratório de psicolinguística na Romênia. Infelizmente, o laboratório foi extinto em 1973 arbitrariamente. Em 1974 o filólogo Iorgu Jordan e o foneticista Alexandru Rosetti propuseram o nome de Slama-Cazacu como membro da Academia, mas ela foi substituída “na véspera” por ordem do Comitê Central do Partido Comunista Romeno, segundo o qual apenas aqueles que exerciam “atividades públicas”, isto é, políticas deveriam exercer essa função.

### 3. Língua como interação

Em vários lugares do presente artigo aparece a ideia de que Slama-Cazacu vê a língua como interação, ao ponto de partir do famoso esquema E, R, M e C (emissor, receptor, mensagem e código respectivamente) dos engenheiros da comunicação, a despeito das críticas que hoje se fazem a ele. Nesse sentido, já em 1962 publicou um artigo intitulado “Aspectos linguísticos da comunicação no processo de trabalho” (Aspecte lingvistice ale comunicării în procesul muncii). Vinte anos depois veio a lume o ensaio “Estrutura do diálogo: a propósito da ‘sintaxe dialogada’” (Structura dialogului: despre ‘sintaxa dialogată’ I, II), em duas partes (n. 3 e 4, 1982), na conhecida revista romena *Studii și cercetări lingvistice* (Estudos e pesquisas linguísticas), o que mostra a continuidade da visão de língua como comunicação, não apenas instrumento de comunicação.

Slama-Cazacu é crítica do método *Wörter und Sachen*, por trabalhar com palavras isoladas, não com a linguagem viva, que é oral e dialógica. Talvez devido à orientação dialético-materialista em que se formou e atuou durante a maior parte da vida, Slama-Cazacu sempre viu a língua claramente como interação. Já no livro *Limba și context*, publicado em 1959, a autora trata da linguagem claramente como fenômeno de comunicação. Isso se repete praticamente em todos os seus trabalhos, como o artigo “Aspecte lingvistice ale comunicării în procesul muncii” (Aspectos linguísticos da comunicação no processo de trabalho) e o livro *Dialogul la copii (Diálogo com crianças)*, ambos de 1962.

Uma grande inovação introduzida por Slama-Cazacu nos estudos linguísticos é o que chama de “sintaxe dialogada”, que se manifesta justamente na língua como interação. Grande parte das teorias linguísticas se limita às estruturas frasais, não ultrapassando o que a gramática tradicional chama de período composto. Slama-Cazacu parte da língua como sendo de base interlocucional, dialógica. Sua inovação é ter mostrado que entre as réplicas (enunciado do falante e a resposta do ouvinte) há conexões “sintáticas”, que ela chama de “sintaxe dialogada”, mas que creio que seria melhor chamar de “sintaxe dialógica” ou “sintaxe dialogal”. Como veremos mais abaixo, a “sintaxe dialogada” está intimamente associada à “sintaxe mista”, que também tem a ver com sua concepção de língua como interação. Em uma de suas inúmeras publicações, no caso um artigo em espanhol que parece ser um resumo de Slama-Cazacu (1982a, 1982b), ela define “sintaxe dialogada” da seguinte maneira:

Consideramos a *sintaxe dialogada* (SD) como um dos elementos definidores do diálogo e um dos meios fundamentais de sua estruturação. Produzida pela *interação dos*

## ECO-REBEL

*participantes* durante a comunicação oral (sobretudo face a face), a SD se correlaciona com a regra de alternância das réplicas, com sua *focalização* sobre um tema comum e com a estratégia de *referência contextual* (incluindo também a possibilidade de o locutor utilizar os *elementos implícitos e não verbais*). A metodologia adotada (em íntima ligação com nossa teoria dinâmico-contextual, que elaboramos tempos atrás) consistiu em registros complexos e análises de três *corpora* de diálogos em romeno. Consideramos a SD como um parâmetro fundamental. Esse parâmetro (a SD) foi definido pelas *conexões formais sintáticas* entre as réplicas (incluindo os elementos suprasegmentais e a ‘sintaxe mista’, ou seja, a unidade dos elementos verbais e não verbais). Portanto, nesse parâmetro as relações de conteúdo entre as réplicas não ficam excluídas. Essas conexões de SD implicam que as réplicas se complementam reciprocamente em sua unidade sintático-semântica (uma frase simples ou composta). Medimos a ocorrência da SD e constatamos que as particularidades da estratégia que engendra apareciam tanto nos *corpora* I (diálogo de crianças) e II (diálogo de adultos que trabalham em equipe), como no *corpus* III, recolhido recentemente e que contém 9 diálogos com um total de 2013 réplicas, 264 minutos de registro entre adultos, em situações semiformais/semi-informais do tipo diálogo-conversação “durante uma pausa” ou “ao redor de uma mesa” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 20-21).

Em outro lugar, a autora diz que “a SD [está] intimamente associada à ‘sintaxe mista’”. Acrescenta que “o encadeamento entre as réplicas se manifesta, nos diálogos, pela SD (seja entre réplicas de diferentes participantes [...], seja entre as réplicas de um mesmo participante). Os dois casos de SD se manifestam seja pelo fato de que (a) as diferentes réplicas formam, juntas, uma única frase complexa, sendo cada réplica uma proposição subordinada ou coordenada unida a uma réplica anterior que exerce o papel de proposição principal ou de proposição coordenada; seja pelo fato de (b) as diferentes réplicas formarem, juntas, em uma interdependência funcional, uma única proposição, na qual diversas réplicas podem ter, por exemplo, um tema comum”. A autora aduz: “consideramos como SD unicamente os casos em que as réplicas se complementam uma à outra em um todo, formando juntas uma única unidade sintática” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 10, 12). A autora apresenta um formalismo para representar as conexões de sintaxe dialogada e, até certo ponto, de sintaxe mista (SLAMA-CAZACU, 1982).

Sobre a “sintaxe mista” Slama-Cazacu diz que se trata da troca frequente de elementos verbais por elementos não verbais”, num processo de “integração de componentes no diálogo oral”. Deve ser ressaltado que “a sintaxe mista está intimamente associada à SD verbal. No diálogo, a SD contém também uma sintaxe mista” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 7, 12, 15).

O diálogo depende visceralmente do contexto, ao qual a autora dedicou sua tese de doutorado em 1949. Ela diz que “concebemos o contexto – desde final dos anos de 1940 – não só como uma configuração linguística, mas também como situação e circunstâncias sócio-históricas, sistemas de coordenadas dos participantes – por tanto todos os níveis contextuais possíveis (SLAMA-

## ECO-REBEL

CAZACU, 1983, p. 10). Numa figura de círculos concêntricos, Slama-Cazacu parte do “contexto total”, que contém o “contexto implícito (meio físico, situacional e social)”. No interior deste está o “contexto explícito”, em cujo interior está o “contexto linguístico (verbal)” e o “contexto extralinguístico (correlatos auxiliares, gestuais, mímicos etc.)” (SLAMA-CACACU, 1983, p. 9). A estudiosa romena Lavinia Nădrag fez um apanhado geral da obra de Slama-Cazacu que, segundo Nădrag tem uma "concepção 'dinâmico-contextual' sobre a comunicação" e critica a concepção de linguagem como "expressão", em vez de “como atividade psíquica bilateral, de emissão e recepção”. Para Nădrag, "a psicolinguística romena, por intermédio de T. Slama-Cazacu, desde o começo [tem visto a psicolinguística - UMF] como um estudo interdisciplinar voltado para um fenômeno complexo que é a comunicação humana, com tudo que isso implica: relação bilateral entre parceiros, código linguístico e não linguístico, determinação social, organização estrutural do sistema de signos, da mensagem, do contexto em que circulam as mensagens, das pessoas [...]. A hipótese fundamental em que aparece a linguagem deve ser procurada na situação de diálogo inclusa no contexto sócio-histórico que influencia profundamente a comunicação em todas as suas manifestações" (NĂDRAG, 2009, p. 97-198).

Nădrag menciona também a "sintaxe mista" de Slama-Cazacu, que consiste em "incluir entre os elementos verbais também elementos não verbais em uma mesma unidade sintática". Isso inclui "os componentes cinésicos, os articulatório-bucais, as expressões faciais utilizadas intencionalmente com os elementos gestuais, numa realização complexa, auditiva e visual que devem ser interpretadas em toda a sua complexidade com vistas à comunicação integral" (NĂDRAG, 2009, p. 99-100). Ressalta que "muito importante é a perspectiva do olhar e a posição dos parceiros no espaço", o que remete à regra interacional número 1 da linguística ecossistêmica. Nădrag mostra que para Slama-Cazacu "não se pode operar com um locutor 'ideal', não se pode ignorar a comunicação real nem muito menos isolar o enunciado do contexto da comunicação". Na interpretação de Nădrag, a "sintaxe dialogada, pode ser definida assim: situação em que as réplicas do diálogo se completam reciprocamente, formando uma única unidade sintática (proposição, frase)" (*ibidem*).

Slama-Cazacu toca inclusive no fato de que os monólogos contêm implícita uma certa dialogicidade. Embora em uma nota de rodapé, ela diga: “Outro tipo de comunicação é o fato de a fala de um único interlocutor dirigida a outros diferir do solilóquio, ou seja, a fala de uma única

pessoa, dirigida a ninguém, mas que pode incluir diálogo consigo próprio ou com interlocutores imaginários” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 12).

### 4. Organização do diálogo

Uma consequência importante da concepção de língua como interação de Slama-Cazacu são seus estudos sobre a estrutura do diálogo, que emergiu das pesquisas sobre o papel do contexto na comunicação. Ela publicou pelo menos dois artigos com título de “estrutura do diálogo”, além de outros com outros títulos, mas dedicados ao diálogo (SLAMA-CAZACU, 1982a, 1982b). Dada sua visão ecológica de mundo, a linguística ecossistêmica prefere falar em organização do diálogo, em vez de “estrutura do diálogo”, pois como a própria autora mostra, ele é dinâmico, não estático como as estruturas. Slama-Cazacu só não usou essa terminologia por ela ainda não ser comum em sua época.

A organização do diálogo começa pela sintaxe dialogada, que “é formada pelas relações formais e o conteúdo inter-réplicas que fazem com que elas se completam mutuamente, constituindo uma única unidade sintático-semântica” (SLAMA-CAZACU, 1982a, p. 211). Isso porque “a sintaxe dialogal é um aspecto fundamental da estruturação do diálogo, mas não o único. Porém, ela não deve ser entendida como uma conexão ‘estritamente’ gramatical; envolve conexões semânticas, bem como não-verbais, paralinguísticas, fonêmicas, entonacionais e assim por diante. As ‘unidades de diálogo’ são *continua*, baseados ou não na sintaxe dialogal, mas, em todo o caso em estratégias implícitas, estruturadas por vários meios contextuais, com base num ‘tema’ comum (SLAMA-CAZACU, 1982b, p. 315)”.

A solicitação por parte do falante e o atendimento por parte do ouvinte (BACK; MATTOS, 1972, p. 9), ou seja, a alternância de turnos também faz parte da organização do diálogo. Na verdade, em vez de falante e ouvinte seria mais adequado falar-se em pessoa 1 ( $p_1$ ) e pessoa 2 ( $p_2$ ) para designar os interlocutores, pois, a ideia de que falante fala e ouvinte responde só vale para o primeiro momento do diálogo. Assim que  $p_2$  atende a solicitação de  $p_1$  passa a ser falante e  $p_2$  passa a ser ouvinte, já num segundo nível do diálogo. No terceiro, os papéis se invertem de novo e assim sucessivamente. Vejamos o seguinte excerto de diálogo, uma cláusula, que é a célula da comunicação na terminologia de Back & Mattos (1972, p. 7):

## ECO-REBEL

-p<sub>1</sub>: *Maria foi ao cinema?*

-p<sub>2</sub>: *Não, ela foi ao teatro.*

Nesse caso, tanto *não* quanto *ela* revelam uma conexão entre o enunciado de p<sub>1</sub> (a solicitação) e o de p<sub>2</sub> (o atendimento), como estratégias da “sintaxe dialogada”. O *sim* tem a mesma função (*Sim, ela foi ao cinema*). O *não* retoma diretamente o enunciado de p<sub>1</sub> e *ela* retoma *Maria*. Por fim, *foi* retoma o *foi* do primeiro enunciado. Vale dizer, a correferência e a anáfora são também estratégias utilizadas na sintaxe dialogal, que poderíamos chamar também de sintaxe interlocucional ou sintaxe interenunciado. Em vez de *não*, às vezes se usam palavras como *uai, então, pois é* etc.

Vejamos mais algumas das principais estratégias que caracterizam a sintaxe dialogal, enumeradas em Slama-Cazacu (1982b, p. 303-309). A primeira é a complementação da fala do parceiro na interlocução. Se p<sub>1</sub> diz *A chanceler da Alemanha.....* e hesita ou não se lembra do nome dela, p<sub>2</sub> pode completar *Ângela Merkel*. Isso revela espírito cooperativo no diálogo, num clima de harmonia, de comunhão. Pode haver complementação até da própria réplica quando, a certa altura o falante se dá conta de que no dissera anteriormente ficou faltando algo. Essa complementação pode ser de uma fala bem anterior, proferida vários turnos atrás. Mais, essa complementação pode ser de uma fala própria ou da do outro.

A implicatura também pode ser usada na organização do diálogo. Por exemplo, em uma estação de trem em Tóquio pode ocorrer o seguinte minidiálogo:

- p<sub>1</sub>: *Que horas são?*

- p<sub>2</sub>: *O trem está chegando.*

Nesse caso, houve atendimento à solicitação de p<sub>1</sub>, pois ambos sabem a que horas o trem chega. A afirmação de que o trem está chegando implica a hora em que ele sempre chega.

O quiasmo também pode ser uma estratégia da sintaxe dialogal, como no seguinte diálogo monoclausal:

- p<sub>1</sub>: *Você é louco!*

- p<sub>2</sub>: *Louco é você.*

## ECO-REBEL

Embora ele ocorra mais no interior do enunciado de um único falante, como em *Tinhas a alma de sonhos povoada / E a alma povoada de sonhos eu tinha*, do poema “Nel mezzo del camin”, de Olavo Bilac, e no provérbio *Quem com ferro fere / com ferro será ferido*, de origem bíblica. A segunda parte do quiasmo é uma imagem especular da primeira, como já implícito na palavra ‘quiasmo’, do nome da letra grega *chi* (x).

Há relações mais complexas. Pode acontecer de a retomada de algo de um turno anterior se dar não apenas por uma das estratégias já assinaladas. Além disso, elas podem vir acumuladas com sintaxe mista, ou seja, com a ajuda de componentes entonacionais, proxêmicos, cinésicos, paralinguísticos etc., caso em que entra em ação a sintaxe mista. A entoação, por exemplo, entra já na primeira cláusula do diálogo: p<sub>1</sub> profere sua solicitação em tom ascendente (de pergunta) e p<sub>2</sub> atende começando em tom alto e descendo no final, algo como / \, de maneira altamente estilizada. As peculiaridades da personalidade dos interlocutores também podem influenciar as diversas relações interpessoais no diálogo. Pode haver complementação da intervenção por parte de um terceiro a uma réplica de p<sub>1</sub> ou de p<sub>2</sub>. Enfim, as estratégias que podem ser utilizadas na sintaxe interenunciado, ou conexão interenunciado, são dos mais variados tipos. O assunto merece um estudo mais aprofundado.

### 5. Outros conceitos de Slama-Cazacu

Alguns conceitos como o de ecossistema linguístico constituído de P-T-L ficam implícitos em sua concepção de contexto e de comunicação. Da interação comunicativa ela diz que “implica a existência de uma ligação entre duas pessoas pelo menos, das quais uma se exprime com a intenção de comunicar um conteúdo psíquico – uma ideia, uma ordem, um estado afetivo –, que ela transmite à outra”. A autora continua dizendo que “confrontada com a Linguística propriamente dita, a Psicolinguística é uma ciência explanatória, que opera com fatos linguísticos *concretos*, com as 'mensagens' que circulam entre emissores e receptores, e que encontra sua explanação em processos psicológicos (gerados em seres humanos *concretos*, que vivem em contextos de relacionamento social)” (SLAMA-CAZACU, 1995, p. 10-12).

Slama-Cazacu reconhece explicitamente a existência das três dimensões da língua (natural, mental, social). De acordo com ela, “este fenômeno, humano por excelência que é a linguagem humana é guiado pela consciência. Ele deve ser estudado e explicado pelo prisma do determinismo social e pela relação com a totalidade da vida psíquica”, na qual o pensamento exerce um papel importante,

## ECO-REBEL

e que ao mesmo tempo implica a atividade de uma base anátomo-fisiológica” (SLAMA-CAZACU, 1965, p. 312). No caso, “base anátomo-fisiológica” está para a dimensão física, natural da linguagem; “consciência” e “vida psíquica” estão para a mental, e o “determinismo social” está para o ecossistema social da língua. Só faltou falar em um enfoque abrangente que incluiria essas três dimensões, o ecossistema integral da língua, o que não fica totalmente de fora de sua teoria, como sugerido mais abaixo.

A ideia de língua como interação é introduzida com a asserção de que “vivemos uma época de negociações, e elas são predominantemente *orais*” (SLAMA-CAZACU, 1973; 1982; 1983). De acordo com seu método dinâmico-contextual, muito bem apresentado em Slama-Cazacu (1971), até o texto é analisado como uma organização em movimento. Para ela, “a psicolinguística estuda a língua em suas realizações concretas, em suas ‘mensagens’, na relação entre emissores e receptores, bem como com as diferentes situações em que os dois se encontram (SLAMA-CAZACU, 1965, p. 312).

Outro conceito, um dos mais centrais na teoria de Slama-Cazacu, é o de dialogicidade. Segundo a autora, “o diálogo é uma forma de comunicação entre duas ou várias pessoas, em uma situação comum, através da qual a informação é transmitida com objetivos variados e que se caracteriza por uma conexão interativa entre os participantes, por seus interesses mútuos e pela orientação de cada participante para com os outros, mais especificamente pelo intercâmbio alternativo das réplicas, pela dosificação (a longitude proporcionada) de réplicas e pela forma linguística de concatenação sintático-contextual entre as réplicas” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 11-12).

Um conceito importante em toda a pesquisa de Tatiana Slama-Cazacu é o de contexto; tanto que em 1959 ela publicou um livro intitulado justamente *Linguagem e contexto*, já mencionado acima. Para ela, contexto é a “situação em que se encontram os sujeitos da fala” (SLAMA-CAZACU, 1973, p. 35). Diz ainda que “situação ou contexto deve ser entendida em um sentido amplo, isto é, as motivações, os conhecimentos de cada pessoa, sua concepção da dinâmica psíquica geral e momentânea, a capacidade de memorização das formas linguísticas, os traços que implicam a pertinência de um falante a determinado meio etc. Deve ser entendido também que o contexto linguístico, o contexto extralinguístico, o contexto implícito e o contexto social geral formam um contexto total” (SLAMA-CAZACU, 1973, p. 35-36), como já comentado em Couto (2017, p. 101-102). Alhures a autora diz que “concebemos o contexto – desde finais dos anos 40 – não só como uma configuração linguística, mas também como situação e circunstâncias sócio-históricas,

## ECO-REBEL

sistemas de coordenadas dos participantes, portanto, todos os níveis contextuais possíveis” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 10). É a ecologia da interação comunicativa.

Slama-Cazacu fala do princípio de adaptação ao contexto (SLAMA-CAZACU, 1956), assunto estudado também por Makkai (1993, p. 101-111), embora de outra perspectiva. Para a autora, “uma adaptação organizada se manifesta, em primeiro lugar, pela escolha dos meios expressivos: escolha das palavras mais adequadas para designar os objetos ou fenômenos em questão” (p. 108). Diz ainda que “a gramática é um meio [...] de realizar a adaptação ao contexto, de fazer compreender as palavras relacionando-as uma à outra e a toda a situação” (p. 110). Por isso, “a adaptação ao contexto constitui no fundo a própria base da gramática, que compreende as regras que põem as palavras em relação, logo, as regras de acordo com as quais elas se enquadram em um conjunto e se modificam na relação umas com as outras palavras” (p. 114). Por fim, ela afirma que “é necessário aplicar este mesmo princípio de adaptação ao contexto aos problemas de vocabulário e de sublinhar que é indispensável que cada palavra seja bem especificada pelas outras e por todo o contexto a fim de que a expressão possa ser compreendida” (p. 115). A autora diz ainda que “na interação comunicativa emissor e receptor adaptam-se reciprocamente a fim de encontrar um contexto comum” (SLAMA-CAZACU, 1982, p. 211), antecipando a regra interacional número 13 da linguística ecossistêmica.

Enfim, “o fato de se referir à situação – no sentido de meio concreto envolvente ou ambiência geral, comum aos interlocutores – não é de forma nenhuma prova de inferioridade para as formas de comunicação: a linguagem não só recorre ao ambiente constantemente, mas, o que é mais, a compreensão seria mesmo inconcebível sem essa referência contínua às circunstâncias atuais em que se encontram os parceiros” (SLAMA-CAZACU, 1956, p. 101-102).

Para a autora, “a psicolinguística pode estudar seu objeto mediante a análise do ato da comunicação, e o discerne melhor durante a comunicação oral, dialogada” (SLAMA-CAZACU, 1973, p. 38-39), e aqui já se antevê o ato de interação comunicativa. A autora aponta até mesmo para o que chamamos de regras interacionais, ao falar de “as regras gerais do diálogo” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 12).

Slama-Cazacu (1984) tocou na questão da interação pessoa-mundo, usando a linguagem, ou seja, a referência. E mais, “a natureza, que se forma e transforma continuamente, e sobretudo a ação contínua que a sociedade exerce sobre ela, [...] – juntamente com a variabilidade do meio social [...] e psíquico – imporiam a necessidade de expressões novas para os fenômenos ou elementos

recentemente aparecidos ou descobertos ou para renovar os que já existem (SLAMA-CAZACU, 1956, p. 82).

### 6. Metodologia

No início de suas pesquisas Slama-Cazacu via a psicolinguística em um contexto interdisciplinar. Ela seria uma espécie de intersecção entre psicologia e linguística. Mais tarde, passou a vê-la como uma disciplina autônoma, que pode ser o ponto de partida e de chegada para um diálogo com as demais disciplinas dedicadas ao estudo dos fenômenos da linguagem. Vale dizer, Slama-Cazacu passou a adotar a multidisciplinaridade.

Mais do que muitas outras teorias linguísticas, a psicolinguística tem a metodologia como um complemento indispensável. Para Slama-Cazacu, “tanto o método indutivo quanto o dedutivo são igualmente úteis e devem ser utilizados complementando um ao outro”. Como trata do “complexo fenômeno da comunicação”, o método que preconizamos é consequentemente, um método dinâmico-contextual”. Para ela, “essa metodologia leva a um aumento de interesse pelo estudo da linguagem em sua dinâmica genética ou evolutiva em geral”. Tudo isso em relação com o contexto. Os principais procedimentos metódicos ou os métodos” são “observação e experimentação” e “estatísticas” (SLAMA-CAZACU, 1965, p. 313-414). Tudo isso lembra muito a ecometodologia (COUTO, 2018).

Para Slama-Cazacu, “o método dinâmico-contextual implica, em primeiro lugar, a consideração dinâmica dos fenômenos em desenvolvimento e, em segundo lugar, a necessidade de ter sempre em conta, no estudo da comunicação, o contexto (o ambiente geral, a situação concreta em que se encontram os interlocutores e os conjuntos discursivos em que se integra cada componente da expressão verbal” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 38). Além da metodologia, a autora está descrevendo também a ecologia da interação comunicativa.

Diante de tudo que acaba de ser dito sobre metodologia, já se pode ver que para Slama-Cazacu a psicolinguística deve ser multidisciplinar. Ela diz: “sugeri a substituição do epíteto ‘interdisciplinar’ associado à Psicolinguística: não apenas para indicar uma *perspectiva ‘multidisciplinar’*, mas, sobretudo, para enfatizar as muitas *conexões* da Psicolinguística atual e futura (‘multidisciplinarmente conectada’); “discutir o estatuto da Psicolinguística como ponto de partida e de chegada para muitas outras ciências”. Para a autora, “a futura Psicolinguística (e a presente também) será multidisciplinarmente conectada, ou deixará de existir” (SLAMA-

CAZACU, 1995, p. 10). Nos anos 50 e 60, “nós [...] costumávamos pensar [...] na Psicolinguística como uma ciência *interdisciplinar*”. Por isso, “sem desmerecer o esforço dos pioneiros [...] afirmo categoricamente que hoje não é mais suficiente dizer que a Psicolinguística é uma ‘ciência interdisciplinar’ (p. 11). Ela tem “conexões multidisciplinares” (12). Mais, “a interação entre psicolinguística e outras ciências deve ser “*centrífuga e centrípeta* a partir do ponto de referência constituído pela Psicolinguística” (p. 17). Ela diz que “embora a Psicolinguística deva mover-se na direção de outras ciências, estas devem igualmente buscar naquela subsídios, modos de abordagem e metodologia” (SLAMA-CAZACU, 1995, p. 18), a ponto de Silva (2021, p. 1) dizer que ela defende algo como um psicolinguisticocentrismo, com perdão da palavra um tanto desajeitada. Parece que Slama-Cazacu está descrevendo a ecometodologia (multimetodológica) da linguística ecossistêmica.

### 7. Outras atividades

Voltando às palavras da própria Slama-Cazacu, vemos que para ela não é a linguagem que cria o mundo porque ele é maior do que ela. Em suas palavras, “por mais rica que seja uma língua, ela não pode oferecer formas suficientes para dar conta da realidade dinâmica e, conseqüentemente, sempre variável” do mundo (SLAMA-CAZACU, 1956, P 82).

A ideia de uma “linguística ecossistêmica” não se encontra em sua obra, devido principalmente ao *Zeitgeist* dominante em sua época e em seu país (materialismo dialético e histórico, marxismo) e a sua ênfase na própria língua e em seu contexto, como mostrado no livro de 1959 (*Limbaș și context*). Além do mais, a ideologia comunista põe em primeiro lugar a política, o conflito entre dominantes e dominados (ou oprimidos e opressores), não a vida. No entanto, se Slama-Cazacu estivesse produzindo em nossa época, é bem provável que assumisse o ponto de vista da visão ecológica de mundo e, conseqüentemente, proporia algo muito próximo da atual ecolinguística e seu ramo linguística ecossistêmica.

Até agora eu pensava que a linguística ecossistêmica tinha sido a primeira a utilizar o termo ‘biopsicossocial’ na abordagem da língua de uma perspectiva holística. No entanto, pelo menos na seção Concepções Científicas do *site* de Tatiana Slama-Cazacu está dito que ela tinha “uma concepção do homem como um todo, da Linguagem não como um ‘organismo vivo’, independente (concepção ultrapassada), mas existente no homem, em sua realidade biopsicossocial” (*bio-psiho-socială*).

## ECO-REBEL

Slama-Cacazu teve também uma produção literária, estreando na prosa com o conto “pe Țară” (No país), publicado em *Provincia*, logo em seguida suspensa. O Ministério da Cultura julgou três contos da autora como místicos, o que em verdade não eram. Esses contos são “Doamnele” (As Senhoras), “Luceafărul” (a Estrela d’Alva) e “Parfum de călțunași” (Cheiro de Feridas). A Comissão do Sindicato dos Escritores postergou sua admissão, de modo que só foi recebida em 2001, após a queda do regime comunista, primeiro na seção Crítica Literária, depois realocada para a de Prosa.

Slama-Cazacu criou, organizou e dirigiu o *International Journal of Psycholinguistics* (IJPL), interrompido em 1980, mas retomado no Japão em 1993. Era presidente honorária da International Society of Applied Psycholinguistics. Ela teve uma intensa atividade internacional, inclusive no Brasil, como professora convidada, proferindo conferências plenárias, ministrando cursos de curta duração e outras atividades. Para mais detalhes sobre sua carreira acadêmica, pode-se consultar seu *site* oficial mencionado acima, embora ele seja um tanto caótico.

### 8. Observações finais

No Brasil, além do livro *Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas* (São Paulo: Pioneira, 1979), princípios defendidos por Slama-Cazacu podem ser vistos também na obra da psicolinguista brasileira Leonor Scliar-Cabral. Eis alguns exemplos:

- Resenha de Tatiana Slama-Cazacu *Analisi Contestuale-Dinamica del Testo Letterario. Travessia* (UFSC, Florianópolis), 1984, v. 8/9, p. 210-201.

-O método contextual-dinâmico aplicado à análise de textos literários. In: *Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL*. Rio de Janeiro: ANPOLL/UFRJ, 1987, p. 199-200.

- O método contextual-dinâmico aplicado a uma Ode de Ricardo Reis. In: *ACTAS: IV Congresso Internacional de Estudos Pessoanos*. São Paulo: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1988, p. 495-499.

- *O método contextual dinâmico aplicado a poemas de Fernando Pessoa*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989, 71 p.

Em Scliar-Cabral (1991, p. 121-143) encontra-se uma descrição de seu próprio “modelo integrado, contextual, interativo, dinâmico e criativo”, qualificação que lembra muito a proposta de Slama-Cazacu, e da linguística ecossistêmica, por sinal. Em Silva (2021) encontram-se várias referências à obra de Tatiana Slama-Cazacu.

## ECO-REBEL

O presente artigo é um trabalho não apenas de historiografia ecolinguística, mas também de cunho filológico, pois, como dizem as definições da filologia, ela trata de questões da língua debruçando-se sobre textos e documentos escritos. É o que pretendi fazer debruçando-me sobre os textos da psicolinguista romena Tatiana Slama-Cazacu.

Como praticada pela autora, a psicolinguística está mais próxima da ecolinguística do que da sociolinguística, como pensam Haarmann (1980) e muitos outros estudiosos. Tanto que foi um psicolinguista, Kurt Salzinger, quem propôs uma “ecolinguística” que é muito mais próxima do que se faz hoje em dia do que o que fizeram os precursores Voegelin & Voegelin (1964) e Haugen (1972). O curioso é que Salzinger aparentemente não conhecia nada do que já estava sendo dito sobre as relações entre língua e ecologia. Ele pensava que estava propondo uma disciplina inteiramente nova, sobretudo o nome dessa disciplina, ‘ecolinguística’. Para o que interessa no presente contexto, mais importante é o fato de as ideias apresentadas por Salzinger serem todas inteiramente compatíveis com a linguística ecossistêmica, motivo pelo qual merece uma análise em *ECO-REBEL* (SALZINGER, 1979). Espero poder fazê-lo algum dia.

Muitos livros e artigos de Slama-Cazacu foram traduzidos para diversas línguas. Em português, porém, existem muito poucas, como o livro *Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas* (São Paulo: Editora Pioneira, 1978) e o artigo Slama-Cazacu (1995). A psicolinguista Leonor Scliar-Cabral foi uma divulgadora da obra da autora no Brasil.

Por tudo que foi dito acima podemos afirmar com toda segurança que a psicolinguista romena Tatiana Slama-Cazacu é uma precursora das ideias defendidas pela linguística ecossistêmica. Assim sendo, podemos asseverar que ela foi uma linguista ecossistêmica *avant la lettre*.

### Referências

BACK, Eurico; MATTOS, Geraldo. *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo: Editora F.T.D., 1972.

COUTO, Hildo Honório do. *Contato interlinguístico: da interação à gramática*, 2017. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/e-book-Forma.pdf>

\_\_\_\_\_. A metodologia na linguística ecossistêmica-ADE. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

HAARMANN, Harald. *Multilingualismus II: Elemente einer Sprachökologie*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1980, p. 842-852.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

NĂDRAG, Lavinia. O abordare psiholingvistică a cercetărilor referitoare la comunicare. *Intertext* 1-2, 2009, p. 95-101.

SALZINGER, Kurt. Ecolinguistics: A radical behavior theory approach to language behavior. In: AARONSON, D., REIBER, R. W. (orgs.). *Psycholinguistics research*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, p. 109-130, 1979.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Introdução à psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Márcio M. G. O ecossistema mental da língua e a psicolinguística. *ECO-REBEL* v. 7, n. 2, 2021, p. 17-30. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>

SLAMA-CAZACU, Tatiana. Le principe de l'adaptation au contexte. *Revue de linguistique*, tomo 1, 1956, p. 80-118.

\_\_\_\_\_. Aspecte lingvistice ale comunicării în procesul muncii. *Studii și cercetări lingvistice* v, XIII, n. 2, 1962, p. 227-245.

\_\_\_\_\_. 1965. La méthode psycholinguistique et quelques-unes de ses applications. *Revue roumaine de linguistique* v. X, n. 1-3, 1965, p. 309-316.

\_\_\_\_\_. Die dynamisch-kontextuelle Methode in der Sprachsoziologie. In: KJOLSETH, Rolf; SACK, Fritz (orgs.). *Zur Soziologie der Sprache*. Opladen: Westdeutscher Verlag, p. 73-86, 1971.

\_\_\_\_\_. La psicolingüística y la aplicación del método dinámico-contextual en la dialectología. *Anuario de Letras. Lingüística y Filología* XI, 1973, p. 35-57.

\_\_\_\_\_. Structura dialogului: despre 'sintaxa dialogată' I. *Studii și cercetări lingvistice* XXXIII, n. 4, 1982a, p. 301-321.

\_\_\_\_\_. Structura dialogului: despre 'sintaxa dialogată' II. *Studii și cercetări lingvistice* XXXIII, n. 4, 1982b, p. *Studii și cercetări lingvistice* XXXIII, n. 4, 1982, p. 211-224.

\_\_\_\_\_. Las relaciones interpersonales y estructuración del diálogo: "La sintaxis dialogada". *Anuario de psicología* n. 29, 1983.

\_\_\_\_\_. La dénomination chez les enfants et quelques problèmes psychologiques généraux de la dénomination. *Langages*, 19e année, n. 76, 1984, p. 7-18.

\_\_\_\_\_. La 'langue de bois" et quelques problèmes de communication. *Linx*, n. 29, 1993, p. 85-97.

## ECO-REBEL

\_\_\_\_\_. Por que uma nova perspectiva para a psicolinguística: "Uma ciência multidisciplinarmente conectada". *Letras de hoje* v. 30, n. 2, 1995, p. 9-20.

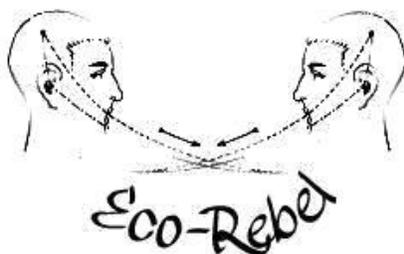
VOEGELIN, C. F. & VOEGELIN, F. M. 1964. Languages of the world: Native America fascicle one – Contemporary language situation in the New World. *Anthropological linguistics* v. 6, n. 6, 1964, p. 1-151.

VOICU, C.; MOȚESCU, Maria; NICOLA, Grigore. In memoriam Tatiana Slama-Cazacu. *Revista de psihologie* v. 57, n. 3, p. 279-283, 2011. Disponível em:

[http://www.revistadepsihologie.ipsihologie.ro/images/revista\\_de\\_psihologie/2011\\_03/art%208%20in%20memoriam.pdf](http://www.revistadepsihologie.ipsihologie.ro/images/revista_de_psihologie/2011_03/art%208%20in%20memoriam.pdf)

Aceito em 10/12/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.



### **A (DE) COLONIALIDADE EM PERSONAGENS DE O SERTANEJO: REPRESENTAÇÕES ALENCARINAS À LUZ DA ECOCRÍTICA**

Elisângela Campos Damasceno Sarmento (IFPI)

Geraldo Jorge Barbosa de Moura (UFRPE)

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo analisar, a partir do método da Análise do Discurso e da perspectiva Ecocrítica, as representações do sertanejo na obra *O Sertanejo*, de José de Alencar, dialogando com os conceitos de colonialidade e decolonialidade. Tais discursos evidenciam a predominância da colonialidade, embora se perceba, de forma incipiente, o despontar de uma visão contra-hegemônica, que busca a emancipação dos indivíduos. Logo, a Ecocrítica caracteriza-se como um campo de ideias interdisciplinares e transdisciplinares a serem exploradas, sinalizando, assim, um substrato à reflexão das relações do homem com o ambiente natural e sociocultural.

**Palavras-chave:** Ecologia; Ecocrítica; Decolonialidade; Sertanejos; Literatura; Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

**Abstract:** This research aims to analyze, from the perspective of Discourse Analysis and Ecocriticism, the representations of hillbillies in the work *O Sertanejo*, by José de Alencar, dialoguing with the concepts of coloniality and decoloniality. These discourses evidence the predominance of coloniality, although it is perceived, in an incipient way, the emergence of a counter-hegemonic vision, which seeks the emancipation of individuals. Therefore, Ecocriticism is characterized as a field of interdisciplinary and transdisciplinary ideas, thus presenting a substrate for the reflection of man's relations to the the natural and sociocultural environment.

**Keywords:** Ecology; Ecocriticism; Decoloniality; Country people; Literature. Interdisciplinarity and transdisciplinarity.

### 1 Introdução

Em primeira instância, vale frisar que a gênese do termo “Ecologia”, conforme Alpina Begossi (1993), advém da Biologia, mas tem se desdobrado em múltiplas formas, ampliando para Ecologia Humana, Ecologia Social, Ecocrítica, impulsionando, assim, o surgimento de inúmeras ramificações devido à influência da Filosofia, da Antropologia, da Sociologia, da Literatura, assumindo, pois, um caráter, efetivamente, interdisciplinar e transdisciplinar.

Nesse sentido, no final da década de 1980, de acordo com Feldman (2015), ganhou fôlego uma corrente científica que visava ao estudo da correlação entre a Ecologia e a Arte, configurando-se, assim, esta última como latente disseminadora de conhecimentos e, mais especificamente, a Literatura, que apresenta como elo interdisciplinar o enredo de obras que representam a realidade humana na imbricação com o ambiente, a sociedade e a cultura.

Desse modo, esse estudo só vigorou, no contexto técnico-científico, a partir de 1989, quando Cheryll Glotfelty, participando do Encontro da Associação de Literatura do Oeste dos Estados Unidos, incitou a sua adoção no campo crítico. Nessa perspectiva, Glotfelty (1996) aponta que a Ecocrítica trabalha sob uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra. Daí, desponta-se uma ferramenta que subsidia os pesquisadores a analisarem as relações homem-ambiente, mediadas por obras literárias, que permeiam saberes e sinalizam as imbricações dos grupos sociais, expostas no relato e ações dos personagens.

Outro intelectual bastante renomado no campo da Ecocrítica é o norte-americano Greg Garrard (2006). Ele defende que a Ecocrítica sugere estudos interdisciplinares. Sob esse viés, para esta pesquisa, a Ecocrítica congrega uma possibilidade da não-fragmentação de saberes, dando suporte a uma análise menos reducionista, uma vez que favorece a abrangência de perspectivas na investigação das relações homem-ambiente e das representações do sertanejo e do sertão na obra do escritor cearense, José de Alencar, sobre a qual este artigo se debruça.

Para Feldman (2015), a Ecocrítica se fundamenta no entrecruzamento entre a cultura e a natureza via Literatura, buscando estabelecer, como instância crítica e discurso teórico, as relações entre escritores, textos e o “mundo” e este inclui toda a ecosfera, como os fatores sociais, históricos, simbólicos e outras relações que se imbricam numa dinâmica constante. Isso reitera a visão do escritor norte-americano Greg Garrard (2006) que concebe a Ecocrítica como um campo aberto, inter e transdisciplinar.

## ECO-REBEL

Outrossim, considerando esse “mundo” de relações que a Ecocrítica possibilita, via Literatura, vale esclarecer que, na obra *O Sertanejo*, evidenciam-se questões históricas, socioeconômicas e culturais que estão atreladas ao processo de colonização brasileira e às neocolonizações, bem como a uma resistência da reprodução dessas visões, eclodindo, respectivamente, os conceitos de colonialidade e decolonialidade.

Conforme Colaço (2012), o pensamento decolonial reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e não como uma etapa histórica já superada. Nesses termos, embora a independência política do Brasil tenha ocorrido, historicamente, em 1822, os resquícios de dependência socioeconômica e uma herança cultural eurocêntrica ainda permanecem na contemporaneidade,

Desse modo, consoante Colaço (2012), o decolonial é uma luta contínua, uma vez que as raízes históricas, socioeconômicas e culturais se infiltram no cotidiano diacrônico de gerações sucessivas, tornando árdua a superação do poder da colonização ao longo dos séculos, surgindo, assim, neocolonizações que necessitam, pois, de um discurso e de uma prática permanente de resistência às forças hegemônicas.

Nesse contexto, a decolonialidade é um movimento contra-hegemônico que visa a uma resistência às colonizações do poder, do saber e do ser, que foram perpassadas historicamente, estabelecendo dicotomias, como: dominante/dominado; desenvolvido/subdesenvolvido; civilizado/primitivo; conhecimento científico/saber popular; superior/inferior.

Para Reis & Andrade (2018), o pensamento decolonial objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação de todos os tipos de opressão e dominação, ao articular, interdisciplinarmente, cultura, política e economia, de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial.

Na obra *O Sertanejo*, do escritor cearense José Alencar, apresenta-se o protagonista “Arnaldo” (livre por e na natureza), um sertanejo que se configura como um personagem decolonial (contra-hegemônico), visto que não é subalterno à autoridade do “capitão-mor Gonçalo Pires Campelo”, que, conforme a obra em epígrafe, representa o “potentado do sertão” (ALENCAR, 2002, p. 443), o detentor de muito poder e riqueza. Essa característica contra-hegemônica do personagem “Arnaldo” pode ser percebida, também, no referido autor que,

## ECO-REBEL

segundo Alfredo Bosi (2006), foi um político engajado, que contestava a centralização de poder do Império brasileiro.

Assim como “Arnaldo”, personagem da ficção alencarina do século XIX e o próprio autor que lhe deu forma artística, outros sujeitos destacam-se ao adotarem e difundirem essa perspectiva decolonial nos debates acadêmicos e científicos hodiernos, como por exemplo, o argentino Walter Mignolo e o português Boaventura de Sousa Santos, levantando, assim, a bandeira da resistência à cultura eurocêntrica e às novas formas de colonização atuais.

Isso posto, vale destacar que Mignolo (2010) frisa que o mais forte não está satisfeito com ser apenas o mais forte, ele cria mecanismos para justificar o seu direito à dominação. É a chamada geopolítica do conhecimento. Dessa forma, a colonialidade do saber é uma geopolítica do conhecimento, cuja hegemonia decide quais conhecimentos e comportamentos são legítimos.

Assim, conforme assinala Mignolo (2010), a sociedade colonial “evoluiu” para um corpo social neocolonial. Desse modo, mudaram-se os nomes, os protagonistas e as estratégias, mas o propósito de dominação para a exploração e a opressão persiste há mais de cinco séculos. Por isso, há de se construir uma sociedade emancipadora, com o fito de se eliminar o estigma de uma América Latina como sendo a mais desigual região do mundo.

De acordo com Santos (2007), o processo de colonialidade está presente na caracterização do pensamento moderno ocidental, concebido como abissal, uma vez que este foi construído mediante as linhas cartográficas que demarcavam o território em Velho e Novo Mundo. Desse modo, na visão eurocêntrica, existe “este lado da linha” (a dominação) e “o outro lado da linha” (os dominados). Seguindo o raciocínio de Santos (2007), essas linhas abissais consistem num sistema de visibilidade (países centrais) e invisibilidade (países periféricos), sendo que os povos e culturas invisíveis consolidam os visíveis. Essa divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, tornando-se inexistente, o que significa não existir sob qualquer forma de ser relevante, compreensível ou legítimo.

Retomando a obra *O Sertanejo*, vale lembrar que o enredo é denso, sendo composto por 41 (quarenta e um) capítulos, distribuídos em duas partes que delineiam uma significativa caracterização dos personagens que fazem uma representação do sertanejo. Consoante o crítico literário Antônio Candido (1981), o romance *O Sertanejo*, de José de Alencar, representa a realidade do sertanejo e do sertão do século XIX, mas alguns dos aspectos apresentados na obra ainda permanecem hoje, emergindo pontes e diálogos com o momento presente. Sendo assim, a

## ECO-REBEL

obra em referência é palpitante para a análise de questões que circundam a contemporaneidade, como por exemplo, a colonialidade e a decolonialidade.

Nessa conjuntura, salienta-se que, segundo Alfredo Bosi (2006), José Martiniano de Alencar Júnior foi um escritor bem ao gosto do público do século XIX, tornando-se, pois, um célebre romancista, sendo indicado por Machado de Assis para ocupar a Cadeira n.º 23, da Academia Brasileira de Letras. Em sua vida de vastas produções, foi escritor, jornalista, advogado e político. Apesar de uma existência intensa, esta lhe foi breve, falecendo aos 48 anos (1829-1877), no Rio de Janeiro, vítima de tuberculose como informa Araripe Júnior (1958).

Portanto, *O Sertanejo*, último romance regionalista do autor, apresenta personagens marcantes que trazem ao leitor um potencial reflexivo sobre o Brasil da época e as correlações desse tempo e desses sujeitos com questões que ainda vigoram na cultura do país, como por exemplo, a colonialidade e a decolonialidade. Nesse ínterim, salienta-se que esta investigação parte da hipótese de que o discurso da colonialidade sobressai-se em comparação ao da decolonialidade

Diante do exposto, este estudo tem o objetivo de analisar, sob o método da Análise do Discurso e da perspectiva Ecocrítica - que investiga as inter-relações entre a Literatura e a Ecologia -, as representações do sertanejo que o autor expõe ao descrever alguns de seus personagens, dialogando com conceitos que emergem da abordagem da colonialidade do poder, do saber e do ser, bem como da perspectiva da decolonialidade. Ressalta-se, ainda, que a presente pesquisa parte da hipótese de que os discursos da obra em exame evidenciam a predominância da colonialidade, embora se perceba, de forma incipiente, o despontar de uma visão contra-hegemônica, que busca a emancipação dos sujeitos.

## 2 Material e métodos

Considerando os elementos supracitados que contextualizam o presente estudo, é válido ressaltar que esta pesquisa fundamenta-se na segunda parte do livro *O Sertanejo* (1875/2002), de José de Alencar, que reúne 21 (vinte e um) capítulos, permeados de representações (explícitas e implícitas) acerca do sertanejo que dialogam com diversas áreas do conhecimento.

Com vistas a realizar esta investigação, adotou-se a metodologia da Análise do Discurso de Linha Francesa que, como informa Michel Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Isso posto, o indivíduo é questionado em sujeito pela ideologia e é, assim, que a língua faz sentido. Dessarte, conforme Eni Orlandi (2012), a Análise do Discurso de Linha

## ECO-REBEL

Francesca considera as condições de produção em que a obra foi escrita e o contexto histórico-social do país, destacando, pois, essas duas características como muito relevantes para a análise deste estudo, visto que é através dessas ferramentas que será realizada a análise do discurso na obra em questão.

Ademais, na concepção de Orlandi (2012), há de se levar em consideração os fatores histórico-sociais que envolveram a produção do discurso e também os sentidos implícitos e explícitos do texto. Vale apontar, ainda, que, na análise do discurso, consoante Orlandi (2012), procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico na relação do homem com a sua história e com as construções sociais, norteadas pela capacidade de significar e significar-se, validando, assim, tais sentidos no discurso do autor através das considerações de suas condições de produção, as quais compreendem, principalmente, o sujeito e a situação (contexto imediato e contexto amplo).

Nesse sentido, salienta-se que, para compreender as condições de produção no que tange ao sujeito que enuncia – José de Alencar – e a situação, foi realizada pesquisa bibliográfica relacionada ao autor e ao período histórico em que se insere a obra *O Sertanejo*, além de ter sido considerada a ideologia intrínseca ao discurso produzido pelo sujeito que fala no texto consoante os estudos de Pêcheux (1975).

Sendo assim, para construir o marco teórico deste artigo, foram acessadas 23 publicações, dentre elas: artigos científicos, localizados em revistas e em anais de eventos, que remontam às primeiras décadas dos anos 2000, além de e-books, bem como livros de críticos literários brasileiros, cuja totalidade do referencial teórico data de 1958 (aporte clássico) até consultas que foram realizadas em sites da internet no primeiro semestre de 2021.

### **3 Resultados e discussões**

#### **3.1 As representações alencarinas do sertanejo à luz da (de) colonialidade**

A Literatura, conforme Afrânio Coutinho (1984), teve a sua origem a partir do filósofo grego Aristóteles, quando a definiu como a arte da imitação ou da representação da realidade mediante o uso das palavras. Desse modo, o conceito de Literatura, mesmo passando por diversas transformações ao longo do tempo, ainda mantém certo vínculo com a tradição clássica ao se

## ECO-REBEL

configurar como um terreno fértil à representação do real. Partindo dessa premissa, pode-se afirmar que o texto literário possibilita a compreensão de si mesmo e aguça o entendimento das diversas dinâmicas sociais do mundo.

Nesse sentido, o livro *O Sertanejo* apresenta um seleiro de possibilidades reflexivas acerca das relações humanas e sociais da América Latina, mais especificamente do Brasil, tendo por base as que se estruturaram no século XIX e ainda se fazem presentes na sociedade brasileira neocolonial, cujas marcas da colonização do poder, do saber e do ser permaneceram no imaginário do homem e nas práticas sociais em que ele se integra cotidianamente.

No primeiro capítulo intitulado *A saída*, José de Alencar evidencia, categoricamente, os vestígios da colonização do poder político e econômico, ilustrados pelo personagem denominado pelo narrador do enredo como o “capitão-mor Gonçalo Pires Campelo”, cujo nome era sinônimo de estremecimento no sertão cearense, gerando medo e pavor aos seus subalternos, que, para ele, eram todos aqueles que moravam em Quixeramobim-CE. De modo análogo, essa centralização de poder do século XIX estava marcada na imagem do imperador do Brasil e, na Idade Média, remontava à figura do suserano.

Essa percepção pode ser reverberada a partir dos seguintes trechos: “Todos os moradores de Quixeramobim, ele os considerava como seus vassalos” (ALENCAR, 2002, p. 262); “\_\_ Como te chamas? Perguntou o fazendeiro. \_\_ José Venâncio para respeitar e servir ao sr. capitão-mor”; “O matuto curvou de leve o joelho, fazendo submissa reverência ao capitão-mor que prosseguiu no meio da sua comitiva” (ALENCAR, 2002, p. 263). Refletindo sobre esses fragmentos literários, a partir do termo “vassalos”, vem à tona um sistema político, econômico e social denominado Feudalismo que ocorreu durante a Idade Média, vigorando entre os séculos V e XV. Tal sistema era de caráter rural, baseado na propriedade de terra, onde existiam relações de suserania e vassalagem.

Vale ressaltar que, segundo o historiador Paulo Miceli (1994), os suseranos eram os nobres que doavam as terras e simbolizavam a classe de maior poder. Já os vassalos eram protegidos pelos suseranos e representavam os nobres que recebiam as terras e, em troca, serviam os suseranos de diversas maneiras, sobretudo, para serviços militares, com o propósito de defendê-los em tempos de guerra.

Sendo assim, os vassalos do Feudalismo eram, também, nobres que poderiam se tornar suseranos à medida que fossem doando parte de suas terras. Dessa forma, observa-se que poderia

## ECO-REBEL

haver flexibilidade social, econômica e política a qualquer momento. Todavia, os “vassallos” da obra *O Sertanejo* representam os servos do sr. capitão-mor, numa relação de subserviência e respeito incondicional, caracterizando uma situação de dominação e opressão, não sendo possível, portanto, a mobilidade social, econômica e política, permanecendo a submissão histórica do mais fraco no Brasil e na América como um todo.

Com vistas a reverberar o exposto acima, vale destacar os fragmentos da obra em questão, localizados no sexto capítulo intitulado *Os bilros*, conforme se apresentam a seguir: “Exerciam soberanamente o direito de vida e de morte sobre seus vassallos, os quais eram todos quantos podia abranger o seu braço forte na imensidade daquele sertão. Sua vontade era, ao mesmo tempo, a lei e a sentença; bastava o executor” (ALENCAR, 2002, p. 337). Sendo assim, a centralização do poder nas mãos da elite imprimiu aos sertanejos uma subalternidade que os colocava numa situação deletéria e, portanto, subumana.

Segundo Marx & Engels (2003), a história de toda a sociedade é a da luta de classes. Dessa maneira, sempre existiram homens livres e escravos, patrícios e plebeus, suseranos e vassallos, senhores e servos. Em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição, ora velada, ora aberta, como bem assinala a obra *O Sertanejo* nos excertos acima.

Vale a pena ponderar que o cientista social peruano Aníbal Quijano (1997) cunhou o conceito de colonialidade como algo que transcende as particularidades do colonialismo histórico e que não desaparece com a independência ou descolonização. Nesse contexto, o objetivo de dominação e opressão persiste, mesmo após a emancipação política do Brasil que ocorreu, historicamente, em 1822, estendendo-se, pois, pelos séculos subsequentes e chegando aos dias atuais.

Essa formulação do termo colonialidade por Quijano (1997) é uma tentativa de explicar a modernidade como um processo vinculado à experiência colonial, o que permite observar a continuidade das formas coloniais de dominação, mesmo após o fim das administrações coloniais, além de demonstrar que essas estruturas de poder e subordinação passaram a ser reproduzidas pelos mecanismos do sistema-mundo capitalista colonial-moderno.

Ainda do primeiro capítulo, *A saída*, vale registrar os seguintes fragmentos acerca de uma narrativa sobre o “capitão-mor”: “Embora decorressem anos, em tendo notícia do culpado, despachava uma escolta para prendê-lo, onde quer que estivesse. Satisfeito, porém, o seu orgulho, aplacava-se de todo a ira; assim, a maior parte das vezes, o castigo não passava de um ato de

## ECO-REBEL

submissão e, quando muito, de uma prova expiatória. Obrigava o atrevido a pedir-lhe perdão de joelhos ou mandava amarrá-lo ao moirão por um dia inteiro” (ALENCAR, 2002, p. 267).

Essa passagem da obra *O Sertanejo* (1875/2002) reitera a colonialidade do poder, uma vez que, embora extinta a gestão colonial brasileira, em 1822, a cultura da subjugação ainda permanece explícita nos diálogos e práticas sociais, capitaneados pela elite dominante, que reproduz, continuamente, no cotidiano das relações humanas, ações austeras e cruéis para reforçar a autoridade ainda vigente. Tal crueldade no trato com os subalternos está, também, explícita no vigésimo primeiro capítulo da obra em questão: “E a satisfação de ver castigados aqueles que nos insultaram” (ALENCAR, 2002, p. 560).

Quijano (1997) afirma que essa matriz de poder, que se expressa por meio da colonialidade, procurava e ainda procura encobrir o fato de que a Europa foi produzida a partir da exploração político-econômica das colônias. Não há como desconsiderar as implicações históricas do estabelecimento desse padrão de dominação, que se reflete na recíproca produção histórica da América e da Europa, como redes de dependência histórico-estrutural.

Essa submissão aparece, também, categoricamente, no décimo terceiro capítulo da obra em epígrafe: “Levados à presença do capitão-mor, a dama que trajava de luto, ajoelhou-se aos pés do potentado” (ALENCAR, 2002, p. 444); “Tendo uma vez dito que o Campelo não era capitão-mor às direitas, por isso que o Quixeramobim ainda não subira à vila; e, sabendo disso, o potentado, mandou-o chamar, com o que tal medo tomou, que desapareceu e não houve mais novas dele” (ALENCAR, 2002, p. 449).

Nesse sentido, as raízes históricas da colonização europeia refletem na replicação da colonialidade decorrente daquela, estando presente no Brasil e em toda a América Latina. Dessarte, o povo neolatino é, originalmente, submisso, e o romper-se dessas amarras requer um processo de irrupção resistente e contínuo, o que Mignolo (2010) evoca como decolonialidade.

Sobre essa decolonialidade, o livro *O Sertanejo* lança mão de um personagem chamado “Arnaldo Louredo”, que se caracteriza como o protagonista dessa narrativa, figurando como um homem arredo e, portanto, não afeito a ordens, mas guiado por um espírito combativo e emancipatório. Com vistas a corroborar essa tendência de “Arnaldo”, segue trecho ilustrativo: “Arnaldo, que sabia destes fatos e conhecia a severidade do capitão-mor, julgava-se banido da Oiticica para sempre; pois não lhe consentia o seu gênio fazer contrição da culpa e pedir perdão da desobediência” (ALENCAR, 2002, p. 267).

## ECO-REBEL

Isso posto, o protagonista Arnaldo e o próprio autor, uma vez que a obra é autobiográfica, simbolizam um grupo de intelectuais que, engajados por um ideal de resistência às práticas neocoloniais ainda vigentes na América Latina, lutam pela emancipação dos povos, historicamente, subjugados pela colonialidade do poder, do saber e do ser. O protagonista de *O Sertanejo* apresenta uma lição: “O caráter de Arnaldo tinha este traço especial. Zeloso de sua independência, e de extrema suscetibilidade nesse ponto, a aspereza, qualquer gesto imperativo, bastava para revoltar-lhe os brios” (ALENCAR, 2002, p. 268).

Assim sendo, a resistência à colonialidade é uma bandeira que deve ser hasteada durante as ações diárias dos sul-americanos, a fim de ser desconstruída, paulatinamente, uma herança cultural etnocêntrica que considera seres, saberes, povos e nações como superiores em detrimento de outros, considerados inferiores e ilegítimos. E isso pode se dar pela prática da decolonialidade.

Segundo Larissa Rosevics (2017), professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, as marcas da situação colonial não abandonaram os povos colonizados devido à colonialidade do poder, estruturada num processo capitalista que se renova e se consolida em práticas de exploração e dominação. Daí, a importância de um movimento contra-hegemônico que abale tais estruturas e comece a construir relações menos desiguais.

Diante dessa urgente necessidade, conforme Rosevics (2017), um grupo de pesquisadores de diversas matrizes teóricas se uniram num emaranhado de olhares e vozes para se debruçarem em estudos sobre as interferências políticas, econômicas e culturais resultantes do neocolonialismo, eclodindo, assim, o movimento da decolonialidade que traduz um espírito de resistência às práticas coloniais de dominação, com vistas a despertar a consciência e a legitimidade da emancipação de todos os povos e nações.

Entretanto, as práticas neocoloniais vêm se consolidando com bastante força durante os séculos XIX a XXI, inclusive, na obra *O Sertanejo*, isso estava bem explícito, como se vê nos trechos que seguem, retirados do segundo capítulo intitulado *A monteria*: “Este Campelo é de uma desmarcada soberba” (ALENCAR, 2002, p. 275); “O sr. capitão-mor proibiu” (ALENCAR, 2002, p. 276). A partir desses excertos, afirma-se que os coronéis e os capitães, grandes proprietários de terra, comandaram, por muito tempo, com máxima autoridade, as decisões políticas e econômicas para as regiões que eram lideradas por eles e espalhavam o medo para aqueles que, porventura, pensassem em desobedecer às suas ordens.

## ECO-REBEL

Esse momento da história brasileira ficou conhecido como Coronelismo e se caracterizou, de acordo com Raymundo Campos (1991), como uma prática social e política, bem peculiar que se consolidou no início do século XX, no período chamado de República Velha (1889-1930), quando os denominados “coronéis” exerciam o poder local sobre as classes desprestigiadas economicamente, com a finalidade de angariar votos em troca de favores, instaurando, assim, o pavor no imaginário das pessoas que lhes prestavam serviço, caso não cumprissem o que fora determinado por essa elite rural.

No entanto, consoante Raymundo Campos (1991), a gênese do coronelismo remonta ao século XIX, com o desenvolvimento da Guarda Nacional, quando os cargos de confiança eram nomeados segundo as relações de influência e a troca de favores. Nesse contexto, proprietários de terra em ascensão e que eram leais ao governo recebiam o título de coronel para exercer o controle da população local, que estava à margem da sociedade, sendo assim, vulnerável à dominação, conforme se pode atestar, retomando as passagens acerca do discurso do “capitão-mor”.

Com vistas a reiterar essa centralização do poder, destaca-se que, na obra *O Sertanejo*, do escritor cearense José de Alencar, tal dominação pode ser corroborada com fragmentos do terceiro capítulo intitulado *O Dourado*: “Previra o efeito que a insistência ia produzir no capitão-mor, cuja vontade imperiosa não sofria a mínima contrariedade e estava acostumado a ser, não somente obedecida como lei, mas aceita como ponto de fé” (ALENCAR, 2002, p. 293).

Esse poder era tamanho que, com o passar de alguns anos, todo chefe político local passou a ser chamado pelos sertanejos de coronel e essas marcas de dominação permaneceram por muito tempo no imaginário e nas práticas sociais que envolviam as elites rurais do Nordeste e as classes menos privilegiadas socialmente, evidenciando, pois, as raízes de uma colonialidade que está arraigada na cultura de povos e nações que, como o Brasil, sofreram o processo de colonização europeia.

Retornando ao sexto capítulo intitulado *Os bilros*, da obra alencarina *O Sertanejo*, pode-se afirmar que outros trechos comprovam, também, a presença marcante dessa colonialidade, conforme evidenciam os fragmentos que se seguem: “O capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, cujo nome era temido desde o Exu até os confins do Piauí” (p. 338); “Já se lhe houvera suscitado algum conflito para ter ensejo de obrigá-lo a um ato formal de submissão” (ALENCAR, 2002, p. 339).

De acordo com Maldonado-Torres (2007), a colonialidade do poder se mostra em forma de subjugação político-econômica e se refere à inter-relação entre as formas modernas de

## ECO-REBEL

exploração e dominação e o processo europeu de expansão colonial. Outrossim, essa herança cultural ainda permanece explícita nas relações sociais, evidenciando, assim, a visão etnocêntrica sob a égide da dicotomia superior/inferior como se observa no nono capítulo intitulado *Repreensão*: “Sua senhora, não, tornou D. Flor com um tom glacial; não o sou; mas também, apesar de nos termos criado juntos, não sou sua igual” (ALENCAR, 2002, p. 385) e no décimo terceiro capítulo intitulado *A viúva*: “Ela, a filha do capitão-mor Campelo, não podia ver em um vaqueiro outra cousa senão um agregado da fazenda” (ALENCAR, 2002, p. 442).

Desse modo, a ideia de supremacia do colonizador está presente em todas as gerações colonizadas, sejam elas mais antigas ou mais jovens, conforme se pôde atestar, anteriormente, a partir das descrições e narrações provenientes dos discursos do personagem “capitão-mor”, pai da personagem “D. Flor”, que, por sua vez, teve o mesmo comportamento etnocêntrico do seu progenitor consoante se pôde reverberar mediante o trecho acima: “não sou sua igual” e “senão um agregado da fazenda”.

Outras formas de subserviência que ocorrem na obra *O Sertanejo* são as colonialidades do saber e do ser. Conforme o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (2007), a colonialidade do saber se relaciona com a epistemologia e suas formas de reprodução de regimes de pensamento, enquanto a colonialidade do ser se refere à experiência vivida de colonização e seus impactos na linguagem e na visão de mundo dos povos colonizados.

Com base nos conceitos supracitados, trabalhados por Maldonado-Torres (2007), vale ressaltar que, no sétimo capítulo intitulado *A volta*, há, claramente, formas de expressão das colonialidades do saber e do ser, quando o próprio personagem oprimido traz, no pensamento e dentro si, o reconhecimento de superioridade do opressor, conforme se observa no fragmento a seguir: “Quem é capaz de duvidar da honrada palavra de vossa senhoria? Acudiu o João Correia. Desde que o sr, capitão-mor abona, está acabado” (ALENCAR, 2002, p. 356).

Partindo dessas constatações, é oportuno retomar o conceito de decolonialidade como forma de resistência a todas as formas de colonialidade, sejam elas as do poder, as do saber ou as do ser. Segundo o professor da Universidade de Brasília, Antônio Gomes da Costa Neto (2016), o movimento decolonial propõe romper com os pensamentos gravados nas mentes e nos corpos de gerações sucessivas que foram colonizadas por nações europeias etnocêntricas que introduziram a ideologia do inferior, do ilegítimo, do subalterno.

## ECO-REBEL

Como símbolo dessa resistência à colonialidade, retoma-se, neste momento, o protagonista “Arnaldo”, da obra *O Sertanejo*, destacando um excerto do décimo capítulo intitulado *A infância*: “Parecia um príncipe maltrapilho, esse pirralho do sertão, que não tolerava uma sujeição nem mesmo à vontade do pai” (ALENCAR, 2002, p. 406). É esse espírito emancipatório de “Arnaldo”, personagem autobiográfica de José de Alencar, que deve ser construído nas epistemologias, nas relações sociais e nos discursos da contemporaneidade, a fim de que possam ser desconstruídas as ideologias colonizatórias do saber, do poder e do ser.

Entretanto, o panorama que se configura na sociedade hodierna é dual. Há, então, forças opostas: a decolonialidade, representada pelo personagem autobiográfico “Arnaldo” e a colonialidade, simbolizada pelo “capitão-mor”, sua filha, “D. Flor”, e todos os demais personagens da obra *O Sertanejo* que foram subjugados por tais representações de colonialidade, ilustrando, pois, esse legado de autoridade e supremacia da classe dominante, como corrobora a passagem que segue: “Também a altivez nela era nativa; e já, naquele tempo, sentia o prazer especial da dominação (ALENCAR, 2002, p. 406).

No décimo primeiro capítulo intitulado *Adolescência*, aparece, novamente, outro trecho em que se evidencia a essência de liberdade e autonomia, vivenciada pelo personagem “Arnaldo” e idealizada por José de Alencar, reverberando, assim, um desejo e uma ação contra-hegemônica na qual se sustenta a decolonialidade conforme pode ser constatado no excerto a seguir: “Desde aquele tempo, manifestara-se sua repugnância para todo serviço obrigatório, feito por ordem e conta de outro” (ALENCAR, 2002, p. 409).

Outra temática discutida na obra *O Sertanejo* é a questão do povo indígena que foi alvo dos colonizadores e, ainda hoje, luta pela demarcação e posse de seus territórios. Com vistas a ratificar essa assertiva, a seguir, encontram-se alguns fragmentos do décimo segundo capítulo intitulado *Anhamum*: “O rapaz tinha lá para si que os índios não faziam senão defender a sua independência e a posse das terras que lhes pertencia por herança, e de que os forasteiros os iam expulsando” (ALENCAR, 2002, p. 424).

Para Costa Neto (2016), a luta decolonial passa, também, e, primordialmente, pela resistência à exploração dos territórios indígenas e quilombolas por empresários capitalistas que, ancorados num governo neoliberal, visam à expulsão desses grupos minoritários e invisibilizados socialmente, em face da subjugação dos seus direitos em prol de uma economia devastadora.

## ECO-REBEL

Nesses termos, não só os indígenas e quilombolas permanecem invisíveis numa sociedade neocolonial, mas também outros segmentos minoritários, como por exemplo, os pescadores, as lavadeiras, os vaqueiros e diversos outros grupos como se pode observar em outro trecho do décimo segundo capítulo: “Arnaldo tinha partilhado das lições que o padre capelão dava a Flor, Alina e Jaime; mas sabidas as primeiras letras o haviam tirado da escola, visto que um vaqueiro não carecia de mais instrução” (ALENCAR, 2002, p. 436). Sob esse viés, a educação formal é outro fator de exclusão, uma vez que, à classe baixa, não raro, é negado o direito a uma formação de qualidade, tendo em vista a sua emancipação.

Como últimos trechos a sublinhar, retirados do vigésimo primeiro capítulo da obra *O Sertanejo*, destacam-se: “\_\_Ama sua liberdade, filho. Arnaldo ficou pensativo; ele sabia que amor é esse da independência” (ALENCAR, 2002, p. 559). Logo, a “independência” do sertanejo “Arnaldo”, que foi idealizada por José de Alencar, representa o desejo de emancipação que se vincula à decolonialidade e deve ser buscado, continuamente, pelos povos invisibilizados, em face do processo de colonização histórica e por uma colonialidade que é replicada, constantemente, no Brasil e na América Latina.

Isso posto, entre personagem e autor, há uma identificação projetiva. Em outras palavras, observa-se, explicitamente, uma conjunção ficção-realidade na obra *O Sertanejo*, de José de Alencar. Consoante Ribeiro (2016), o conceito de identificação projetiva foi postulado por Melanie Klein, em 1946, no texto "Notas sobre alguns mecanismos esquizoides", um clássico da literatura psicanalítica. Para a autora, a identificação projetiva pode ser compreendida como uma fantasia inconsciente entre analista e analisando e, de modo análogo, entre autor e personagem, podendo ter um caráter mais agressivo, expulsivo e, portanto, defensivo ou um caráter mais comunicativo, sendo que os mecanismos de cisão e projeção, em intensidades diversas, estão sempre implicados. Sendo assim, autores e personagens estão imbricados numa relação identitária, uma vez que os personagens de um escritor são as projeções dos desejos autorais.

### 4 Considerações finais

A obra *O Sertanejo*, do escritor José de Alencar, traz elementos da colonialidade e da decolonialidade, embutidos nos discursos dos seus personagens, que representam os sertanejos dominantes, dominados e subversivos. A análise da colonialidade e da decolonialidade, no

## ECO-REBEL

contexto da Ecocrítica, reflete as conflitantes relações entre os seres humanos, a Literatura e o ambiente social, econômico, político e cultural.

Desse modo, a decolonialidade precisa ganhar impulso no contexto literário, técnico-científico e nos debates sociais, com vistas a desenvolver uma cultura e uma consciência emancipatória, com o fito de desconstruir relações opressoras que levam à dominação dos sujeitos, considerados como ilegítimos e, portanto, excluídos de direitos, sendo somente passíveis de exploração para atender à elite, reforçando, assim, a hegemonia e a autoridade desse grupo social.

Vale ressaltar que José de Alencar, autor de *O Sertanejo*, foi alvo de uma campanha sistemática contra as suas obras, liderada por jornalistas e críticos da época, em virtude, segundo alguns registros biográficos, de sua posição contrária à administração do imperador. Desse modo, o próprio autor representa uma figura decolonial, mesmo sendo de família abastada, pelo fato de ter sido um intelectual resistente à gestão autoritária da época.

Nessa conjuntura, a perseguição a José de Alencar pode ser coadunada, considerando que o autor passou a publicar sob o pseudônimo de Sênio e a maioria dos jornalistas e críticos que o aviltavam lhe direcionaram elogios, bem como a sua escrita. Outrossim, fica patente a inspiração que Alencar provoca no leitor, seja por sua biografia, seja pelo protagonista “Arnaldo”, da obra *O Sertanejo*, despertando, assim, a decolonialidade, ou seja, um espírito resistente à hegemonia.

Nessa perspectiva, com o propósito de romper com a colonialidade que imperava no final do século XIX, José de Alencar produziu, em *O Sertanejo*, apesar de, timidamente, discursos literários anti-hegemônicos por meio do personagem principal, “Arnaldo”, a fim de representar uma figura de resistência à dominação, simbolizada pelo “capitão-mor” e sua filha, “D. Flor”.

Vale destacar que a Ecocrítica, interlocutora das relações entre a Literatura e a Ecologia, está carregada, também, de saberes que ultrapassam o campo ecológico-literário. Sob esse viés, esboça-se, assim, um caráter interdisciplinar, suscitando relações com diversas ciências, como por exemplo, a História, a Antropologia, a Filosofia e a Sociologia. Nesses termos, reitera-se que o processo colonizatório no Brasil e as neocolonizações imprimiram estereótipos e invisibilizaram existências.

Por conseguinte, embora a história da colonização brasileira compreenda o período do século XVI ao XIX, é consensual, nos estudos literários, culturais e sociológicos, ainda que a independência política do País tenha ocorrido em 1822, o legado do empreendimento colonial, observado na obra em questão pelos trechos aqui selecionados que corroboram a colonialidade do

## ECO-REBEL

poder, do saber e do ser, apesar de existir uma força contra-hegemônica que atua na direção emancipatória dos povos e nações.

### Referências

ALENCAR, José de. *O Sertanejo*. São Paulo: José Olympio, 2002.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *José de Alencar*, iVIEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

BEGOSSI, A. *Ecologia Humana: Um Enfoque Das Relações Homem-Ambiente*. INTERCIENCIA 18(1): 121-132. 1993. Disponível em: <http://www.interciencia.org.ve>. Acesso em 10.03.2021.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPOS, Raymundo. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Atual, 1991.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

COLAÇO, Thaís Luzia. *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

COSTA NETO, Antônio Gomes da. A Denúncia de Cesáire ao Pensamento Decolonial. *Revista EIXO*, Brasília-DF, v. 5, n. 2, julho-dezembro, 2016.

COUTINHO, Afrânio. *As formas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bloch, 1984.

FELDMAN, Alba Krishna Topan. Animais na poética indígena norte-americana – duas perspectivas. In BRAGA, Elda Firmo; LIBANORI, Evely Vânia; DIOGO, Rita de Cássia Miranda (Org.). *Representação animal na literatura*. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2015.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: 2006.

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold (eds). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens / London: The Univ. of Georgia Press, 1996.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser, contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GOSFROGUEL, Ramón (Comp). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007.

MARX, K.; FRIEDRICH, E. *Manifesto do Partido Comunista*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2003.

MICELI, Paulo Celso. *O Feudalismo*. São Paulo: Editora Atual, 1994.

## ECO-REBEL

MIGNOLO, Walter D. *Aiethesis Decolonial*. Calle 14. V. 4, no. 4. Enero-junio, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes/UNICAMP, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Les Vértiés de la Palice*, Maspero, Paris, trad. bras. *Semântica e Discurso*, Eni Orlandi et alii, Editora da UNICAMP, 1975.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina*. In: *Anuário Mariateguiano*. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. *O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas*. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 202, março, 2018.

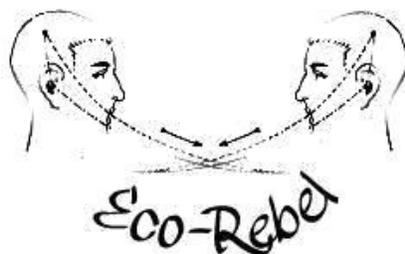
RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. *Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment. O analista implicado*. *Revista Cadernos de psicanálise*, vol. 38, Rio de Janeiro, dez., 2016.

ROSEVICS, Larissa. *Do pós-colonial à decolonialidade*. In: CARVALHO, Glauber. ROSEVICS, Larissa (Orgs.). *Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Perse, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Revista Novos Estud-CEBRAP* 2007.

Aceito em 06/01/2022.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.



## **ECOLINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO**

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM)

**Resumo:** Diálogo entre Ecolinguística e imaginário é possível e desejável. A primeira é o estudo das relações entre língua e meio ambiente (natural, mental, social). O natural tem a ver com o lado biológico da linguagem e por ela existir para os humanos comunicarem entre si sobre o mundo. O mental se deve ao fato de a língua nascer, estar armazenada e processada no cérebro. O social é onde tudo é sancionado. Na Antropologia do Imaginário, vê-se que a imaginação é uma faculdade que se realiza inicialmente pela observação, percepção, memorização e reprodução das coisas do mundo natural. O imaginário é a modalidade pela qual cada indivíduo e cada cultura manifestam essa faculdade. A Antropologia do Imaginário de Durand se concentra no estudo das imagens mentais cristalizadas em signos, ícones ou símbolos. Essas afinidades entre as duas áreas vêm sendo estudadas na UFG, complementando o que se faz em Ecolinguística na UnB.

**Palavras-chave:** Ecolinguística; Aquisição de língua e imagem; Imaginário; Transdisciplinaridade.

**Abstract:** A dialogue between ecolinguistics and imaginary is possible and desirable. The former is defined as the study of the relationships between language and environment (natural, mental, social). The natural environment has to do with the biological side of language and for the relationships between humans (communication) as well as between them and between and the world (reference). language is born, stored and processed in the mental ecosystem. The social ecosystem sanctions all that with the help of the mental ecosystem. In anthropology of imaginary, imagination is a faculty that begins by the observation, perception, memorization and reproduction of aspects of the real world. The imaginary is the modality by which each individual and culture manifest themselves. It emphasizes mental images represented in signs, icons and symbols. These affinities between the two areas are being studied in UFG, complementing what is done in UnB in terms of ecolinguistics.

**Key words:** Ecolinguistics; Language and image acquisition; Imaginary; Transdisciplinarity.

### 1. Introdução

Este artigo representa uma tentativa de mostrar que é possível estabelecer um produtivo diálogo entre ecolinguística e antropologia do imaginário, na linha do que já havia sido feito em COUTO (2012). Apesar de serem ainda relativamente jovens, essas duas disciplinas representam modos de se abordarem fenômenos que têm a ver com nossa mente e cultura de maneira muito diferente da usual no *status quo* acadêmico. A primeira o faz no âmbito do estudo dos fenômenos da linguagem, encarando-os de maneira abrangente, holística e multidisciplinar, como algo dinâmico, que é o caso de toda e qualquer disciplina de base epistemológica na ecologia. A segunda, no contexto da antropologia, filosofia e da psicologia, mais especificamente da psicologia analítica de Jung.

A Ecolinguística surgiu no início da década de setenta do século passado e deslanchou para valer no início da de noventa. A antropologia do imaginário surgiu no início da década de sessenta do mesmo século, sobretudo com a publicação de *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire* (Paris: P.U.F, 1960). No que segue, apresento primeiramente a ecolinguística. Em seguida, falo da antropologia do imaginário. Por fim, farei uma comparação entre ambas, salientando o que as une, não o que as diferencia.

### 2. Ecolinguística

Desde a primeira proposta que lhe deu lugar (HAUGEN, 1972), a Ecolinguística vem sendo definida como sendo a disciplina que estuda as relações entre língua e meio ambiente (MA), embora o autor tenha usado apenas as expressões *language environment* e *environment of language*, não o termo 'ecolinguística' propriamente dito, de modo que ele a definiu antes de ela ter um nome. Como acontece com qualquer proposta inovadora, a conceituação de Haugen tem sido alvo de algumas críticas, apesar de ele ser considerado o pai da Ecolinguística.

A primeira crítica se dirige à restrição que ele apresenta logo após a definição, ou seja, de que o verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a fala. Ora, a língua se relaciona a pelo menos três meios ambientes, como se vê na Escola Ecolinguística de Odense, da Dinamarca (BANG; DØØR, 2015) – que reconhece as “dimensões” bio-lógica (natural), ideo-lógica (mental) e sócio-lógica (social) – e na linguística ecossistêmica, que reconhece os ecossistemas linguísticos natural, mental e social (COUTO, 2007; COUTO, 2013; COUTO, COUTO; BORGES, 2015).

## ECO-REBEL

A segunda crítica tem a ver com o fato de a definição dar a entender que o objeto da ecolinguística seria o ambientalismo, o que está bem longe da verdade. Aliás, essa não era a intenção de Haugen, que estava preocupado principalmente com a ecologia das línguas, como o contato de línguas, o bi-/multilinguismo, a política e o planejamento linguísticos etc. Pelo menos a versão da ecolinguística chamada linguística ecossistêmica encara os fenômenos da linguagem holisticamente, quer dizer, ela se interessa por todo e qualquer aspecto deles (natural, mental, social), embora na prática tenha que fazer recortes a fim de estudar determinados fenômenos microscopicamente. Enfim, essa vertente da ecolinguística reconhece que é necessário olhar para a língua em seu ecossistema natural (que abrange tudo que tenha a ver com o aspecto natural, biológico da língua), o mental (é no cérebro que a língua é formada, armazenada e processada) e o social (a esmagadora maioria das teorias linguísticas vêem a língua como um fenômeno social. Para essa versão da ecolinguística, a língua é um fenômeno biopsicossocial. Sabemos pela ecologia biológica, que 'meio ambiente' (MA) é parte de um ecossistema. O MA de determinada população de organismos que nele convivem é chamado de *habitat*, meio ambiente, biótopo ou território. Daí a existência do ecossistema natural, do mental e do social da língua, cada um contendo um MA da língua.

Se o conceito central da ecologia é o de ecossistema, o conceito central do ecossistema é o de interação. Se na ecologia biológica o que interessa não são os organismos em si nem seu território em si, mas as interações que se dão entre eles, na ecologia linguística (outro nome da ecolinguística) a língua é vista do mesmo modo. Ela não é um instrumento (coisa) para a comunicação e expressão do pensamento: ela é a própria comunicação e expressão do pensamento. **Língua** é o modo tradicional de os membros de determinada comunidade de fala interagirem verbalmente uns com os outros, vale dizer, língua é interação (verbal).

As interações que constituem o que chamamos língua podem ser de caráter endoecológico (a 'linguística interna' tradicional) ou exoecológico (a 'linguística externa' tradicional). A endoecologia linguística se dedica ao que na tradição tem recebido nomes como "gramática", "estrutura" e outros. A diferença é que a linguística ecossistêmica encara esses fenômenos não como estruturas fechadas, rígidas, como um esqueleto, mas como um organismo, melhor, como uma rede orgânica, em sintonia com a visão de mundo que emergiu a partir de pelo menos a teoria da relatividade. A ecologia se insere no mesmo contexto, como se pode ver nos sistemas complexos estudados, entre outros, por Morin (2002). Esses sistemas orgânicos podem ser

comparados também aos rizomas de Deleuze & Guattari (2000). Por outras palavras, ecolinguisticamente e, mais especialmente, linguístico-ecossistemicamente não há estruturas rigidamente fechadas, mas redes de interações. É interessante notar que na própria tradição da linguística ocidental houve manifestações aqui e ali que vão nessa direção, como a teoria dos 'campos semânticos', cujas raízes recuam a Humboldt (1767–1835) e até a Herder (1744–1803), embora imediatamente se filiem aos 'campos lexicais' de Jost Trier, da terceira década do século passado.

### 3. Imaginário

Na Apresentação do livro de Elza Kioko N. N. do Couto, *Em busca da casa perdida* (São Paulo: Annablume, 2005), Maria Thereza de Queiroz Guimarães Strôngoli lembra que a imaginação para a antropologia do imaginário de Gilbert Durand "é uma faculdade que se atualiza por meio da observação, percepção, memorização e reprodução das coisas e fatos do mundo natural; o imaginário, por sua vez, é a modalidade própria pela qual cada indivíduo ou cultura opera tal faculdade. A antropologia durandiana concentra-se no exame das imagens mentais e em sua tradução em signos, ícones ou símbolos que compõem os vários códigos que sustentam toda criação cultural". Como veremos mais abaixo, isso lembra os três ecossistemas linguísticos, com respectivos meios ambientes da língua (natural, mental, social < cultural).

A produção ou reprodução de toda imagem supõe a preexistência do mental, do que sustenta sua representação, ou seja, o surgimento da imagem implica o processo de percepção daquilo que é representado, processo que remete sempre para a objetividade de algum dado sensível e de sua manifestação material, como representado na figura da ampulheta da lexicalização, mais abaixo. O número e a variedade das imagens estão, portanto, segundo Wunenburger (1997), intimamente ligados ao corpo do indivíduo e dependem de suas atividades motoras, como gesto e voz, e dos cinco sentidos, dos quais se destacam o olho, como órgão, e a vista, como funções biológicas privilegiadas, por exemplo, na percepção visual e na constituição de imagens visuais, como quadros, estátuas, fotos, entre outras.

A função visual e a função linguageira constituem duas ramificações divergentes da natureza das imagens, cujas manifestações não implicam cesuras significativas entre elas, ao contrário, afirma Wunenburger (1997, p. 26), há sempre solidariedade entre visualização e verbalização, solidariedade que começa nas camadas mais profundas da *psiquê*.

## ECO-REBEL

Wunenburger (1997, p. 27-53) categoriza também as imagens como mentais e não mentais. As primeiras, mentais, quando se diversificam segundo o tempo presente, passado e futuro, tornam-se representações específicas e assumem propriedades originais, distinguindo-se como imagem inconsciente ou matricial. Esta última também pode ser imagem verbal ou icônica, mas o conteúdo de sua informação não é facilmente apreendido, porque manifesta-se de forma velada, ou seja, como alusão, enigma, criptograma, ideograma e pode significar tanto um arquétipo, protótipo ou estereótipo, como um paradigma ou engrama.

As segundas, não mentais, são originariamente um fato psíquico, pulsão ou inspiração, transformáveis em material concreto, externo e independente do sujeito. São elas que motivam as obras de arte (quadros, estátuas, música etc.), as fórmulas mágicas ou encantatórias para afastar malefícios ou atrair benefícios, os rituais religiosos ou culturais. A materialidade dessas imagens atualiza-se sempre segundo determinadas e rígidas normas de manifestação; entretanto, algumas podem estar articuladas ao homem sem que ocorra sua intervenção, como a imagem no espelho, o reflexo sobre a água, as formas miméticas na natureza ou o *trompe-l'oeil*.

Se a imagem não é só uma atividade mental, mas também fisiológica e sustentada pela corporeidade do sujeito, a modalidade de (re)produzir imagens ilustra os valores do homem. É segundo essa perspectiva que as imagens deixam de ser vistas como signos para ser consideradas símbolo, a representação e o repositório de todas as flutuações psíquicas e passionais do sujeito, patrimônio tanto abstrato, interior, mental e sensível do sujeito, quanto legado cultural, concreto, exterior e inteligível que ele recebe na condição de sujeito eminentemente social que é.

A operacionalização das imagens é denominada por Durand de trajeto antropológico do imaginário. A razão do emprego do termo trajeto se deve ao fato de este antropólogo enfatizar o processo de o indivíduo, diante da multiplicidade de imagens recebidas e conservadas em sua memória, precisar escolher e combinar algumas delas no processo constante de sua organização, interior ou exterior, visto que, como já se viu, nós “pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 259).

Se a imagem é a matriz do pensamento racionalizado, a função do imaginário é eufemizante e se manifesta nos e pelos imperativos biopsicopulsionais do sujeito, os quais, revezando-se com as intimações do meio social, norteiam a escolha e a articulação dessas imagens, ou seja, criam a visão particular que cada indivíduo dá aos processos de actorialização, temporalização e espacialização do mundo. Durand denomina a manifestação do imaginário de trajeto antropológico

não só para mostrar sua atividade dinâmica, mas, sobretudo, para evidenciar que existe uma continuidade nesse dinamismo e estruturação, continuidade que confirma realmente a imagem como matriz do pensamento racionalizado.

#### 4. Ecolinguística e imaginário

Samuel de Sousa Silva mostra de modo bastante apropriado como se poderia começar a discutir as afinidades e complementaridades entre ecolinguística, de um lado, e antropologia do imaginário, de outro. De acordo com ele, "a relação entre a antropologia do imaginário e a ecolinguística se dá pelo fato de as duas linhas construírem seus edifícios teóricos sobre um mesmo alicerce estrutural, que é a condição de existência por excelência da espécie humana, a sua relação corporal com o seu meio. Conforme afirma Umberto Eco, os únicos universais humanos presentes em todas as culturas são relativos ao posicionamento dos nossos corpos frente ao espaço a nossa volta". O autor continua afirmando que, "para a ecolinguística, essa relação de adaptação e conhecimento do mundo a nossa volta [se dá] por meio da afetação dos nossos corpos pelos outros corpos a nossa volta, assim como a afetação do nosso meio imediato pelo nosso corpo que se apresenta como elemento desse espaço, é entendida como o processo do nosso ajustamento ao ecossistema no qual estamos inseridos ou nascemos" (SILVA, 2014, p. 227). Traduzindo as interações do interior do ecossistema para as interações linguísticas, aí temos a interação indivíduo-mundo (MA), ou seja, a denominação, referência ou significação, e a interação indivíduo-indivíduo, isto é, a comunicação.

Silva continua ressaltando que "na antropologia do imaginário o símbolo, ou imagem, que é seu objeto de análise mínimo, é compreendido como uma inscrição na língua humana desse 'vínculo afetivo-representativo que liga um locutor e um alocutário e que os gramáticos chamam 'o plano locutório ou interjetivo'" (DURAND, 2001, p. 31), e que ocorre como evento na interação, no diálogo face a face. Nessa perspectiva, o símbolo seria esse rastro mais primitivo, ou mais representativo do evento em si, dessa relação entre locutores reais, ou entre pessoas e o mundo a sua volta, que na língua aparece apenas como representação" (idem, *ibidem*).

Por fim, Samuel Silva assevera que "a antropologia do imaginário ao estudar os símbolos e imagens primordiais, assim como os mitos, entendidos como conglomerados de símbolos e imagens compostos em narrativas e que constituem o imaginário humano, estuda o como o ser humano significa e dá sentido a essas suas relações concretas com o meio a sua volta, ou, nos

## ECO-REBEL

termos da ecolinguística, como o ser humano dá sentido as suas relações ecossistêmicas. Sendo assim, Durand irá demonstrar em seus estudos sobre os símbolos humanos como eles se agrupam e constroem seus campos semânticos a partir dessas primeiras reações do corpo humano ao meio no qual ele está inserido. Durand categoriza toda a constelação de símbolos e imagens produzidas pela espécie humana em três grandes conjuntos de imagens cuja razão magnética que agrupa essas imagens nesses conjuntos são os três principais reflexos do corpo humano frente às demandas do meio a sua volta" (SILVA, 2014, p. 227).

Como se vê, na antropologia do imaginário reconhece os dois tipos básicos de interação que são fundamentais para linguística ecossistêmica. O primeiro é a interação indivíduo-mundo, o processo de referência, designação ou significação, representado na figura da ampulheta da lexicalização discutida mais abaixo. O segundo é a interação indivíduo-indivíduo, que, ecolinguisticamente é a comunicação, ou interação comunicativa.

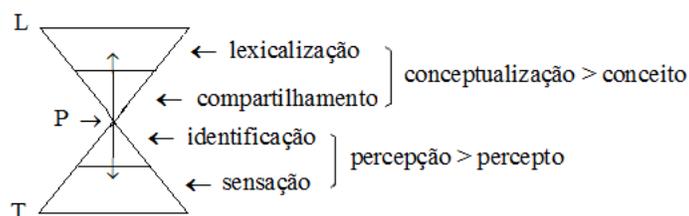
Diante de termos como "imagem", "imaginário" e "imaginação", o leitor pode ser induzido a pensar que só se pode pensar em afinidades entre ecolinguística e imaginário no nível do ecossistema mental da primeira, como Schmaltz Neto equivocadamente diz de Couto (2012). Mas, as coisas não são bem assim. Na verdade, as afinidades vão muito mais longe, mesmo que se comece pelo mental, porque, como sabemos há já muito tempo, o mental tem um pé firmemente fincado no natural e só se mantém se sancionado pelo social. Melhor dizendo, ele tem um pé no natural e outro no social, com o corpo representando o mental e ligando os dois.

Sabemos que, para a ecolinguística, o núcleo da língua é a interação comunicativa. Ora, para que haja atos de interação comunicativa eficazes é prototipicamente necessário que falante e ouvinte se posicionem fisicamente um frente ao outro. Isso é parte das regras interacionais (regra interacional n. 2). No entanto, só haverá interação comunicativa como objeto para a linguística, em geral, e para a ecolinguística, em especial, se o falante tiver algum conteúdo mental a transmitir ao ouvinte, mesmo que se trate de uma interação apenas fática. Em qualquer situação, a interação só será comunicativamente eficaz se algumas condições sociais forem obedecidas. Primeiro, é necessário que falante e ouvinte entrem em **comunhão** de alguma forma. Segundo, é necessário que o falante fale como é costumeiro falar em sua sociedade, mesmo quando cria algo no próprio ato de interação comunicativa. Nesse caso, ele o criará obedecendo aos padrões locais de inovações.

## ECO-REBEL

Isso mostra que os três ecossistemas da ecolinguística (natural, mental, social) têm equivalentes perfeitos na antropologia do imaginário. Tanto que, como já salientado acima, a antropologia do imaginário distingue imaginação de imaginário. A **imaginação** parte da observação, percepção, memorização e reprodução das coisas e fatos do mundo natural, equivalente ao processo da percepção que, como veremos se dá em duas etapas (**sensação e identificação**). Com isso se parte do natural (o mundo), captam-se imagens dele pela percepção, imagens que são processadas no cérebro, num processo que começa pelo natural e chega até o início do mental. O imaginário, por seu turno, é a operacionalização das imagens, da imaginação, não só no nível individual (mental) mas também no coletivo (social). Enfim, a tradução de tudo isso em ícones, signos e símbolos compõe o mundo cultural, vale dizer o social.

É interessante lembrar que "os imperativos biopsicopulsionais do sujeito" lembram muito o caráter holístico da linguística ecossistêmica. Para algumas correntes da filosofia da linguagem, a língua seria um fenômeno "natural", ligado ao mundo natural, que existe para a interação com ele. Para outras, ela seria algo exclusivamente mental, como é o caso da gramática gerativa de Noam Chomsky. Para outras, como a sociolinguística e a análise do discurso tradicional, por fim, que são a maioria, a língua seria algo exclusivamente social. Para a ecolinguística, sobretudo sua vertente brasileira chamada linguística ecossistêmica, e seguindo a Escola da Ecolinguística Dialética de Odense (Dinamarca), a língua não é só biológica (natural), nem só psíquica (mental) ou só coletiva (social). Ela é biopsicossocial, mesmo que o termo tenha origem nas ciências da saúde. O processo de formação de imagens e da linguagem que se vê na antropologia do imaginário e na ecolinguística, respectivamente, segue uma trajetória que foi sintetizada por Couto (2007, p. 128), reutilizada por Silva (2015, p. 92) e representada graficamente em Silva (2021, p. 23). Este último parte da perspectiva da psicolinguística, mas sua figura é muito pertinente no presente contexto.



**Ampulheta da lexicalização**

## ECO-REBEL

A língua é dinâmica, é *enérgica*, como disse Humboldt e como foi confirmado por Eugeniu Coseriu, sobre o qual há um artigo neste número de *ECO-REBEL*. Esse dinamismo existe não só no surgimento da língua, mas também em sua própria existência (a língua é interação) e em sua história, que é evolução para se adaptar às necessidades comunicativas de novas gerações. A figura mostra o primeiro aspecto, o fato de que no surgimento da língua tudo começa pela **percepção**, cujo primeiro momento é a **sensação**, que surge do contato sensorial do indivíduo com algum fenômeno do mundo. Se essa sensação se repetir algumas vezes, pode se transformar em **identificação**, momento em que o percebido se conscientiza de que já havia visto o objeto em questão, com o que surge um novo **percepto** na mente do indivíduo. Trata-se de um processo inteiramente individual. Depois que o fenômeno do mundo é identificado pelo indivíduo, este pode compartilhar esse conhecimento (*conhecimento perceptivo*) com outro indivíduo. Esse **compartilhamento** leva a uma necessidade de se comunicarem sobre o fenômeno, com o que ele recebe um nome, momento da **lexicalização**. Está formado o **conceito**.

É interessante notar que percepto e conceito já continha na própria etimologia algo próximo ao sentido que lhes é dado aqui. Etimologicamente *conceito* vem de *cum+captum* do latim, que significa algo como “captado com”. Quanto a percepto, provém de *per+capere*, algo como “pela captação” (pelos sentidos). Todo o processo visto até aqui é ascendente e se dá no falante. O processo inverso, descendente, é o que se dá no ouvinte, quando o ato de interação comunicativa é eficaz. Em Couto (2021, p. 67-69) foi demonstrado como tudo isso se implementa na interação: **interação referencial** entre indivíduo e mundo e **interação comunicativa** entre indivíduos.

O processo representado pela figura da **ampulheta da lexicalização** é válido para o surgimento ontogenético e filogenético não são da linguagem como um todo, mas para cada uma de suas partes. Aliás, ele é válido para todo e qualquer item da cultura, de modo que pode ser usado também pelos semioticistas para explicar o surgimento de signos. No que se refere ao surgimento de novos itens lexicais na aquisição da língua pela criança, no já mencionado artigo de Couto (2021, p. 67-69) pode-se ver como duas crianças adquiriram o nome de uma pequena árvore que ficava próxima a sua casa.

A ecolinguística surgiu no Brasil na Universidade de Brasília, onde é parte integrante da grade curricular da Pós-Graduação em Linguística em que a disciplina se chama “Ecologia Linguística”, outro nome para linguística ecossistêmica. Várias dissertações de mestrado e teses de doutorado já foram defendidas, tanto na UnB quanto na UFG, nesta sob minha orientação. Em 2012 foi

## ECO-REBEL

promovido aí o I Encontro Brasileiro de Ecolinguística (I EBE), tendo uma seleção dos trabalhos apresentados sido publicada em *Cadernos de linguagem e sociedade* volume 14, número 1, 2013, disponível na modalidade impressa e online

<http://periodicos.unb.br/index.php/les/issue/view/833>

O IV EBE aconteceu na UFC, Fortaleza, em 2018, sendo uma seleção dos trabalhos publicada na em Revista de letras v. 37, n. 2, disponível em

<http://periodicos.ufc.br/revletras/issue/view/907>

Na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, houve um casamento perfeito entre as duas áreas. O antigo NUPLIN (Núcleo de Pesquisas: Língua, Imaginário e Narratividade), criado na PUC-SP por Maria Thereza Strôngoli em 1995, foi levado para a UFG com a contratação de Elza Kioko N. do Couto e redenominado NELIM (Núcleo de Estudos de Linguagem e Imaginário), em 2008. Pouco depois, o nome por extenso do núcleo passou a ser Núcleo de Estudos de Linguagens, Línguas Minoritárias e Imaginário", mantendo-se a sigla NELIM. Em 2009, eu desenvolvi um programa de Pós-Doutorado em ecolinguística com Hildo Honório do Couto na UnB e, a partir daí, houve nova alteração na descrição do núcleo, que virou Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário, de novo mantendo-se a sigla. Enfim, o NELIM foi se adaptando às novas situações que se apresentavam, sem se descaracterizar, em perfeita sintonia com a visão ecológica de mundo, que o vê continuamente evoluindo, ou seja, adaptando-se às novas circunstâncias e necessidades de seus membros.

No ano de 2013, foi realizado na UFG o I Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística (I EBME), seguido de vários outros encontros, sendo o último realizado em setembro de 2021, na modalidade *online* devido à pandemia do coronavírus, do qual uma seleção está sendo publicada em ECO-REBEL v. III, n. 3, 2021. Esses encontros têm mostrado, na prática, que é possível e desejável estabelecer-se um profícuo diálogo entre ecolinguística e antropologia do imaginário. Isso pode ser visto na seleção dos trabalhos do I EBIME que foi publicada no ano seguinte (COUTO, DUNCK-CINTRA, BORGES, 2014), em que se encontra um prefácio de Maria Zaíra Turchi, uma esclarecedora Introdução. A contribuição de (2014) e Schmaltz Neto (2014) também devem ser mencionadas neste contexto. O segundo chamou a atenção para o fato de que as afinidades entre as duas áreas não se dão apenas pela faceta mental.

Como se vê, diferentemente da UnB, em que só se trata de ecolinguística, na UFG se faz o casamento dela com a antropologia do imaginário de modo bastante harmonioso. Tanto que têm

## ECO-REBEL

surgido trabalhos de PROLICEN, PIBIC, PCC e, é claro, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de livros, artigos e capítulos de livros, na UFG, na UnB e em outras universidades. Um fato a ser ressaltado é que o interesse pelas duas áreas tem atingido outros professores da instituição. A UFG é hoje provavelmente a única universidade brasileira em que a antropologia do imaginário vem sendo aplicada aos fenômenos da linguagem por linguistas, além da associação com os estudos ecolinguísticos. Sem nenhuma sombra de dúvida se pode dizer que o eixo Brasília-Goiânia é um foco de irradiação de ecolinguística para outras regiões do Brasil, tais como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Bahia, Maranhão, Roraima, Rondônia, São Paulo e Minas Gerais, pelo menos até onde pude averiguar. A antropologia do imaginário aplicada a questões de linguagem também tem se propagado a partir da UFG, já tendo atingido o Distrito Federal, alguns *campi* da UEG etc. Em outras áreas, fora da linguística, a questão do imaginário tem sido bastante estudada, como se pode ver os anais do encontro em que saiu uma primeira versão do presente artigo (ver observação no final deste texto).

A ecolinguística e a antropologia do imaginário têm origens diferentes. A primeira nasceu, obviamente, no seio da linguística, mais especificamente, da sociolinguística, uma vez que seu criador, Einar Haugen, era um renomado sociolinguista. Porém, o principal impulsionador da ecolinguística, Alwin Fill (1993), é da área de linguística aplicada, área em que ela decolou e teve alguma acolhida na academia. A antropologia do imaginário emergiu no contexto da antropologia e da filosofia, com os trabalhos de Gilbert Durand, que era discípulo de Gaston Bachelard (1884-1962), Henry Corbin (1903-1978) e Carl Gustav Jung (1875-1961). Este último é psiquiatra, psicoterapeuta e criador da psicologia analítica. Durand foi também professor de Michel Maffesoli. Mas, como vimos acima com Samuel Silva, ecolinguística e antropologia partem aproximadamente de um mesmo ponto, os humanos no mundo natural, e caminham aproximadamente na mesma direção, a criação de um mundo mental e, sobre ele, um mundo social.

### 5. Observações finais

Há vários motivos para se aproximarem ecolinguística e antropologia do imaginário. O que disse acima é apenas a ponta do *iceberg* do que as duas áreas compartilham. Na linguística ecossistêmica se reconhece explicitamente que a língua é parte da cultura, pois ambas são de caráter semiótico. Pois bem, a língua é parte de um ecossistema (linguístico) que consta da tríade povo (P), território (T) e língua (L). Esse ecossistema pode ser visto da perspectiva da **comunidade de língua** e

## ECO-REBEL

**comunidade de fala.** As duas só existem enquanto existe um P no respectivo T. Se P desaparecer, a comunidade (de língua e de fala) desaparece. O mesmo vale para a cultura. Para que ela exista tem que pré-existir também um povo no respectivo território. Desaparecendo P, desaparece a cultura, com respectiva língua. Vale dizer, a existência de língua, com respectiva cultura, depende da presença de P. Melhor dizendo, depende da memória dos indivíduos que constituem P. Sem memória não há língua nem cultura.

### Referências

BANG, Jørgen Chr.; DØØR, Jørgen. Ecolinguística: Um enquadramento conceitual. In: COUTO, Elza Kioko N.N. do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.

COUTO, Elza Kioko N.N.; ALBUQUERQUE, Davi B. (orgs.). *A análise do discurso ecológica no contexto da ecolinguística: Teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021.

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza Kioko do; ARAÚJO, Gilberto P.; ALBUQUERQUE, Davi B. (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Ensaio ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2015.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza K. N. N. do; BORGES, Lorena A. de O. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

COUTO, Elza Kioko N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs I*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1991, 2ed.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FILL, Alwin. *Ökolinquistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 325-339.

MORIN, Edgar. *O método 2: A vida da vida*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2ed., 2002.

## ECO-REBEL

SCHMALTZ NETO, Genis Frederico. Por uma ecolinguística do imaginário: Arco do Amanhecer como metáfora de linguagem, inter-relação e meio ambiente. In: COUTO; DUNCK-CINTRA; BORGES (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. 2014, p. 239-245.

SILVA, Leosmar Aparecido da. Relações entre funcionalismo e ecolinguística. In: COUTO, ELZA; ALBUQUERQUE (orgs.). *A análise do discurso ecológica no contexto da ecolinguística: Teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015.

SILVA, Márcio M. G. O ecossistema mental da língua e a psicolinguística. *ECO-REBEL* v. 7, n. 2, p. 17-30, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/39385/30654>

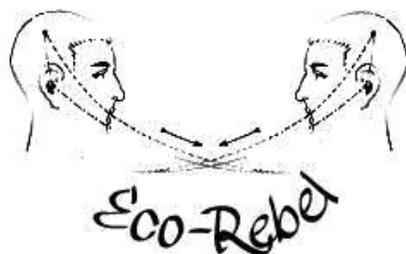
SILVA, Samuel de Sousa. A relação epistemológica entre a antropologia do imaginário e a ecolinguística. In: COUTO; DUNCK-CINTRA; BORGES (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 227-237.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Philosophie des images*. Paris: PUF, 1997.

[Este artigo é uma versão revista e ampliada da comunicação “Uma possibilidade de diálogo entre a antropologia do imaginário e a ecolinguística”, em coautoria com Hildo Honório do Couto, lida no “II Congresso do CRI2i A Teoria Geral do Imaginário 50 anos depois: conceitos, noções, metáforas”, Porto Alegre, Brasil, de 29 a 31 de outubro de 2015, divulgada em *Anais do II Congresso Internacional do Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire - A teoria geral do imaginário 50 anos depois: conceitos, noções, metáforas*, organizados por Ana Taís Martins Portanova Barros, p. 99-109, 2015. Reproduzo o texto aqui com algumas alterações a fim de lhe dar mais visibilidade].

Aceito em 05/11/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.



## **SINTROPIA COMUNICATIVA: A ECO-SEMIOSE EM AGRO-ECOSSISTEMAS SINTRÓPICOS E AUTOPOIÉTICOS**

Marcelo Moreira Santos

**Resumo:** O objetivo deste artigo é compreender a importância do processo de comunicação entre espécies – incluindo a humana – na agricultura sintrópica de Ernst Göstch. Por meio do ponto de vista da Complexidade, articulando as teorias sistêmicas desenvolvidas por Humberto Maturana, Edgar Morin, Ilya Prigogine e Jorge Albuquerque Vieira em conjunto com a Semiótica de Charles Sanders Peirce, este artigo visa esclarecer a eco-comunicação como a matriz para o desenvolvimento de agro-ecossistemas sinérgicos e autopoieticos. O texto observa ainda que para a agricultura sintrópica se tornar possível é preciso uma mudança interpretativa sobre a natureza e esta mudança ocorre quando percebemos que a natureza, em seu aspecto ecossistêmico, é um organismo vivo, inteligível e criativo que busca autonomia, permanência e auto-generalidade (produção contínua). O artigo conclui que agricultura sintrópica coloca o *homo sapiens* como um operador de transformações semânticas. Assim sendo, é por meio de suas intervenções no sistema, favorecendo a sintropia, que o agro-ecossistema floresce e abunda em comunicação e, conseqüentemente, em produção.

**Palavras-Chaves:** Agricultura Sintrópica; Ernst Göstch; Agroecologia; Agro-ecossistema; Autopoietica

**Abstract:** The aim of this article is to understand the importance of the communication process between species – including humans – in Ernst Göstch's syntropic agriculture. Through the point of view of Complexity, articulating the systemic theories developed by Humberto Maturana, Edgar

Morin, Ilya Prigogine and Jorge Albuquerque Vieira as well as Charles Sanders Peirce's Semiotics, this article aims to clarify eco-communication as the matrix for the development of synergistic and autopoietic agro-ecosystems. The text also observes that for syntropic agriculture to become possible an interpretive change about nature is needed and this change occurs when we realize that nature, in its ecosystem aspect, is a living, intelligible and creative organism that seeks autonomy, permanence and self -generality (continuous production). The article concludes that syntropic agriculture places homo sapiens as an operator of semantic transformations. Therefore, it is through its interventions in the system, favoring syntropy, that the agro-ecosystem flourishes and abounds in communication and, consequently, in production.

**Keywords:** Syntropic Agriculture; Ernst Göstch; Agroecology; Agro-ecosystem; Autopoetics.

### 1. Introdução

Discutir sobre a mudança climática parece ser um assunto obrigatório em diferentes esferas do conhecimento, entretanto abordá-la de forma a fugir das simplificações parece ser um desafio urgente.

Ao invés de isolar a questão ambiental em um nicho específico, devemos colocá-la sob um eixo que permita um diálogo entre áreas que normalmente não se misturam. Como Edgar Morin ressalta (2008a, p. 26-27), sofremos de uma miopia epistemológica, pois formamos excelentes especialistas em diversos campos do conhecimento, entretanto, tais especialistas têm dificuldades de observar o todo, isto é, têm dificuldades de analisar as relações complexas que abarcam contextos que de certa forma se afetam mutuamente.

Assim sendo, o aquecimento global não pode ser visto como um objeto de estudo apenas de ambientalistas e ecologistas, mas deve ser observado como uma resultante de um modo de vida capitalista em um contexto não mais circunscrito em uma região ou hemisfério, mas em um âmbito mais abrangente, de caráter planetário e de todas as áreas do conhecimento.

É sabido que as demandas de produção, escoamento e consumo atingiram escalas nunca antes vistas e em consequência houve um excesso de poluentes jogados nos oceanos, nos rios e na atmosfera, e um volume cada vez maior de florestas e matas nativas sendo substituídas para a produção de alimentos.

## ECO-REBEL

No ritmo atual, a natureza não consegue reabsorver e/ou transformar todo esse material gerado (emissões de CO<sub>2</sub>, por exemplo) e descartado (resíduos de fábricas e indústrias) em matéria de reuso para se manter em equilíbrio. Vivemos, portanto, uma aguda degenerescência ambiental – entropia – sem perspectivas de soluções a curto prazo.

Por outro lado, esta degenerescência não é só do ambiente, mas da própria espécie humana que vive dentro de um ecossistema que está enfermo. Basta ver a relação da poluição nas chamadas megacidades e os índices de pessoas com problemas respiratórios vivendo em seu interior. Dessa forma, a natureza, ou melhor dizendo, a mudança climática, não é algo fora da humanidade. Como espécie, como sociedade, como indivíduos abrigados em uma mesma biosfera, tal desequilíbrio é algo que entrelaça tudo e todos de dentro para fora e de fora para dentro em uma grande espiral de relações recursivas e retroativas.

Chegamos, portanto, a uma crise planetária que envolve a vida de todos os seres e ecossistemas, e também, porque não dizer, todas as áreas do conhecimento, inclusive e, sobretudo, o da comunicação.

O primeiro a que temos que atentar é que não existe apenas uma ecologia englobando tudo, mas várias *eco-logias* que se associam, concorrem, reprimem, se ajustam e, por fim, se complementam. É uma ecologia permeada por uma diversidade de lógicas – ambientais, geopolíticas, econômicas, culturais, artísticas, tecnológicas – que tecem um emaranhado novelo de feixes semióticos que ditam uma delicada e intrincada relação de processos múltiplos, antagônicos, convergentes e integrados.

Como Morin esclarece (2008b), os conceitos, as crenças e as culturas, formam também uma ecologia que está enraizada à humanidade enquanto espécie circunscrita numa determinada parte do globo, e enquanto seres físico-químico-biológicos pertencentes ao planeta Terra. Por certo, nada está isolado, tudo se correlaciona por meio de uma eco-dependência que rege toda a organização das cidades, das regiões, dos continentes, e de seus habitantes. Entretanto, paga-se com grandes doses de entropia para se manter em atividade a estrutura – *Gestalt* – desta organização como se encontra atualmente.

Isto quer dizer que o projeto de desenvolvimento moderno atual gera o desequilíbrio ecossistêmico. Em outras palavras, aquilo que rege a organização de todo este sistema, isto é, o conceito de desenvolvimento econômico nela aplicado nunca levou em consideração o

## ECO-REBEL

desequilíbrio ambiental como um problema, sempre o considerou como um mal – ou um bem – necessário.

Daí que todas estas esferas que se entrelaçam – e são eco-dependentes – estão sustentadas por um regime de sentido que aceita e equaciona a crise ambiental, pois esta também gera outros lucros em outras indústrias como a farmacêutica, por exemplo, no que tange ao volume de remédios para tratar problemas resultantes da poluição nas megacidades e/ou de consequência de ingestão de alimentos com altas doses de pesticidas e/ou herbicidas.

Assim sendo, os problemas geram soluções paliativas que geram lucros que movem a economia que geram e perpetuam os problemas corriqueiros formando um grande e assustador circuito em que todos estão imersos e presos. Portanto, o aquecimento global e este modelo de desenvolvimento econômico em que vivemos são, na verdade, uma coisa só. Onde termina um, começa o outro. Então, como desatar este nó górdio em que estamos encerrados?

É sabido que as sociedades arcaicas viviam uma vida dupla, uma dedicada às questões ético-práticas, ou como Morin (2008b, p. 169) as aborda, vinculada às repostas empírico-lógico-rationais para lidar com os afazeres do dia a dia: alimentação, proteção, construção, coleta, caça etc., e outra vida dedicada às questões crítico-pragmáticas vinculada às respostas no âmbito da semântica, por isso mesmo Morin as nomeia como simbólico-mitológico-mágicas (2008b, p. 169). Tal esfera intelectual lidava, sobretudo, com as demandas da incerteza, do futuro, das perdas, da morte, da vida, isto é, do sentido de todas as coisas ao redor do indivíduo e de sua comunidade. Esta esfera intelectual se dedicava à compreensão do mundo via deuses, espíritos e entidades, convocando-os quando necessário, satisfazendo seus desejos e apetites, construindo templos, santuários, lugares sagrados, ou ainda realizando preces, rezas, e outros ritos para se obter a benção e o favor ao início da colheita, à sementeira dos campos, às batalhas, e/ou aos empreendimentos de toda sorte.

As duas esferas se nutriam, não havia uma separação entre o *mythos* e o *logos*, a relação de ambos era complementar, concorrente e antagônica, pois os homens arcaicos caminhavam sobre a Terra tendo como balizador de sua conduta as duas esferas imbricadas, em franca comunhão. Morin (2008b, p. 174) esclarece que *mythos* "(...) constitui o discurso da compreensão subjetiva, singular e concreta de um espírito que adere ao mundo sentindo-o do interior".

De fato, a ciência moderna excluiu o homem dessa conexão com o cosmos e com a natureza, assim com o intuito de decifrar seus mistérios, fez da realidade um lugar inóspito e ignorante. De forma

## ECO-REBEL

cartesiana, a natureza foi desvinculada do *homo sapiens*, e o que estava fora do *locus* humano era visto como algo a ser dominado pela razão e pela ciência, e ao subjugar-la ignorou-se seus milhões de anos de reequilíbrios contínuos, ou melhor dizendo, ignorou-se a sua *sabedoria latente*.

Como um tirano, a humanidade, em sua escalada produtiva, instituiu a monocultura como uma nova realidade, estancando a diversidade com armas bioquímicas eficazes, poluindo os biomas ao longo do processo (ZAMBERLAM; FRONCHETI, 2020, p.35-36). A dialogia entre espécies, indivíduos e ecossistemas que sempre foi um marco em processos autopoieticos – sistemas vivos, autônomos e criativos – foi excluída diante de uma espécie que se cercou da sua razoabilidade científica (ZAMBERLAM; FRONCHETI, 2020, p.26-27) para se fazer muda, surda e cega aos modos pelos quais o planeta, como sistema vivo, evoluiu e conquistou sua autonomia.

No intuito de se livrar das mitologias e de outras crenças dos povos arcaicos, acabou-se buscando a razão iluminista, cessando o diálogo com o mundo natural. Assim sendo, este mundo natural acabou se tornando apenas um objeto de estudo e análise em laboratórios e/ou em universidades, e os saberes resultantes deste processo visaram apenas ao *homo sapiens* e às suas necessidades e demandas esquecendo-se das outras espécies, ecossistemas, biomas e indivíduos que povoam o mesmo planeta, ou *oikos* (MORIN, 2005, p.33).

A solução para a crise ecológica em que vivemos parece vir desse retorno a um diálogo, um retorno aos processos comunicativos ou trocas sógnicas entre espécies, indivíduos e ecossistemas, colocando o *homo sapiens* como um promotor ou facilitador deste comércio de signos. Entretanto, este movimento não será de todo fácil, pois será preciso ajustes mútuos em todas as esferas que cercam o regime de sentido criado pelo homem moderno. Há aí uma necessidade de quebras de paradigmas para que novos hábitos surjam com a força necessária para as mudanças urgentes em curso.

É, exatamente, essa mudança de paradigma que Ernst Göstch propõe por meio daquilo que chamou de agricultura sintrópica (REBELLO; SAKAMOTO, 2021).

### **2. A Sinergia Comunicativa e a Eco-Semiose da Vida**

A metodologia adotada pelo agricultor Ernst Göstch se articula pelo caminho do diálogo aberto ou eco-comunicação (MORIN, 2005, p. 55), isto é, ela se desenvolve por meio de um volume de mediações em rede: a) entre o agricultor e o ecossistema; b) entre o ecossistema e os indivíduos

## ECO-REBEL

nela inseridos; c) entre as raízes das árvores, suas copas e estratos distintos; d) entre as diferentes temporalidades e sequencialidades de desenvolvimento, florescimento e maturação das espécies consorciadas; e) entre as topologias e relevos criados pelos consórcios e integrações entre espécies e indivíduos; f) entre as histórias ou narrativas de cada agro-ecossistema criado e promovido dentro de uma espacialidade ou porção de terra, denominada, tradicionalmente, como sítio e/ou fazenda. Portanto, ao invés de subjugar, o ser humano/agricultor interage, interpreta, gerencia potencialidades, fraquezas, co-evoluções e especialidades atuando como um intermediador de inter-relações e integrações sistêmicas abrangentes, concorrentes e solidárias. Tudo isso levando em consideração uma eco-comunicação, isto é, um ambiente de trocas sígnicas sinérgicas em vários níveis de interação, criando mutualismos, simbioses, associações, competições, antagonismos, cooperações, consórcios, enfim, complementaridades diversas.

Ernst Götsch deu o nome a este modelo de abordagem de produção de *agricultura sintrópica* (REBELLO; SAKAMOTO, 2021). Sintropia não pode ser vista como o inverso da entropia, e sim como seu irmão gêmeo. Ao contrário do que se supõe, o meio ambiente não trabalha por meio de processos dicotômicos como bem e mal, certo e errado, até porque algo que pode ser benéfico a uma espécie, pode ser nocivo a outra, e/ou vice-versa. A sintropia configura uma circularidade, recursiva e retroativa, de complementaridades. Enquanto a entropia atua na degeneração do sistema e na dissipação de energia (PRIGOGINE, 2002, p. 21), a sintropia atua na transformação, do que se degenera e dissipa, em novas possibilidades de *reuso*, *reutilização*, *ressignificação* e *reorganização*.

É uma *cultura* – de origem não-humana, mas da própria natureza físico-química (PRIGOGINE, 2011, p. 66-67) – aberta a esta circularidade do imperativo 're' (MORIN, 2005, p. 373), ou seja, uma cultura que está se *reinventando/recriando* – *poiésis* – a todo momento e que busca condições do meio para encontrar sua homeostase, ou (re)equilíbrio constante, ou *auto-eco-organização* (MORIN, 2005, p. 83-87). Dito isso, podemos afirmar que a entropia só se torna um problema intransponível se não fornecemos as condições necessárias para a sintropia atuar. De fato, se a sintropia tiver a chance de ser promovida o próprio sistema se auto-reorganiza e encontra um caminho para sua auto-sustentabilidade. Aliás, este é o legado da metodologia de Götsch e que perfaz todo seu argumento diante de um planeta apto a se regenerar.

Por outro lado, ao injetarmos no sistema os chamados defensivos agrícolas em conjunto com os adubos químicos, não estamos favorecendo a sintropia, ao contrário. Só estamos tornando-o cada

## ECO-REBEL

vez mais fragilizado, e pior, criando condições para que a entropia seja ainda mais fortalecida e difícil de ser assimilada e/ou corrigida, e/o reordenada.

Entretanto, se por um lado essa cultura sintrópica é aberta a circularidade do imperativo 're', por outro lado, ela é fechada em um processo de troca ou comunicação constante. Do solo às copas das árvores, dos estratos aos consórcios, das sucessões de espécies às podas rotineiras, do micro-clima da região à incidência de luz solar, tudo perfaz uma troca constante de signos/energias em várias escalas de tempo, espaço e mediações. Uma cultura sadia é aquela que permite esta troca de informações ou mediações de forma sinérgica e contínua.

É por meio dessa troca – comércio dos signos – que se torna possível a solidariedade. E solidariedade não exclui a concorrência e o antagonismo, ao contrário, é por meio das inibições, repressões e disputas que se instaura um equilíbrio ou homeostase. Assim sendo, os antagonismos e concorrências favorecem, de forma solidária, a convivência, a existência e permanência de todas as espécies e indivíduos consorciados dando-lhes proteção e defesa, contendo excessos e carências, conferindo auto-eco-organização e dominância territorial.

Aliás, é esta sinergia de signos que molda a ecossemiose, ou melhor dizendo, a ação do signo em um ecossistema. De fato, em um agro-ecossistema as carências de uma espécie podem ser supridas pela sua convivência/associação com outras espécies 'amigas' em seu entorno bastando que esta 'informe' a sua 'comunidade' um determinado problema<sup>1</sup>. E, é, exatamente, essa dialogia informativa – ecossemiose – entre diferentes espécies consorciadas que acaba fortalecendo todo o sistema. Assim sendo, as potencialidades e fraquezas são partilhadas (WOHLLEBEN, 2017, p.16) formando comunidades permeadas por um equilíbrio sinérgico ou autopoietico (MORIN, 2005, p. 130).

A sintropia, então, eco-depender de uma variabilidade de trocas de informações em camadas diversas e faz da entropia o canal para soluções criativas e sustentáveis (PRIGOGINE, 2011, p. 77). Neste regime de sentido, a entropia é vista como algo de grande importância para a produtividade constante do sistema, pois traz a possibilidade de rearranjos semióticos intermitentes ou uma constante co-evolução e, por que não dizer, aprendizagem. Assim, toda desordem ou entropia é vista, não como um inimigo a ser eliminado, mas um parceiro a ser compreendido, criando a possibilidade de um conhecimento adquirido partilhado por toda a eco-organização.

---

<sup>1</sup> Hoje já se sabe que a micorriza – associação entre fungos e raízes de plantas – é esta rede de comunicação no contexto da biocenose dos solos (REBELLO; SAKAMOTO, 2021, p. 28).

## ECO-REBEL

Estamos aí no campo de uma epistemologia não desenvolvida pelo *homo sapiens*, mas por um cosmos inteligente – *Kósmos Noétos* (IBRI, 1992) – que partilha seu conhecimento a quem estiver atento a compreendê-lo. Peirce (2000, p. 190) é esclarecedor neste ponto: "Não apenas o pensamento está no mundo orgânico, como também ali se desenvolve". A ruptura peirceana com o pensamento dicotômico cartesiano – mente vs. matéria – demonstra que o pensamento não está em nós, somos nós que estamos no pensamento, isto é, somos uma continuidade evolutiva em consonância com o cosmos inteligente que nos circunda. Portanto, a linguagem ou os signos não dependem do *homo sapiens* para existirem. É certo que somos criadores de línguas e formas de mediação que nos torna uma espécie muito singular, da mesma maneira que tantas outras espécies e o próprio planeta desenvolveu suas formas de mediação e trocas de informações compondo outras singularidades em conjunto. Portanto, não estamos isolados nesse processo comunicativo, ao contrário.

Na verdade, uma praga ou uma erva daninha dentro deste sistema de agricultura é vista como um alerta 'amigo' emitido pela própria natureza. Diante deste alerta, é preciso realinhar a nossa maneira de mediar e interpretar a *cultura* que estamos desenvolvendo em uma determinada porção de terra. Esta mediação visa transformar processos entrópicos – pragas e plantas invasoras – em um canal de transformação de todo o sistema, compreendendo-o para poder protegê-lo, trilhando um caminho solidário, ao invés da eliminação sumária (MORIN, 2005, p. 90).

De fato, tudo é permeado pela comunicação e sua constante troca ou sinergia gerando rearranjos semânticos, isto é, o sistema 'aprende', por meio da ecossemiose ou troca de informações entre seus integrantes, a enfrentar e superar os problemas que surjam, porém em conjunto, compartilhado. E o agricultor, nesse processo, se torna um interventor e operador deste realinhamento semântico dando condições ao agro-ecossistema de assimilar e transformar tais invasores em assistentes semióticos que o avisa que algo está dificultando o 'bem-estar' de todo o ecossistema: seja a falta de luz, seja a carência de um componente químico no solo, seja o excesso de um determinado tipo de inseto etc.

No sistema adotado pela 'revolução verde' o que se tenta é eliminar os processos entrópicos injetando no sistema agentes bioquímicos – pesticidas e herbicidas – que acabam degradando a própria ecossemiose do sistema. Deliberadamente, ignoramos que imerso na natureza reside um volume assombroso de *saberes*, mas como a esvaziamos de sabedoria ao olhá-la como um objeto desprovido de cognição, a julgamos como um ente carente de sapiência.

## ECO-REBEL

Ao estudar a interação das espécies em um ecossistema, o biólogo Jakob von Uexküll observou que existia uma faixa de leitura de cada espécie, isto é, em meio a multiplicidade de signos e linguagens disponíveis em diversos níveis semióticos pululando de todas as partes em um meio-ambiente, as espécies “leem” ou decodificam aquilo que estão aptas a computar, mediar.

O “Umwelt”, que traduzido significa “o mundo à volta” ou “o mundo em torno”, uma espécie de “bolha” (VIEIRA, 2007, p. 24) ou rede semiótico-perceptivo-computacional particular pela qual cada espécie traduziria as informações no ecossistema em que está inserida em conformidade com a sua capacidade de interpretar.

Para muitas espécies, muitos signos são totalmente ignorados ou desconhecidos, pois não transitam em sua faixa de percepção-cognição-mediação ou faixa inter-simbólica (VIEIRA, 2007, p. 58). Entretanto, isso não quer dizer que não haja informação a ser decodificada e/ou interpretada, apenas que não estamos aptos a compreender o que foi transmitido naquele ambiente. Para muitos, a natureza é uma cacofonia sem fim em que 'ninguém' se entende, entretanto, a agricultura sintrópica nos ensina que esta mesma cacofonia é um sinal positivo, pois é por meio dessa eco-comunicação – trocas múltiplas e variáveis – que um sistema se torna autossustentável e sadio para todos nele integrados<sup>2</sup>.

A eco-comunicação implica então numa eco-organização de linguagens que formam uma rede complexa de signos que pululam em diferentes espécies e indivíduos com variações cognitivas diversas criando uma gramaticalidade (VIEIRA, 2007, p. 64) – leis, regras, hábitos e comportamentos – específica daquele ecossistema.

Assim sendo, o que Ernst Götsch nos lembra é que, para buscarmos um mundo mais sustentável, precisamos refazer e/ou transformar o nosso *umwelt* – ou bolha interpretativa – para podermos compreender essa sabedoria – ou epistemologia – da natureza e sua maneira de resolver seus problemas por meio e a partir da sintropia.

### 3. O Eixo Semiótico: a Interpretação Sintrópica

O signo é algo que representa algo para alguém. Se assemelha a um advogado que representa seu cliente, mas, nesse caso o cliente é o objeto. Segundo Peirce, o objeto real, aquele lá fora de nossa mente, é denominado como *objeto dinâmico* e os fragmentos do real impressos no signo podem

---

<sup>2</sup> Aliás, o silêncio, como apontado por Rachel Carson em 1962 em seu antológico livro *Primavera Silenciosa*, é um forte índice de que estamos diante da degenerescência do ecossistema.

## ECO-REBEL

ser vistos como *objetos imediatos*, isto é, objetos que trazem partes do todo. Para Peirce, os signos são sempre parciais, falhos e é por isso que precisamos, sempre, atualizarmos nosso conhecimento em relação ao mundo lá fora.

Esse processo entre signo e objeto desencadeia-se por relações de semelhança (iconicidade), referência (indexicalidade) e convenção (simbólico) que conferem ao signo graus de correspondência com o objeto real, ou realidade. Dessa forma, o signo jamais reproduz a realidade, porém é desta realidade que o signo extrai seu caráter e sua funcionalidade, pois é por meio do signo e de seu processo de semiose e de mediação que a realidade se torna inteligível ao ponto de construirmos, por meio dessa interação, nosso conhecimento e nossas teorias a respeito do mundo. O interpretante é um signo resultante da mediação do signo (*representamen*) em relação ao objeto. O objeto determina o signo que, conseqüentemente, produz outro signo, já mediado, que traz consigo a informação referente ao objeto, mas não apenas às qualidades do objeto; o interpretante é um signo apto a ativar a cognição, a interpretação.

De fato, o interpretante é um signo que provoca na mente o início ou a continuidade das associações de ideias. Nesse sentido, ele tem um caráter de expansão, de evolução, de cópula, de desenvolvimento, de aprendizagem, aquilo que Peirce denomina como terceiridade, portanto, o pensamento tem o seu desencadear impulsionado pelos interpretantes, pois um signo gera outro, que gera outro, *ad infinitum*.

Entretanto, o interpretante não pode ser visto como algo fixo em si mesmo, como se pudesse denotar uma única interpretação a respeito do objeto ao qual está vinculado, na medida em que existem variantes tanto do lado do signo já mediado ou interpretante, quanto do intérprete. Aliás, intérprete não é a mesma coisa que interpretante e/ou interpretação.

Imaginemos uma situação: em suas andanças pela floresta amazônica, um ribeirinho depara-se com uma vasilha que se assemelha a um prato e observa que existem certos desenhos entorno do objeto que lembram figuras de homens vestidos com penas e máscaras de bichos em suas cabeças. Entretanto, para ele, tais desenhos são apenas ‘bonitos’ e a funcionalidade da forma do objeto – o prato em si – lhe é mais notório do que os seus adornos.

Porém, se um antropólogo encontrasse o mesmo objeto poderia observar que tais desenhos são a constatação da presença da civilização asteca no local. E se tal personagem fosse um pesquisador que tem o seu estudo baseado na hipótese de que os astecas habitaram toda a região da bacia amazônica, tal objeto deixaria de ser um simples prato e seus desenhos seriam mais do que

## ECO-REBEL

adornos, pois poderiam fornecer informações a respeito de como aquela civilização se vestia naquela região, ou quais os animais importantes para sua religião, ou quais as diferenças em relação a outros artefatos encontrados na América Central etc.

Enfim, tal prato transformar-se-ia na evidência cabal não só do estudo do antropólogo, mas redefiniria o conhecimento a respeito desta civilização. Ora, isso quer dizer que, embora seja o mesmo signo – o prato adornado com desenhos –, as interpretações vinculadas a este são distintas dependendo do intérprete.

De fato, o interpretante gerado pela mediação do signo no ribeirinho esteve associado à forma do signo e à sua funcionalidade. Já para o antropólogo, este signo mediado esteve atrelado à constatação de que sua hipótese tinha coerência e que os astecas realmente colonizaram aquele local. Porém, como pode um mesmo signo significar de maneira diferente?

Isso ocorre em razão de o signo carregar em si informações e qualidades que têm a potencialidade de vir a ser interpretadas com o máximo de sua profundidade e amplitude (PEIRCE, 2000, p. 140). Entretanto, essa possibilidade de o signo ser interpretado como tal é algo *in futuro*, é tão somente uma tendência de que um dia seja assim compreendido em sua magnitude. Essa finalidade de significação já está determinada pelo signo, isto é, pelas informações e qualidades contidas neste, sendo estas, seu fundamento.

Porém, o grau de como tal interpretação irá mesmo acontecer – em sua dinamicidade, isto é, no aqui e agora diante do signo – resvala na capacidade de o intérprete – ou mente – estar apta para compreendê-lo em sua totalidade, ou seja, estamos diante novamente do *umwelt* e sua capacidade cognitiva-intepretativa-computacional.

Portanto, embora o interpretante seja um signo apto a gerar ou promover a associação de ideias e interpretações, a regularidade com que este signo mediado seja entendido – em sua completude – não reside na capacidade de uma mente em particular assim interpretá-lo, pois, sua tendência está associada à faculdade ulterior de desenvolvimento, isto é, a de prover uma correção contínua de interpretações, não dependendo de um único intérprete, mas de vários, dada, exatamente, a complexidade envolvida no signo. De fato, em sua projeção *in futuro*, o interpretante é algo vivo e geral, perpetuado a cada nova geração de significados (PEIRCE, 2000, p. 269-271).

Assim sendo, o interpretante é de natureza social, coletiva (SANTAELLA, 2000, p. 76) e, porque não dizer, ecossistêmica. Assim, mesmo sendo um objeto comum a ambos os intérpretes – ribeirinho e antropólogo – o fim último do interpretante não está na interpretação de um e de outro,

## ECO-REBEL

mas na própria capacidade deste interpretante de prover uma renovação interpretativa e, portanto, os reajustes necessários ao conhecimento sobre o signo em questão. No que tange à agricultura sintrópica, o de que mais necessitamos no momento é justamente esta *renovação interpretativa*.

Uma praga e/ou uma erva daninha têm interpretações diferentes dependendo de como o *umwelt* do agricultor foi construído/formado. Para muitos, se opta para os defensivos agrícolas operando degradações sistêmicas a médio e longo prazo. Para os agroecólogos, observa-se, primeiramente, como reagir aos 'invasores' sem agredir o meio ambiente e, conseqüentemente, agir de maneira visando ao bem-estar do ecossistema. Um mesmo 'problema' ou signo, mas com interpretações em concordância com o conhecimento que o agricultor tem de mundo.

Para que a agricultura sintrópica se torne possível é preciso uma mudança interpretativa sobre a natureza e esta mudança ocorre quando percebemos que a natureza, em seu aspecto ecossistêmico, é um organismo vivo inteligível e criativo que *busca* autonomia, permanência e auto-generalidade (produção contínua).

Os interpretantes que circulam em um ambiente como em um agro-ecossistema são vastos e com finalidades múltiplas. Diante de um cenário tão rico em diversidade semântica é preciso saber reconhecer que embora sejamos capazes de levar o homem à lua, de extrair energia do átomo e de construir arranha-céus, somos pouco sábios ao lidar com os interpretantes que não fazem parte do nosso *umwelt* hominídeo. E, embora estes interpretantes, dada sua natureza coletiva e ecossistêmica, estejam lá fora, prontos para serem mediados por diferentes espécies, nem sempre sabemos escutá-los e/ou percebê-los, ao contrário.

Porém, para nossa sorte, precisamos entender que podemos sempre renovar nossas interpretações quando nos dedicamos a compreender os sinais que o ecossistema está emitindo. Porque, sobretudo, o ecossistema está sempre aberto para os compartilhamentos e complementaridades. Aliás, foi o *homo sapiens* iluminista que decidiu se desvencilhar dessa possibilidade cooperativa.

### 4. Conclusão

A agricultura sintrópica coloca o *homo sapiens* como um operador de transformações semânticas. É por meio de suas intervenções no sistema, favorecendo a sintropia, que o agro-ecossistema floresce e abunda em comunicação e, conseqüentemente, em produção e sustentabilidade.

É por meio da eco-comunicação que poderemos compreender e adquirir conhecimento sobre: a) quais as melhores *sintaxes/consórcios* entre espécies que poderão ser mais produtivas para uma

## ECO-REBEL

determinada região do planeta; b) qual o melhor *design informativo* – ou *Gestalt* – para sua fazenda ou sítio no que tange à operacionalidade da sinergia comunicativa e suas mediações – ressonâncias (PRIGOGINE, 2011, p. 43) – ecológicas; c) e qual a melhor *historicidade* – organização semântica – para o agro-ecossistema a ser desenvolvido pelo agricultor no que tange às espécies matrizes que vão 'puxar' ou dar um sentido à cinética (PRIGOGINE, 2002, p. 56) – movimentação produtiva – da propriedade: se frutas cítricas, se o cacau, se madeira de lei, se o açaí, se a produção bovina etc., ou todas estas em conjunto.

Por fim, é preciso olhar esta perspectiva sintrópica como um retorno a co-evolução, isto é, a um desenvolvimento compartilhado entre espécies. Tendo os ecossistemas como moderadores da eco-bio-organização em que a humanidade está inserida. Tal movimento só será viável se o *homo sapiens* puder se integrar semanticamente à natureza, não mais se isolando como espécie de seu *Oikos*.

### Referências:

CARSON, Rachel. Primavera Silenciosa. Editora Gaia, 2010.

IBRI, Ivo A. *Kósmos Noétós*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

MORIN, Edgar. *O Método 2 – a vida da vida*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Método 1 – a natureza da natureza*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008a.

\_\_\_\_\_. *O Método 3 – o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008b.

\_\_\_\_\_. *O Método 5 – a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007a.

PRIGOGINE, Ilya. *As Leis do Caos*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Fim das Certezas*. São Paulo, Editora da UNESP, 2011.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

## ECO-REBEL

\_\_\_\_\_ *The Essential Peirce - Volume 1*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

REBELLO, JOSÉ F. DOS SANTOS; SAKAMOTO, Daniela Ghiringhello. *Agricultura Sintrópica Segundo Ernst Götsch*. Editora Reviver, 2021.

SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos*. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

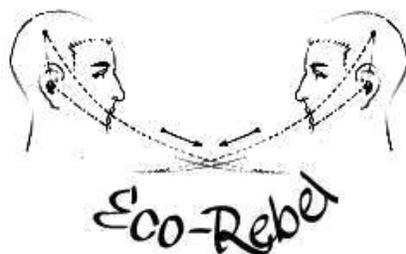
VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Ciência – Formas de Conhecimento: Arte e Ciência uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Gráfica e Editora, 2007.

ZAMBERLAM, Jurandir; FRONCHETI, Alceu. *Agroecologia – Caminho de preservação do agricultor e do meio ambiente*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2020.

WOHLLEBEN, Peter. *A Vida Secreta das Árvores: o que elas sentem e como se comunicam*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

Aceito em 12/01/2022.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.



## A LÍNGUA NÃO É UMA COISA, É MOTRAIVE

---

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é mostrar que a linguística ecossistêmica é uma variante da ecolinguística que se insere no espírito da nova visão de mundo que surgiu com os achados da teoria da relatividade e da mecânica quântica, na física, bem como de teorias como teoria do caos, teoria dos sistemas complexos e, sobretudo, ecologia. No contexto dessa nova visão de mundo e da linguagem, língua não pode mais ser vista como instrumento de comunicação. Para expressar isso de uma forma que pelo menos se aproxime do uso da linguagem matemática nas ciências físicas, o artigo propõe a acronímia ‘motraive’ para representar língua não como instrumento de comunicação, mas como modo de comunicação ou a própria comunicação. O artigo mostra ainda que para atingir esses objetivos a linguística ecossistêmica é multidisciplinar e multimetodológica.

**Palavras-chave:** Nova visão de mundo; Sistemas complexos; Ecologia; Língua como interação; Motraive como definição de língua.

**Abstract:** The objective of this article is to show that ecosystemic linguistics is a variant of ecolinguistics that fits into the spirit of the new worldview that emerged with the findings of the theory of relativity and quantum mechanics, in physics, as well as theories such as chaos theory, theory of complex systems and, above all, ecology. In the context of this new vision of the world and of language, language can no longer be seen as an instrument of communication. To express this in a way that at least approximates the use of mathematical language in the physical sciences, the article proposes the acronym ‘motraive’ to represent language not as an instrument of communication, but as a mode of communication or communication itself. The article also shows that in order to attain these objectives ecosystemic linguistics is multidisciplinary and multimethodological.

**Key-words:** New worldview; Complex systems; Ecology; Language as interaction; Motraive as a definition of language.

### 1. Introdução

Certa feita iniciei uma palestra sobre ecolinguística com a seguinte pergunta: “A língua é uma coisa?” As pessoas do auditório ficaram espantadas, certamente pensando como é que alguém poderia fazer uma pergunta dessas. Quando eu disse que toda concepção de língua que a considere um meio ou instrumento de comunicação, ou de expressão do pensamento, a reifica, a estupefação continuou. Só começaram a não achar minha pergunta inteiramente absurda quando lembrei que “instrumento” é uma coisa que se usa para fazer algo. Se a língua é um instrumento de comunicação ou de expressão do pensamento, ela é uma coisa, que uso para comunicar ou expressar meus pensamentos. Todas as versões do estruturalismo estão nesse caso, sobretudo o gerativismo (uma exceção seriam os estudos de Eugenio Coseriu). É uma concepção de língua que não avançou muito desde Schleicher no século XIX, embora em outros sentidos as ideias desse autor tenham representado um grande progresso nos estudos da linguagem. O mesmo se pode dizer dos estruturalismos, que trouxeram esses estudos para o estágio de conhecimento científico da mecânica clássica e consolidaram a linguística como ciência.

Com o advento da nova visão de mundo desvelada pela teoria da relatividade e pela mecânica quântica no início do século passado, as coisas começaram a mudar, embora não de modo imediato na linguística. Tudo que percebemos no mundo não era mais visto como uma coisa, localizada no espaço, composta de partes menores. Como diz Capra (2002, p. 231), “enquanto que na física clássica, as propriedades e o comportamento das partes determinam as propriedades e o comportamento do todo, na física quântica a situação é a inversa: o todo é que determina o comportamento das partes”. Aplicando isso à linguagem, veremos que o todo é a interação comunicativa (IC), localizada na respectiva ecologia da interação comunicativa (EIC). Há “uma mudança do pensamento em termos de estrutura para o pensamento em termos de processo” (p. 244), confirmando mais uma vez a prioridade da interação comunicativa sobre o sistema. Nesse caso, “o universo material é visto como uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa teia é fundamental; todas resultam das propriedades das outras partes, e a consistência global de suas inter-relações determina a estrutura de toda a teia” (p. 247). Enfim, falando da difícil questão ‘onda’ ou ‘partícula’, Capra acrescenta que “nem a linguagem nem a imaginação estavam suficientemente capacitadas para lidar com esse tipo de fenômeno” (p. 44).

## ECO-REBEL

Essa nova visão de mundo de certo modo foi reforçada com a consolidação da ciência da ecologia, para a qual o que interessa não são os organismos em si que vivem em determinado território nem o próprio território em si, mas as interações entre eles no interior de um ecossistema, delimitado pelo investigador, mas visto como um todo. Logo a seguir, algumas ciências humanas começaram a aplicar essa visão de mundo no estudo de seu objeto, como é o caso da geografia (na verdade, isso já começara com Ratzel no final do século XIX), da antropologia, da sociologia e da psicologia, entre outras. Em 1911, Sapir deu o primeiro sinal de que esses princípios poderiam ser aplicados ao estudo da linguagem também (ver Sapir 1969), mas, foi só no início da década de setenta que Voegelin & Voegelin (1964) e Einar Haugen deram o pontapé inicial para uma abordagem ecológica da língua (HAUGEN, 1972).

### 2. Ecolinguística: uma nova maneira de encarar a linguagem

Em 2017 eu havia dito que o ecossistema integral da língua pode ser considerado

a porta de entrada para um outro mundo, melhor, um outro modo de olhar para o mundo, a **visão ecológica de mundo** (VEM). A quem pretender entrar por ela, podemos lembrar o terceiro canto da *Divina commedia*, de Dante Alighieri, "*Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*" (deixai qualquer esperança, vós que entraís) e dizer "*Lasciate ogni pregiudizio occidentale, voi ch'entrate*" (deixai para trás todos os preconceitos ocidentais, vós que entraís). Lá dentro, tudo vai ser visto de um modo diferente do que estamos acostumados a ver pela **visão ocidental de mundo** (VOM). Ultrapassado o umbral que separa a VOM da VEM, até o mundo natural e o social serão vistos de modo diferente, não apenas a língua (COUTO, 2017b, p. 25).

No segundo parágrafo desse mesmo ensaio, já havia sido dito:

Parafrazeando a paráfrase que Roman Jakobson [...] fez de uma frase de Terêncio, eu diria que *Ecolinguista sum: linguistici nihil a me alienum puto*, ou seja, 'eu sou ecolinguista e nenhum fenômeno da linguagem me é estranho', ou seja, tudo na linguagem me interessa. Aliás, não a mim pessoal e individualmente, mas a todos os que adotam a nova visão de mundo. Isso está registrado no logotipo dos Encontros Brasileiros de Ecolinguística (EBE) (COUTO, 2017b, p. 21).

## ECO-REBEL

Pois bem, certamente por influência dessa nova cosmovisão (VEM) começou a emergir uma reação à rigidez da “língua” do estruturalismo, com concepções mais “interacionistas” de língua. O grande problema com muitas delas é que, também elas, consideravam a língua como um instrumento de interação, de comunicação e, como já vimos, isso implica sua reificação. No início da década de noventa, Fill (1993) e Makkai (1993) pegaram a bola de Haugen e começaram o jogo da ecolinguística. Só que, mesmo vendo na língua algo dinâmico e aberto, embora sistêmico, a ecolinguística por eles proposta começou a usar conceitos ecológicos como meras metáforas, como muito bem observou Garner (2004). Pelo menos de modo explícito, foi só em Couto (2007) que se começou a ver a língua não mais como um instrumento de comunicação ou expressão de pensamento que pode ser estudado importando metaforicamente conceitos da ecologia. Começou-se a vê-la como uma imensa teia ou rede de interações que se dão no interior do ecossistema linguístico. Melhor dizendo, começou-se a vê-la como um processo, uma organização dinâmica, não uma estrutura. A nova visão pôs em prática sugestões de Finke (1996), Trampe (1990), Garner (2004) e Bang & Døør (2007), entre outros, no sentido de ver a língua como um conjunto de interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico.

É bem verdade que desde os começos do estruturalismo têm surgido abordagens de alguma forma interacionistas. É o caso de, por exemplo, etnografia da comunicação (Hymes), teoria dos atos de fala (Austin, Searle), teoria da enunciação (Benveniste), postulados conversacionais (Grice) e ação comunicativa (Habermas). No entanto, nenhuma dessas orientações conseguiu livrar-se da visão de língua como instrumento (reificação) nem encarar a questão pela nova visão de mundo (VEM), com tudo que ela implica. As primeiras tentativas de olhar para a língua ecologicamente (SAPIR, 1969; VOEGELIN & VOEGELIN, 1964; HAUGEN, 1972), além de a verem como instrumento de comunicação, usaram conceitos ecológicos como meras metáforas. O que a linguística ecossistêmica fez foi integrar tudo isso e mudar o enfoque.

No ambiente da VEM não se transportam conceitos da ecologia para a linguística metaforicamente. Com o reforço de novas investigações contidas em Couto/Elza (2013), a ideia de língua como rede ou teia de interações, como processo e organização dinâmica, ficou relativamente bem estabelecida. Nascia a linguística ecossistêmica, de discussões do presente autor com seus colegas de pesquisa (Elza Kioko do Couto, Gilberto P. de Araújo, Davi B. de Albuquerque). A partir daí, constatamos que não usamos conceitos ecológicos como metáforas. Nós praticamos ecologia, no caso, ecologia linguística, outro nome para ecolinguística, e a ecologia linguística que praticamos

## ECO-REBEL

é precisamente a linguística ecossistêmica, pelo fato de nosso conceito central ser o de ecossistema linguístico, do mesmo modo que o conceito central da ecologia biológica é o de ecossistema biológico. Este último é formado pelas interações que se dão entre organismos e respectivo meio ou território, bem como as que se dão entre os próprios organismos. No caso da linguística ecossistêmica, o primeiro tipo de interação (interação pessoa-mundo) leva à designação de aspectos do mundo, também conhecida como referência, denotação, significação, entre outros nomes, dependendo da perspectiva. O segundo tipo de interação, entre quaisquer dois organismos ou, no caso, entre pessoas (interação pessoa-pessoa), constitui a comunicação que, linguístico-ecossistemicamente é chamada de interação comunicativa. Para essa versão da ecolinguística, o último tipo de interação é central, pois ele engloba o primeiro. Nós comunicamos referindo-nos a algo, o que implica que a referência existe em função da comunicação. Nós comunicamos nos referindo a algo fora da linguagem.

A nova concepção de língua na verdade nem é tão nova assim, mas é de difícil aceitação. Ela implica uma mudança de postura, que Capra (2002, p. 244) chamou de novo paradigma, o paradigma ecológico. A linguística ecossistêmica é justamente uma tentativa de se olhar para os fenômenos da linguagem de acordo com essa nova visão de mundo. Ela exige uma mudança em nossas crenças linguísticas. Mas, como disse Einstein, embora isso não esteja comprovado, é mais fácil cindir o átomo do que mudar as crenças de uma pessoa. É aproximadamente como mudar de religião, como do cristianismo para o islamismo, ou vice-versa. Isso implicaria uma drástica alteração da postura frente ao mundo, sobretudo no que se refere às relações entre homem e mulher. É também como mudar de língua, ter que se comunicar em uma outra língua já na idade adulta. O falante teria que encarar o mundo, e falar dele, pelo modo como os membros da nova comunidade o fazem. Por fim, seria como se inserir em uma nova cultura, o que implica os dois casos anteriores. Cada cultura se relaciona com o mundo de modo diferente. Às vezes é difícil aceitar determinados costumes de certas tribos indígenas, como o infanticídio, sobretudo por parte dos cidadãos. Enfim, praticar linguística ecossistêmica é não apenas postar-se na cumeeira da casa, mas também trocar de binóculos para olhar seu entorno e de câmera para registrar o que se observa. Essa câmera deve estar provida de fortes dispositivos de *zoom* a fim de se observarem fenômenos microscópicos, como muito bem explicado por Garner (2004, p. 202).

### 3. Linguística Ecológica: a língua como interação no ecossistema linguístico

Reafirmemos que a linguística ecológica representa uma nova maneira de olhar para os fenômenos da linguagem. Como já observado acima, para as pessoas em geral é extremamente difícil, às vezes impossível, saírem da comodidade de olhar para o mundo como sempre fizeram e como sempre se fez. A tradição da gramática normativa e a própria tradição da ciência linguística têm deixado pré-conceitos dos quais têm muita dificuldade de se desfazerem. A primeira impingiu em nós na escola a ideia estapafúrdia de que o essencial na língua é a escrita, juntamente com todo o sistema normativo que está por traz dela, com o que deixa implícito que a fala seria um derivado empobrecido dela. Por mais que alguns linguistas achem isso absurdo nos dias de hoje, ainda podemos ver essa ideologia sendo manifestada aqui e ali com relativa frequência. A segunda, a linguística moderna, pelo menos em sua maior parte tem dito que a linguagem é um instrumento de comunicação, com o que a reifica. Como salientado em Couto/Elza (2013), a língua não é instrumento de expressão do pensamento nem instrumento de comunicação. Ela é a própria comunicação.

A dificuldade de aceitar a nova concepção de língua se explica por outros motivos. Como disse Fritjof Capra, "as teorias quântica e da relatividade, os dois pilares da Física moderna, tornaram claro o fato de que essa realidade transcende a lógica clássica e de que não podemos falar a respeito dela usando a linguagem cotidiana" (CAPRA, 2002, p. 42). A propósito da teoria quântica Heisenberg afirmou: "aqui não nos deparamos de início com qualquer guia simples que nos permita correlacionar os símbolos matemáticos com os conceitos da linguagem usual; e a única coisa que sabemos desde o início é o fato de que nossos conceitos comuns não podem ser aplicados à estrutura dos átomos" (HEISENBERG, *apud* CAPRA, 2002, p. 42). Como a linguagem natural não dispunha de recursos para isso, usou-se a linguagem matemática, que, segundo Galileo é a linguagem da natureza. O físico David Bohm (2001) foi mais longe, sugerindo uma mudança na estrutura da linguagem natural, da ênfase nos nomes (substantivos) para ênfase nos verbos, o que ele chamou de reomodo (grego: *rheo* = fluir). Tudo isso para evitar ver-se o mundo como uma coisa, composta de coisas menores, mas como processo.

Em vez de estrutura, fala-se agora em redes, processos e organização dinâmica. A rede não tem um ponto central, do qual os outros são dependentes. Até o surgimento da nova visão, o "bom" português era o de Portugal, sendo o do Brasil e dos demais países considerados como uma variação (para pior) dele. Assim, o centro do "bom" português seria Lisboa, cuja linguagem

## ECO-REBEL

deveria ser seguida por todas as demais regiões lusófonas do mundo. Com a nova visão, Lisboa (ou Portugal) como um todo deixa de ser o “centro” do português, e as demais regiões (Rio de Janeiro, Luanda, Maputo etc.) a periferia. Cada uma delas pode ser encarada, momentaneamente, como centro pelo investigador para suas finalidades específicas. Trata-se do pluricentrismo, contrariamente ao monocentrismo anterior (CLYNE, 1992; STORK, 2007; AMORÓS, 2012; BATORÉO; CASADINHO, 2009). No entanto, como ficou claro de discussões que mantive com Gilberto Paulino de Araújo, pluricentrismo também implica ‘centro’, de modo que o mais consentâneo com a visão de redes, processos e organização dinâmica em vez de estruturas, é acentrismo, ausência de centros. Com isso, o investigador pode considerar qualquer ponto da rede como o ‘centro’ *hic et nunc*. Morin (2007, p. 27) disse que “o ecossistema se autoproduz, autorregula e auto-organiza de modo tão mais notável que não dispõe de um centro de controle, de nenhuma cabeça reguladora, de nenhum programa genético. Seu processo de autorregulação integra a morte na vida e a vida na morte”. Na linguagem, essa visão vale não só para o domínio total da comunidade de língua (no caso do português: Timor Leste, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, Angola, Brasil, Portugal), mas também para qualquer comunidade de fala, como esses conceitos estão definidos em Couto (2017a, 2021, p. 31-56). Qualquer lugarejo, por menor que seja, pode ser considerado pelo observador, momentaneamente, o ‘centro’ da comunidade linguística portuguesa. Voltarei ao assunto abaixo.

Repitamos, para a linguística ecossistêmica o núcleo da língua é constituído pelos atos de interação comunicativa (AIC), que se dão no interior da ecologia da interação comunicativa (EIC). Como AIC e EIC têm sido estudados em diversas outras publicações, não vou desenvolvê-los aqui. Gostaria apenas de lembrar que a EIC compreende a) um cenário, b) um falante, c) um ouvinte, d) circunstâncias (o/os que está/ão com falante e o/os que está/ão com ouvinte). Nesse cenário, falante e ouvinte fazem uso de (e) regras interacionais e (f) regras sistêmicas, sendo que as segundas estão incluídas nas primeiras, são suas auxiliares na interação comunicativa. Para aqueles que talvez achem estranho considerar as regras sistêmicas (gramática) como auxiliares das regras interacionais, gostaria de lembrar o que vem dizendo Eugenio Coseriu há muitos anos. De acordo com ele, e interpretando “hablar” como interação comunicativa e “lengua” como regras sistêmicas, “mientras que la lengua se halla toda contenida en hablar, el hablar no se halla todo contenido en la lengua” (COSERIU, 1967, p. 287). Em suma, tudo na língua existe em função da interação comunicativa, como já salientara Roman Jakobson.

#### 4. Motraive

Se dizer que língua é instrumento de comunicação é reificá-la, então, como podemos defini-la? Justificativas filosóficas poderiam recuar a Heráclito (500-450 a.C.) e ao mais recente Wilhelm von Humboldt (1767-1835) bem como o linguista Eugenio Coseriu. Podemos, também, valer-mos de achados da física moderna. Como se chegou à conclusão de que a própria matéria é uma forma de energia, chegou-se também a uma fórmula matemática extremamente simples. Em Capra (2002, p. 155), se pode ler que "a quantidade de energia contida, por exemplo, numa partícula é igual à massa da partícula,  $m$ , multiplicada por  $c^2$ , o quadrado da velocidade da luz". Assim, temos a fórmula:

$$E = mc^2.$$

Em psicologia Kurt Lewin propôs a equação  $B = f(P, E)$ , ou seja, "behavior" é uma função ( $f$ ) da pessoa ( $P$ ) em seu "environment" ( $E$ ). Traduzido ecolinguisticamente, teríamos  $L = f(P, M)$ : linguagem é função ( $f$ ) das pessoas ( $P$ ) em seu meio ( $M$ ) (LEWIN, 1936, p. 11). Como em ciências humanas não é tão fácil lidar com fórmulas matemáticas, podemos nos valer do recurso da sigla, da acronímia. Nesse caso, do ponto de vista da linguística ecossistêmica, poderíamos dizer que a fórmula para língua é:

L=MOTRAIVE

Trata-se de um recurso aparentemente estranho, de difícil aceitação pelo *status quo* linguístico e até pelo leigo. De qualquer forma, ele é melhor do que dizer que "língua é instrumento de comunicação", ou "língua é instrumento de expressão do pensamento", vendo-a como uma coisa. Se linguagem é interação, comunicação, então a definição de que 'língua é o modo tradicional de os membros de uma comunidade interagir verbalmente' (motraive), se mostra surpreendentemente simples. Exatamente como a fórmula física da energia. Trata-se de uma palavra de apenas três sílabas. Como já salientaram diversos cientistas, inclusive o gerativista Noam Chomsky, as questões fundamentais são simples. A aparentemente estranha sigla, que pode ser lida como uma palavra, revela, em sua singeleza, que língua é o modo habitual pelo qual os membros da comunidade interagem entre si por meio de palavras. Essa é a visão global, abrangente, dinâmica e holística da língua, uma vez que açambarca tudo na linguagem, inclusive o sistema. O único senão seria a sílaba complexa /traí/. Mas, isso é de somenos importância, diante das diversas esparrelas em que podem cair aqueles que definem língua como instrumento para isso ou para

## ECO-REBEL

aquilo. Enfim, é sempre difícil nos expressarmos cientificamente porque somos reféns das palavras da linguagem cotidiana. Mesmo que o cientista atribua novo significado a determinada palavra no contexto de sua teoria, as pessoas tendem a vê-la com a acepção que têm na coloquialidade. A reificação da língua certamente se deve ainda ao nosso hábito de achar que toda palavra é o nome de alguma coisa, como já havia dito Parmênides (sec. V a.C.) e como disse Fernando Pessoa: “Saudades, só portugueses / Conseguem senti-las bem, / Porque têm essa palavra / Para dizer que as têm”. Com isso esquecemo-nos de que a palavra nasce para falarmos do mundo e que, só após formada ela se liberta dos referentes, podendo ser usada para nos comunicarmos também sobre o que ainda não existe e até do que nunca existirá (ficção). Do contrário, cairíamos na concepção adâmica de linguagem, como se pode ver no *Gênesis*. Primeiro, temos a situação em que o verbo se fez carne, num verbocriacionismo inaceitável linguístico-ecossistemicamente, embora não pelo construtivismo radical (GLASERSFELD, 1989; MATURANA; VARELA, 2011). Quando constataram que a palavra ‘unicórnio’ não designava nada no mundo real, os norte-americanos implantaram um chifre no meio da testa de um tipo de cervo para “criar” um referente para a palavra. Aqui vem à tona a pergunta de Shakespeare, em *Romeu e Julieta*, “What is in a name?”. Nesse contexto, a palavra ‘língua’ deve designar alguma coisa do mundo. Com isso, esquecemo-nos de que as palavras podem designar não só coisas (substantivos), mas também ações (verbos), qualidades (adjetivos), modos (advérbios), relações entre coisas (preposições) e entre orações (conjunções). Vale dizer, mesmo no contexto das categorias aristotélicas se pode ver que a palavra “língua” não precisa necessariamente designar uma coisa. Ela pode designar relações, ou melhor, interações, que é precisamente o que acontece de acordo com a linguística ecossistêmica. Do nada não se cria nada. Só foi possível imaginar ‘unicórnio’ porque já havia animais “bicornes”, ou seja, os “bicórnios”. Afinal, a língua nasceu para falar de coisas existentes, mas após criada permite falar também do que ainda não existe e até do que nunca existirá, embora seja complicado asseverar que “algo” nunca existirá. Se estou afirmando que “algo” não existe, já estou e referindo algo.

### 5. Hábitos e regras

Em sociologia (DURKHEIM, 1972) e em linguística, como nas primeiras fases da gramática gerativa, se fala muito em regras. Para muitos sociólogos posteriores, essas regras seriam processos sociais que derivariam de processos sociais, não haveria nada de natural nelas. No entanto, Finke

## ECO-REBEL

(1996, p. 40) tem argumentado no sentido de que “elas nasceram de leis da natureza”. Isso vale ainda mais para muitas das regras interacionais, como as seguintes: (a) falante e ouvinte têm que ficar próximos um do outro, aproximadamente um metro; (b) falante e ouvinte têm que ficar de frente um para o outro. Se estiverem muito longe um do outro, o ouvinte pode não ouvir o que o falante lhe disse; se ficarem próximos demais, pode parecer que o falante está invadindo o espaço do ouvinte. Se, por outro lado, não ficarem de frente um para o outro, pode haver mal-entendidos, além da regra (hábito) social de que falar de costas para o interlocutor soa como indelicadeza. Para Finke até as regras morfossintáticas e fonológicas têm a ver com relações da natureza. Vale dizer, de acordo com esse pensador é necessário deixarmos de lado o antropocentrismo e ver que somos parte da natureza, na qual nascemos e da qual fazemos parte. A língua também tem a mesma origem, quando não porque formada por nós humanos: a língua (L) está na população (P), que está no território (T).

Já vimos que tanto a comunicação como a referência fazem parte do ecossistema linguístico, e têm equivalentes no ecossistema biológico. É bem provável que, geneticamente tanto referência quanto comunicação comecem de modo natural, mediante interações concretas, *hic et nunc*, de cada indivíduo da comunidade com o mundo (sensação). Com a repetição dessas interações, os aspectos do mundo com que entra em interação perceptiva começam a se solidificar no indivíduo, passando a ter um certo caráter mental, a fazer parte de seu conhecimento (identificação). A continuidade desse processo e, sobretudo, seu compartilhamento leva as experiências assim obtidas a terem um caráter social e receber um nome, como mostrado na figura da ampulheta da lexicalização (COUTO, 2021, p. 67-70).

No caso específico da nossa linguagem, “durante muitos anos, existiu em nossa cultura um dogma de que a linguagem era absoluta e exclusivamente um privilégio humano, a anos-luz de distância da capacidade de outros animais. Em tempos mais recentes, essa ideia começou a abrandar-se de um modo notável” (MATURANA; VARELA, 2011, p. 234). Assim sendo, as regras de nossa língua (interacionais e sistêmicas) são pura e simplesmente resultados de “interações recorrentes” (p. 200).

A sequência ‘percepção’ de determinado aspecto do mundo (sensação), sua ‘identificação’ e ‘compartilhamento’ desse conhecimento (socialização) leva à necessidade de uma palavra que se refira a ele, que é o momento da ‘lexicalização’. Só assim será possível falar com os demais membros do grupo (comunicar-se) sobre o fenômeno em questão. Tudo isso passa a fazer parte

dos hábitos e costumes da comunidade. Trata-se de hábitos mentais (alguns deles individuais), que podem tornar-se sociais. São esses hábitos sociais que têm sido chamados de regras. Só que regras-regularidade, não regras-regulamento, como lembrou Sériot (1986, p. 143). As regras interacionais são modos comunitários habituais de interagir nos atos de interação comunicativa. Como essas regras incluem as “regras sistêmicas”, também as últimas resultam desses hábitos. O processo que vai da percepção à existência de itens lexicais socializados tem sido representado na já mencionada ampulheta da lexicalização, discutida pormenorizadamente em Couto (2017c) e Couto (2021, p. 67-70).

### **6. Comunidade de fala, redes e processos**

Por ser motraive, o *locus* em que se pode apreender a língua da maneira mais abrangente possível é a ecologia da interação comunicativa (EIC). É aí que se dão as interações comunicativas, que são os diálogos, ou fluxos interlocucionais. Como já vimos, eles geralmente obedecem tanto às regras (hábitos) interacionais quanto às regras sistêmicas, o que já dá a entender que se trata de uma visão holística da língua. Retomando a questão “centro” *versus* “periferia”, sobre a qual a tese do pluricentrismo representou um avanço, temos que ir para o acentrismo. Como na visão holográfica (BOHM, 2001), cada ponto em que detenhamos nossa atenção pode ser considerado como o “centro” da realidade em questão. O que é mais, esse “ponto” tem em potencial todas as propriedades essenciais do todo, implica todos os demais, ainda nas palavras de David Bohm.

Pensemos na comunidade de fala de Major Porto (ex-Capelinha do Chumbo), no município de Patos de Minas (MG), estudada por mim (COUTO, 1974; COUTO, 2021). Essa comunidade de fala (CF) rural de cerca de um mil e quinhentos a dois mil habitantes interage com todas as demais CF da língua portuguesa, imediata ou mediadamente. Ela sofre influência delas e as influencia. Isso porque ela tem, ou implica, todas as propriedades essenciais da língua portuguesa, entre elas as propriedades nucleares de população (P), linguagem (L) e território (T), que constituem o ecossistema linguístico, no interior do qual se formam ecologias de interação comunicativa, com seu cenário, participantes, regras interacionais e regras sistêmicas. Mais detalhes sobre CF por oposição a CL podem ser obtidos em Couto (2017) e Couto (2021, p. 31-56).

Mesmo diante de tudo que foi dito, alguém poderia argumentar que a rede teria um “centro” e uma “periferia”, como a rede de pescar, a de uma grade, de peneira etc. Para evitar isso, imaginemos nossa rede com forma esférica. Nesse caso, qualquer ponto em que nos fixarmos estará em relação

com todos os demais, direta ou indiretamente, imediata ou mediata. Além disso, é importante ter em mente que essa rede esférica é dinâmica, é um processo, não está fechada de modo estanque, mas aberta, recebendo influências do exterior e influenciando-o. Como no caso dos corpos celestes, que são todos esferoides e se influenciam mutuamente, por atração e repulsão. Veja-se o caso das interações entre estrelas e planetas, bem como entre planetas e satélites e assim por diante, estudadas pelos físicos e pelos astrônomos. No caso da CF de Major Porto, ela é uma rede de interações, que faz parte da rede de interações que é a língua portuguesa, influenciando-a e sofrendo influências dela.

### 7. Janelas e cumeeira

Dizer que a linguística ecossistêmica, e todas as ciências que lhe servem de base procuram encarar seu objeto de modo holístico soa um tanto vago. É preciso matizar essa asserção. Pegando carona com o sociólogo franco-brasileiro Michael Löwy, que argumentava em termos marxistas, poderíamos usar a metáfora das janelas e da cumeeira da casa. Dessa perspectiva, modelos teóricos parcelares como a gramática gerativa, a sociolinguística, a psicolinguística, o funcionalismo e a análise do discurso, para mencionar uns poucos exemplos, são janelas. Cada uma delas nos mostra um diminuto aspecto da linguagem. O marxismo, em sua interpretação, ofereceria a vista que se tem da cumeeira da casa (LÖWY, 1985, p. 81), a despeito das implicações político-ideológicas do marxismo. Trata-se de uma visão panorâmica, que desvela tudo que se encontra ao redor. Transposto isso para a linguagem, a janela do gerativismo nos mostraria apenas as regras sistêmicas que, como já vimos, são apenas um dos componentes da ecologia da interação comunicativa, e não o mais importante. Mais, essa janela nos mostraria apenas as regras sistêmicas canônicas, e algumas de suas transformações, na morfossintaxe e na fonologia, provavelmente também alguns aspectos da semântica. Só isso. O funcionalismo mostraria isso e como funciona na interação comunicativa. Ora, isso é muito pouco.

Para ter uma visão não fragmentada, abrangente, holística dos fenômenos da linguagem, temos que ir para a cumeeira da casa, de onde teremos a visão ecossistêmica. O problema é que daí não é possível estudarem-se detalhes, como a nasalidade vocálica em português ou as sentenças clivadas, por exemplo. Mas, isso não é nenhum problema. Para fazer esse tipo de análise o ecolinguista recruta os préstimos de um fonólogo, ou de um sintaticista, respectivamente, que lhe fornecerá os resultados desejados. Outra alternativa seria o próprio ecolinguista fazer a análise

específica, se domina, como é desejável, uma especialidade como as acima mencionadas. De posse do resultado, ele retorna à cumeira e o analisa no contexto abrangente que daí se descortina, a perspectiva da VEM. Em outro lugar eu já comparei isso a um tipo de *zoom*, o que Garner (2004) também fez. Como salientou Capra (2002), as disciplinas parcelares estão no nível da física clássica. No caso dos estudos da linguagem, podemos dizer que as teorias tradicionais também estão no nível da mecânica clássica de Newton (1643-1727) ao passo que a ecolinguística está no nível da teoria da relatividade e da mecânica quântica, dos sistemas complexos, da teoria do caos bem como da ecologia. Para o estudo de fenômenos da vida quotidiana, a mecânica clássica é perfeita. No entanto, para o infinitamente pequeno, nível subatômico, e o infinitamente grande, nível cósmico, ela é insuficiente. Ela só pode ajudar em casos específicos, isolados, que devem ser integrados na visão de conjunto.

Como se vê, a linguística ecossistêmica e a ecolinguística em geral são multimetodológicas. Elas podem usar o método do modelo teórico que for mais adequado para analisar determinados detalhes do objeto de estudo no momento que for preciso fazê-lo. Só que, obtido o resultado, o analista retorna à postura abrangente a fim de analisá-lo ecologicamente. Aliás, as demais ciências sociais de orientação ecológica fazem o mesmo. Veja-se, por exemplo, a psicologia ambiental (GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005).

O mais importante não é ter um modelo próprio de análise. Como disse Richard Dawkins, "muitas vezes, a contribuição mais importante que um cientista pode fazer não é propor uma nova teoria ou revelar um novo fato, mas descobrir um novo modo de olhar para as teorias e os fatos antigos". Afinal, "uma mudança de visão pode produzir algo que é mais grandioso do que uma teoria" e "uma nova maneira de ver, tal como acabei de argumentar, pode representar uma contribuição original à ciência" (DAWKINS, 2008, p. 22-23).

### **8. Observações finais**

Mal comparando, a estranheza perante a asserção de que “língua é motraive” é semelhante à estranheza perante os achados da teoria da relatividade e da mecânica quântica. As duas resultam de uma nova visão de mundo, que exige que o encaremos de outro lugar, ou de mais de um lugar, a partir de cada um dos quais vemos apenas aspectos minúsculos do objeto, para usar um termo do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. A linguagem comum não tem termos e, no caso da teoria da relatividade e da mecânica quântica, expressões capazes de captar a nova realidade

## ECO-REBEL

descoberta. Por isso o recurso à linguagem da natureza, a matemática. No caso da linguagem isso não é possível; a aparente matematização da gramática gerativa capta apenas parte de uma das menores facetas da língua, que são as regras sistêmicas. Por isso, se quisermos ver a língua como os físicos modernos e os ecólogos veem o mundo, só nos resta dizer que língua é o modo tradicional de interagir verbalmente. Tudo nela emerge daí e imerge aí. Diante de tudo isso, podemos dizer que língua é motraive. Depois, é só procurar o que está por trás dessa fórmula sob a aparência de uma palavra simples.

Uma observação final cabe bem aqui. Os estudos de fonologia feitos no contexto do estruturalismo procuravam palavras apenas no dialeto estatal para formar pares mínimos a fim de comprovar a existência de fonemas. Seria um anátema se alguém dissesse que temos o fonema /y/ em português porque ele ocorre em *muié* (mulher), *trabaio* (trabalho) e *veio* (velho). Tampouco seria tido como de bom tom dar termos como *amá* (amar), *vendê* (vender) e *partí* (partir) como exemplos de palavras oxítonas portuguesas terminadas em *a*, *e*, *i*. Usar palavras como *carça* (calça) e *praca* (placa) para exemplificar usos do fonema /r/ seria considerado uma aberração. Do ponto de vista da linguística ecossistêmica, a pergunta que se pode fazer nesse caso é: se essas palavras não estão incluídas no âmbito da língua portuguesa, a qual língua elas pertencem? Não seriam formas de nenhuma língua? Mas, a realidade está aí na nossa cara, mostrando-nos que elas ocorrem em grande quantidade no Brasil, país que se diz falante de língua portuguesa de ponta a ponta, o que incluiria as regiões rurais.

### Referências

AMORÓS, Carla. El pluricentrismo de la lengua española: ¿un nuevo ideologema en el discurso institucional? El desafío de la glosodidáctica. *Revista internacional de lingüística iberoamericana* v. I, n. 19, p. 127-147, 2012.

BANG, Jørgen; DØØR, Jørgen (2007). *Language, ecology and Society: A dialectical approach*. Londres: Continuum, 2007.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz; CASADINHO, Margarida. O Português – uma língua pluricêntrica: O Caso de Timor-Leste. *Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos*, 13–1, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 63-79, 2009.

BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

CLYNE, Michael (org.). *Pluricentric languages: Differing norms in different nations*. Berlim/New York: Mouton de Gruyter, 1992.

## ECO-REBEL

CAPRA, Fritjof. *O tao da física*. São Paulo: Editora Cultrix. 21<sup>a</sup>. ed., 2002.

COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madri: Editorial Gredos, 2<sup>a</sup> ed. 1967.

COUTO, Elza Kioko N. N. do. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.

COUTO, Hildo Honório do. *O falar capelinhense. Uma visao sociolinguistica*. Londrina: UEL, 1974.

\_\_\_\_\_. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, p. 275-312, 2013.

\_\_\_\_\_. Comunidade de fala revisitada. *ECO-REBEL* v. 2, n. 2, p. 49-72, 2017a.  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9690/8558>

\_\_\_\_\_. Mapa mental. *ECO-REBEL* v. 3, n. 1, p. 205-226, 2017c.  
<https://www.periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/10482/9235>

\_\_\_\_\_. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021.

\_\_\_\_\_. Linguística ecossistêmica: um novo modo de estudar os fenômenos da linguagem. In: COUTO, Elza; DOURADO, Zilda; SILVA, Anderson; AVELAR FILHO, João (orgs.). *Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes, p. 21-43, 2017b.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras 2<sup>a</sup> reimpressão, 2008.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

FILL, Alwin. *Ökologie: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

\_\_\_\_\_. (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996.

FINKE, Peter. Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. In: Fill (org.): 27-48, 1996.

GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Oxford/Berlim: Peter Lang, 2004.

GLASERSFELD, E. von. Cognition, construction of knowledge, and teaching. *Synthese* v. 80, n. 1, p. 121-140, 1989.

## ECO-REBEL

GÜNTHER, Hartmut; ROZESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia ambiental : considerações sobre sua área de pesquisa. Série *Textos de Psicologia Ambiental* n. 10, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2005.

HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press: 325-339, 1972.

LEWIN, Kurt. *Principles of topological psychology*. New York: McGraw-Hill, 1936.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: Elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 9ª. ed., 2011

MORIN, Edgar. *L'An I de l'ère écologique et dialogue avec Nicolas Hulot*. Paris: Tallandier, 2007.  
SAPIR, Edward. Língua e ambiente. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, p. 43-62, 1969 (tradução da palestra original de 1911).

SÉRIOT, Patrick. L'un et le multiple: l'objet-langue dans la politique linguistique soviétique. In: GRUENNAIS, Max-Peter (org.). *États de langue*. Paris: Fayard, p. 117-157, 1986.

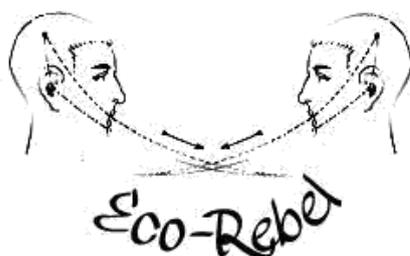
STORK, Yvonne. 2007. Die lexikographische Situation des lateinamerikanischen Spanish: Eine Betrachtung aus sprachökologischer Perspektive. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine (orgs.). *Sustaining language: Essays in Applied Ecolinguistics*. Viena: Lit Verlag, p. 65-81, 2007.

TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik: Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

VOEGELIN, C. F. & VOEGELIN, F. M. Languages of the world: Native America fascicle one -- Contemporary language situation in the New World. *Anthropological linguistics* 6(6): 1-151, 1964.

Aceito em 10/01/2022.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.



## MINIRRESENHAS

---

Os Organizadores

Richard Alexander. *Framing Discourse on the Environment: A Critical Discourse Approach*. New York/Londres: Routledge, 2009.

Minirresenhado por Ubirajara Moreira Fernandes, *Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*

O livro em epígrafe já é bastante antigo, mas, em conformidade com a política de *ECO-REBEL* de trazer o máximo de informação aos leitores, apresentamos uma minirresenha deste livro que até agora não tinha sido divulgado na revista. O autor é um dos mais conhecidos ecolinguistas europeus que vem estudando os discursos sobre globalização, poluição do meio ambiente e o domínio absoluto da língua inglesa no mundo.

Richard Alexander apresenta uma série de estudos de caso originais e empiricamente embasados sobre a linguagem e o discurso envolvidos na discussão de questões ambientais e ecológicas. Baseando-se em uma variedade de diferentes tipos de texto e gêneros – incluindo *sites* de empresas, anúncios, artigos de imprensa, discursos e palestras – Alexander questiona como, na mídia, na imprensa, nos círculos corporativos e entre os ativistas, a linguagem é empregada para defender e propagar posições selecionadas sobre a crescente crise ecológica. Pergunta-se, por exemplo, como as preocupações ecológicas e ambientais são articuladas nos textos. O que aprendemos sobre ‘problemas’ ecológicos por meio de textos de diferentes fontes? Que características de linguagem acompanham o discurso ecológico em contextos e registros diferentes? A atenção é dirigida especialmente para onde esse discurso entra em contato com negócios, questões econômicas e políticas. Os capítulos 2 a 8 já haviam sido publicados sob a forma de artigos ou como capítulos de outros livros. O livro consta dos seguintes capítulos:

Chapter 1: Integrating the ecological issue: Some linguistic self-reflexions.

Chapter 2: Ecological commitment in business: A computer-corpus-based critical discourse analysis.

Chapter 3: The framing of ecology: On the relation between language and economics.

Chapter 4: Everyone is talking about ‘sustainable development’. Can they all mean the same thing?

Chapter 5: Wording the world: The 2000 BBC Reith Lectures as an index of ecological progress or regression?

Chapter 6: Shaping environmental discourse: The example of the 2000 BBC Reith Lectures.

## ECO - REBEL

Chapter 7: Resisting imposed metaphors of value: Vandana Shiva's role in supporting Third World agriculture.

Chapter 8: Environmental Issues, Third World Agriculture and Multinationals: Who Pays the Price?

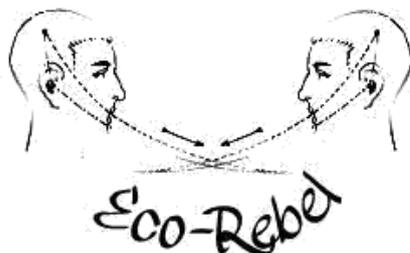
Chapter 9: The Language and Discourse of Power and Orwell's Problem.

Chapter 10: Some concluding remarks on institutional obfuscation and military disinformation and what can be done about it.

Mais informações podem ser obtidas no *site* da editora:

<https://www.routledge.com/Framing-Discourse-on-the-Environment-A-Critical-Discourse-Approach/Alexander/p/book/9780415888356>

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 8, n. 1, 2022.



## ENTREVISTA COM ECOLINGUISTAS

---

Os organizadores

Estava programada para este número de *ECO-REBEL* uma entrevista com o ecolinguista britânico residente na Áustria Richard Alexander – neste número encontra-se uma minirresenha de um livro dele – e inclusive já lhe havíamos enviado as perguntas. Porém, por algum motivo ele deixou de responder nossas mensagens. Para não passar inteiramente em branco esta seção, incluímos aqui um *link* para duas entrevistas do sociolinguista e ecolinguista francês Louis-Jean Calvet, simpatizante da linguística ecossistêmica. De nosso conhecimento, seu único livro especificamente dedicado à temática ecolinguística é *Pour une écologie des langues du monde* (Paris: Plon, 1999). No entanto, toda sua obra pode ser enquadrada no que para os pioneiros Voegelin & Voegelin e Einar Haugen passou a ser chamado de ecologia das línguas (ver logo abaixo), nome que se pode ver no próprio título de seu livro que acaba de ser mencionado. Calvet sempre se dedicou ao multilinguismo. No livro ecolinguístico de 1999 ele apresentou um interessante modelo para explicar a dinâmica das línguas do mundo. Em um pequeno texto 2017 com o título geral de “Les grands penseurs du langage” (Os grandes pensadores da linguagem) e o subtítulo “L’Écologie des langues” (A ecologia das línguas), Calvet apresentou os nomes de Albert Bastardas i Boada Louis-Jean Calvet, Hildo Honório do Couto, Salikoko Mufwene e Peter Mühlhäusler como “les créateurs de l’écologie des langues” (Os criadores da ecologia das línguas), texto disponível em <https://www.decitre.fr/revues/les-grands-dossiers-des-sciences-humaines-n-46-mars-avril-mai-2017-les-grands-penseurs-du-langage-5552002993149.html>

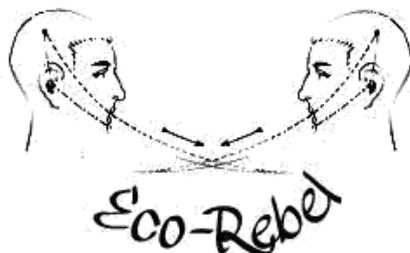
Eis o link para as duas entrevistas, em francês:

Entrevista 1: <https://blog.assimil.com/entretien-avec-louis-jean-calvet/>

Entrevista 2: <https://sites.google.com/site/berroueetoriol/linguistique/entretien-avec-louis-jean-calvet>

Ver também

[https://fr.wikipedia.org/wiki/Louis-Jean\\_Calvet](https://fr.wikipedia.org/wiki/Louis-Jean_Calvet)



## OBITUÁRIO

by Jørgen Christian Bang

### Jørgen Døør 1933-2021

It is with sadness I inform you that one of the great pioneers of Ecology, Language, and Ideology, Jørgen Døør, emeritus of the University of Southern Denmark, died in the summer of 2021, aged 88 years. He was born on 16 March 1933 and grew up in a working-class district in Copenhagen, Denmark. After training and working first as a technical designer and then as a schoolteacher, he completed the doctoral study in philosophy and psychology, after which he became a valued researcher and teacher at the University of Copenhagen. In 1966 he became associated professor in Philosophy at the new Odense University (in 1998 the university was expanded by fusions and renamed University of Southern Denmark). Here he was a very important and charismatic lecturer in propaedeutic philosophy for students from all departments of study at the university and even today he is remembered by many former students for a very vivid and engaging introduction to philosophy and science theory with in-depth reference to the everyday life of students, and the political and ethical issues of that time. As a researcher and teacher, he was an active part of the student rebellion in 1968, and throughout all his work - both in the institutional university framework and in his private work - he always was explicitly aware about the dialectical connections between theory and praxis - and between the researcher, the research, and the society. In most of his researching, he prioritized to cooperate with other critical researchers and students in a collective organization; however, he has also produced several monographs, especially concerning political and ethical philosophy discussions. He worked with Indian and Tibetan philosophy and Buddhism, practiced yoga, and was interested in all avantgarde trends of worldviews and scientific fields, also in the field of natural and health sciences. By his transition to emeritus life in 1998, he published a personal moral philosophy book, *Moral Meditations*, which like most of his publications was published through the printing works at Odense University / University of Southern Denmark and sold by the student bookstore. He largely avoided the large – mainstream – publishers and preferred the personal contact through sharing channels. He was always concerned about the implied power relations to avoid explicit and implicit corruption; he always wanted to contribute to a more democratic and healthier world.

In the period 1971-75 Jørgen Døør and I started our collaboration that continued more or less intensively over the next 50 years. By that time, we established together with four other

colleagues and students a working group hosted by the faculty of humanities at Odense University with the aim to develop and conduct a two-years university pedagogical experiment in a basic cross-disciplinary education. The experiment was characterized, among other things, by the fact that both teachers and students worked interdisciplinarily and collectively together on the formulation and theoretical & practical treatment of vital problems, using different methods and theories, discussing different, competing scientific paradigms, cf. Thomas Kuhn's concept of scientific revolutions. During this period, we outlined the special Danish Dialectical Theory on language and communication, cf. "Language, Theory and Conditions for Production" (in Jacob Mey (ed.), *Pragmalinguistics. Theory and Practice*. Mouton 1979). The concept of dialectics was further developed through the articles and congress contributions of the 1980s on themes such as "Classes and Languages", "Children and Languages" and "Language and Sex and Gender". In the summer 1990, the time became ripe for a more extensive international development of Ecolinguistics. At the AILA World Congress in Thessaloniki, we decided together with Frans Verhagen and Richard Alexander to establish "Ecolinguistics – Ecology and Language" as a symposium theme for the next AILA conferences (in 1993 and 1996) and other international conferences throughout the 1990s and subsequent decades. Back in Odense in the autumn 1990, Jørgen Døør and I established the ELI: Research Group for Ecology, Language, and Ideology, an important network of students and researchers at Odense University (together with Anna Vibeke Lindø, Jeppe Bundsgaard, Sune Vork Steffensen, Joshua Nash, among others). Several prominent researchers were as corresponding members associated to this network, including Richard Alexander, Alwin Fill, Hermine Penz, Frans C. Verhagen, Adam Makkai, Harry Perridon, Adelaide Chichorro Ferreira, Martin Döring, Peter Finke and Wilhelm Trampe. They all contributed to the broader and deeper knowledge and interest concerning Ecology and Language, both under the auspices of AILA, and at their own conferences at European universities.

In his emeritus life after 1998, Jørgen Døør continued to join the Eco-linguistic society. He was thus a fully engaged part in writing and editing the *book Language, Ecology and Society: A Dialectical Approach* (by BANG; DØØR; STEFFENSEN; NASH, 2007: London: Bloomsbury Academic). The work summarizes the key features of Døør & Bang's dialectical philosophy and contains references to much of our theory. In recent years, a congenial connection was established with Hildo Honório do Couto and the journal *ECO-REBEL*. As late as the beginning of 2020, *ECO-REBEL* brought an interview with Jørgen Døør and me. Here Jørgen Døør presented himself in his emeritus life with these words: "Free-lance researcher, novelist (published 14 novels with my wife, Dorte Bay Madsen), pacifist, vegetarian, and ecological activist" (*ECO-REBEL*, v. 6, n. 1, p. 163-172, 2020). The interview and the bibliography stand out as a fine picture of Jørgen Døør's scientific life and work.